

REVISTA

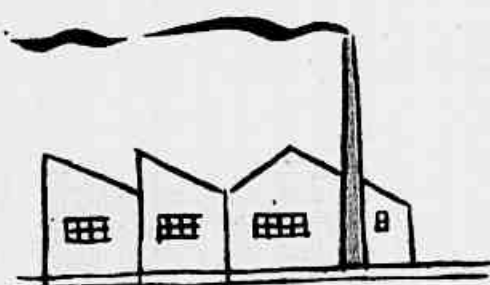
DA SEMANA

N. 45 5-11-55 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil



MENEZES CÔRTEZ E O
"CLUBE DA LANTERNA":

"MENTIRAM DESCARADAMENTE!"



IND. BRASILEIRA

Dep. Prop. RICA*

RADIUM INDUSTRIA E COMERCIO AMERICANO S/A

ESCRITÓRIO: AV. FRANKLIN ROOSEVELT, 115 GRUPO 1005—TEL. 22-1365 - 52-4682
FÁBRICAS: R. BRUNO SEABRA, 61 - 165 — TEL. 29-5939-29-5253 - RIO DE JANEIRO

Exposição permanente das 9 às 22 horas—Av. Atlântica, 1212

DISTRIBUIÇÃO EM S. PAULO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO SÉCULO XX LTDA.
RUA 15 DE NOVEMBRO, 228 — 5º. ANDAR S/ 517 — TELEFONE, 33-4811

**Uma novidade
revolucionária!**

RICAPLAST

**Tinta plastica
para paredes**

FORMULA AMERICANA

Tintas de emulsão à base de resina de acetato Polyvinilico. Forma na parede uma camada plástica. Perfeito acabamento e uniformidade. Solúveis em água. Laváveis à água e sabão. Sua aplicação não exige técnica especial e pode ser feita por qualquer pessoa. Cores

modernas, que, segundo opinião dos médicos, descansam a vista e o sistema nervoso. As paredes pintadas com "RICAPLAST", adquirem um belíssimo aspecto. Mais alta qualidade para uso interno. 12 bonitas cores.

"RICAPLAST B"

COM AÇÃO INSETICIDA

Tintas de emulsão para paredes aliadas a inseticidas organo-sintéticos

de ação altamente tóxica, por mais de 1 ano.

*MARCAS REGISTRADAS

MATERIAL REFLETIVO

Fitas, folhas, discos, letras, tintas e materiais de acabamento refletivo.



VENDAS EM TODO O BRASIL

TINTAS LUMINOSAS

RICADAY-GLO

AS TINTAS MAIS
BRILHANTES DO MUNDO!

FOSFORESCENTE
ILUMINA NO ESCURO



OUTROS PRODUTOS:

**LETRAS
E PAPEIS**

luminosas e refletivas, para preços, dizeres, vitrines, avisos, cartazes etc.

PAPEIS

transparente cristal, vegetal, strong, sulfite, crepon, seda, mata-borrão, veludo. Papeis de fantasia para embalagem e decoração.

**ARTES
GRÁFICAS**

cartuchos, rótulos, embalagem, decalcomanias e impressos comerciais.

**SILK
SCREEN**

Serviços e instalações comerciais e industriais. Estojo de aprendizagem. Material.

RICATOX

Inseticida líquido e em pó e produtos para limpeza.

Sabão, Saponáceo removedores domésticos, etc.

TUDO PARA PINTURA

Tintas, lacas, vernizes, solventes, removedores, thinners, retardadores, redutores, massas e todos os materiais auxiliares.

Fornecemos gratis, literatura, catálogos e informações.

Nome _____

Rua _____

Cidade _____ Est. _____

HERMANN STEINMETZ, SOLDADO
13.979 INFELIZMENTE NÃO VOLTOU

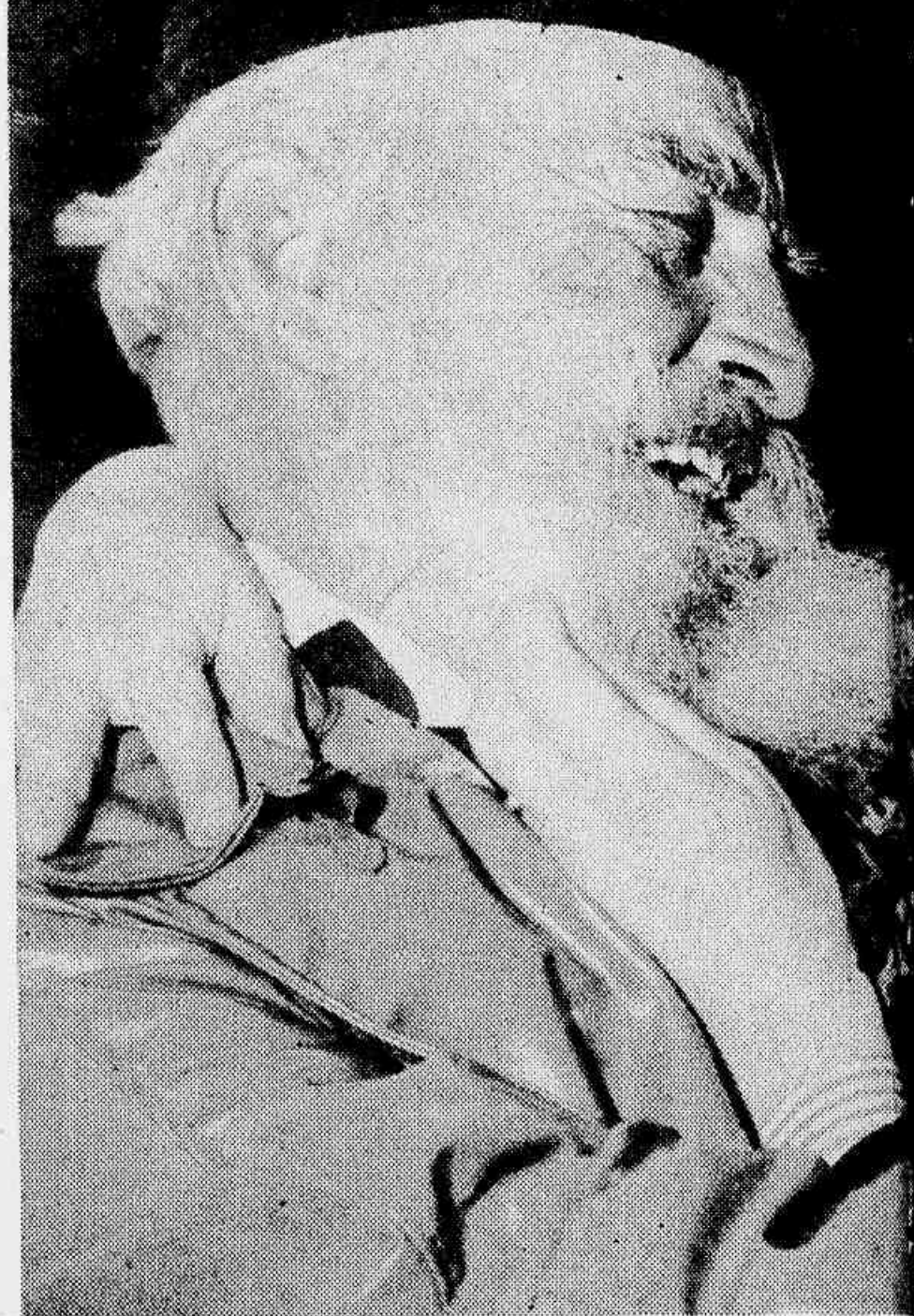


PRISIONEIRO (DOS RUSSOS) VOLTAM À PÁTRIA

O primeiro grupo de prisioneiros alemães regressa à terra natal —
A emoção popular — Os que não voltarão nunca — Oficiais-
generais devolvidos pela Rússia — A alegria de esposas, filhas e mães.

APÓS UMA AUSÊNCIA que vai entre dez e dezessete anos — ausên-
cia de trabalhos e de sofrimentos inauditos — regressam à Alemanha os
primeiros grupos de prisioneiros de guerra capturados pelos Russos duran-
te a última guerra. Voltam poucos, dos muitos milhares que partiram para
a frente, e estes mesmos trazendo, nas retinas, a marca de espetáculos
horribais, que não conseguirão jamais olvidar. A população das cidades
que ainda passam, tributar-lhes manifestações carinhosas de apreço, que
tentam mitigar, por pouco que seja, todo o horror dos anos que fi-
zeram para eles, evitando-lhes a certeza de que dias melhores começam
para eles. Que nunca mais a tragédia da guerra possa arrancá-los a suas
esposas e filhas, mães e irmãs; que nunca mais a estupidez da guerra os
conduza a afastar da pátria; que nunca mais a violência os inspire.

Prisioneiros (dos russos)



ESSE VELHO SOLDADO, de setenta e dois
anos de idade, prisioneiro desde 1942, abraça
com grande êxtase uma enfermeira que

APÓS uma série sensacional de vitórias, que
o levou quase que ao coração de Moscou,
por muitas semanas ameaçando penetrar nos
subúrbios da velha cidade imperial, hoje trans-
formada na Meca da Rússia Soviética, viu-se o
braços o Exército Alemão com uma série de
tremendos problemas, que terminou por fazê-lo
retroceder, palmo a palmo, cedendo o terreno
a duras penas conquistado, com perdas imen-
sas de homens e de material, Sebastopol e Sta-
lingrado foram marcos épicos na luta tenaz en-
tre alemães e russos; mas, se Sebastopol, após
uma resistência de um mês aproximadamente,
tombou em poder do adversário, Stalingrado
resistiu milagrosamente ao poder esmagador do
exército germânico, de sorte que, ao terminar a
grandiosa batalha — a maior dos tempos mo-
dernos — quem ficara esmagado era o poderio
militar alemão, ao passo que o poder russo cres-
cia de maneira assustadora, a ponto de levar
de roldão a vanguarda alemã até ao âmbago
de Berlim, onde o armistício terminou por ser
assinado.

No inverno de 1944, os corpos de exército
alemães entranhados na Rússia começavam a
recuar apressadamente, assolados pela neve
e pelos soviéticos, que de braços dados, liqui-
davam os ousados conquistadores germânicos
— como, tantos anos atrás, já haviam feito com
os franceses de Napoleão. Os mortos empilha-
vam-se pelas estradas, os feridos eram abando-
nados à própria sorte, enquanto milhares e mi-
lhares de homens se entregavam. Calcula-se
que cerca de 800 mil soldados alemães caíram

A ESQUERDA, VISTA da multidão que
acelista, em Eschwege, Alemanha, a che-
gada do primeiro grupo de repatriados
alemães, provenientes da Rússia. Ao lado,
um grupo de oficiais alemães, no inte-
rior do ônibus que os conduz de volta à
terra natal. Levam flores nas mãos —
flores que lhes foram há pouco ofereci-
das pela população da cidade alemã.





Ele dá boas vindas, ao chegar à cidade de
soques, um moço e uma moça, e os
antigos componentes da extinta «Wehrmacht».



O ENGENHEIRO Ernst Henne abraça sua esposa e
grasnar à Alemanha. Quando partir, sua esposa
que para orgulhosa ao lado do pai, que...



Prisioneiros (dos russos)



A JOVEM ALEMANHA saúda a antiga geração, que volta dos campos de concentração soviéticos com o sinal de cansaço estampado nos olhos. Que as crianças de hoje não se transformem jamais nos soldados sedentos de vitórias sangrentas, como até agora vem acontecendo no mundo.



dessa maneira em poder dos russos, desde o início da guerra russo-germânica, em 1941, até fins de 1944, inclusive algumas dezenas de marechais e generais — entre eles o admirável Feld-Marechal Von Paulus, orgulho da infantaria alemã, aprisionado em Stalingrado, e hoje, ao que parece, convertido ao comunismo.

Todos esses homens tomaram o caminho dos campos de concentração soviéticos, onde passaram longos anos, entregues a privações e a trabalhos forçados de toda sorte. Agora, dez anos passados desde o término da guerra, começam a voltar à Alemanha os primeiros grupos de soldados repatriados pelos russos. São magotes de prisioneiros, em número de seiscentos ou oitocentos cada qual, que regressam à pátria, recebidos alegremente pela população. Há cerca de um mês, um desses grupos, de 600 ex-combatentes, passou por Eschwege com destino a Friedland. Compunham-no 24 oficiais generais, cujas vestes elegantes e estado excelente de saúde contrastavam estranhamente com as rústicas roupagens dos soldados, e seu estado físico deficiente. De qualquer modo, cerram-se as últimas feridas deixadas pela guerra no coração da Europa. E que as marcas das cicatrizes lembrem sempre aos homens a inutilidade das batalhas e a melancolia das derrotas. (Fotos U. PRESS).

VESTINDO OS PESADOS trajes russos contra a neve e o frio, com os toscos sapatos que desafiavam a lama, desfilam esses soldados pelas ruas de Friedland, de volta à pátria distante e saudosa.

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira

ASSISTENTE.... José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Menezes Júnior, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jerônimo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Prisioneiros (dos russos) voltam à pátria	3/6
Poeira de Estrélas	8/10
Um país lendário: o Líbano	16/18
O Brasil e a pesquisa nuclear	20/22
Uma camponesa que ouviu vozes	24/25
Brasil de Pedro a Pedro	26/29
Visita ao passado	38/39
Esperava-se um duelo sensacional	40/43
O salto dos pára-quedistas	44/45
Mentiram descaradamente!	47/49

● SEÇÕES

Champanhota	11
Puxe pelo cérebro	12
Semana em Revista	14/15
Astrológica	19
Música	22
TV na Revista	23
Femininas	32/33
Por esse mundo de Deus	34/35
Palavras cruzadas	36
Literária	37
Revista há 50 anos	46
Último flash	50
Figura em foco (Coronel Côrtes)	51
Fortuna	54/55

● LITERÁRIA

A Costela de Adão (A. Nery)	7
A Dactilógrafa (J. Louzeiro)	30/31
O beijo de El Diablo (B. Cartland)	52/53

● CAPA

Maria della Costa



Desenho de MARIA TEREZA

A COSTELA DE ADÃO

Os homens sempre criticaram as mulheres pelo incontrolável fascínio que sentem elas pelas jóias. Uma mulher dominada por colares de pérolas, por esmeraldas, por rubis, por safiras e brilhantes é no conceito deles uma doidivana e um elemento de perturbação aos bons princípios familiares. Mas isso meus leitores, é apenas pelo prazer de acrescentar mais um defeito ao sexo frágil. No fundo são eles os que mais contribuem para o motivo de pecado tão irremissível. São os homens que fabricam as jóias, que empregam requintes de gosto na confecção de uma peça de adorno pessoal, a tal ponto que passa de adorno, à obra de arte! Se Deus inventou essa riqueza maravilhosa escondida nas entranhas do solo e se estabeleceu na ostra uma doença valiosa, porque não amar também as pedras preciosas e as pérolas da mesma forma como amamos uma estrela ou uma bela paisagem clara e luminosa de verão?

● Mas, não saindo da crítica que os homens fazem às mulheres pelo fato de não resistirem às jóias, eu irei em defesa dizendo que, a mesma alucinação e os mesmos prejuízos morais têm eles pelos automóveis.

Por um carro, último modelo, os homens vendem a alma, dão desfalques, passam fome, vergonha, assinam vales, cortam drasticamente o essencial nos seus lares e chegam mesmo ao assassinato quando um distraído

faz um arranhãozinho no pára-lamas do seu modelo último ano!

Já vi chefes de família com ordenados apenas suficientes para manterem a mulher e os filhos num conforto modesto, cortarem verbas domésticas, afastarem os professores dos filhos e andarem com roupas surradas e velhas, em benefício da aquisição do último tipo de automóvel estampado num folheto da agência especializada!

● Parece que esta fascinação desordenada dos homens pelos carros está na mesma classe da loucura das mulheres pelas jóias!

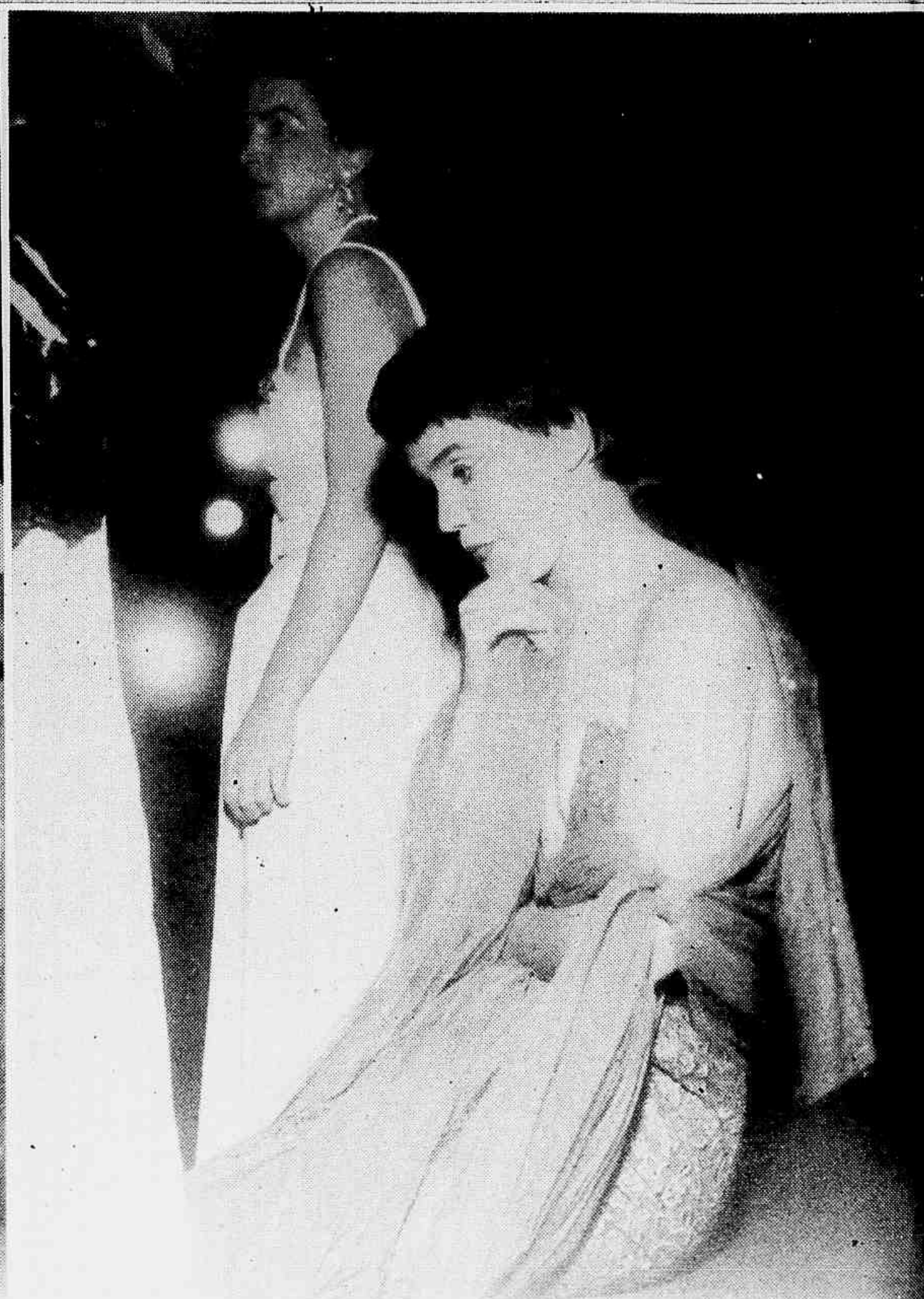
Acabo de ler que no último leilão Automobilístico de Paris, há um modelo de Cadillac tão ultra moderno, tão ultra luxuoso, tão ultra confortável que mereceu o nome de «sonho espetacular». A essa hora quanto homem anda sofrendo e se sacrificando para adquiri-lo! E depois dizem que as mulheres são vãs de cabeça, que são pueris e inconseqüentes porque adoram um brilhante no dedo e um belo colar de pérolas no pescoço! Que injustiça! Os homens são tão passíveis de fraqueza quanto as mulheres.

Por acaso Eva não saiu da costela de Adão?

ADALGISA NERY



Moriceira faz uma evocação pitoresca de «Jezabel», um de seus maiores sucessos. — Iracema de Alencar (Come back, Sheba!) compareceu à recepção de Miloca (Dercy) mesmo não sendo sábado. — Alda Garrido (Mulher de Briga) e Dercy, as duas grandes características, contracenaram juntas, enquanto Maria Della Costa monologava: «Estou cansada de ser bonita... agora sou artista!» E Alda: «Também cansei de ser... Xepa!»

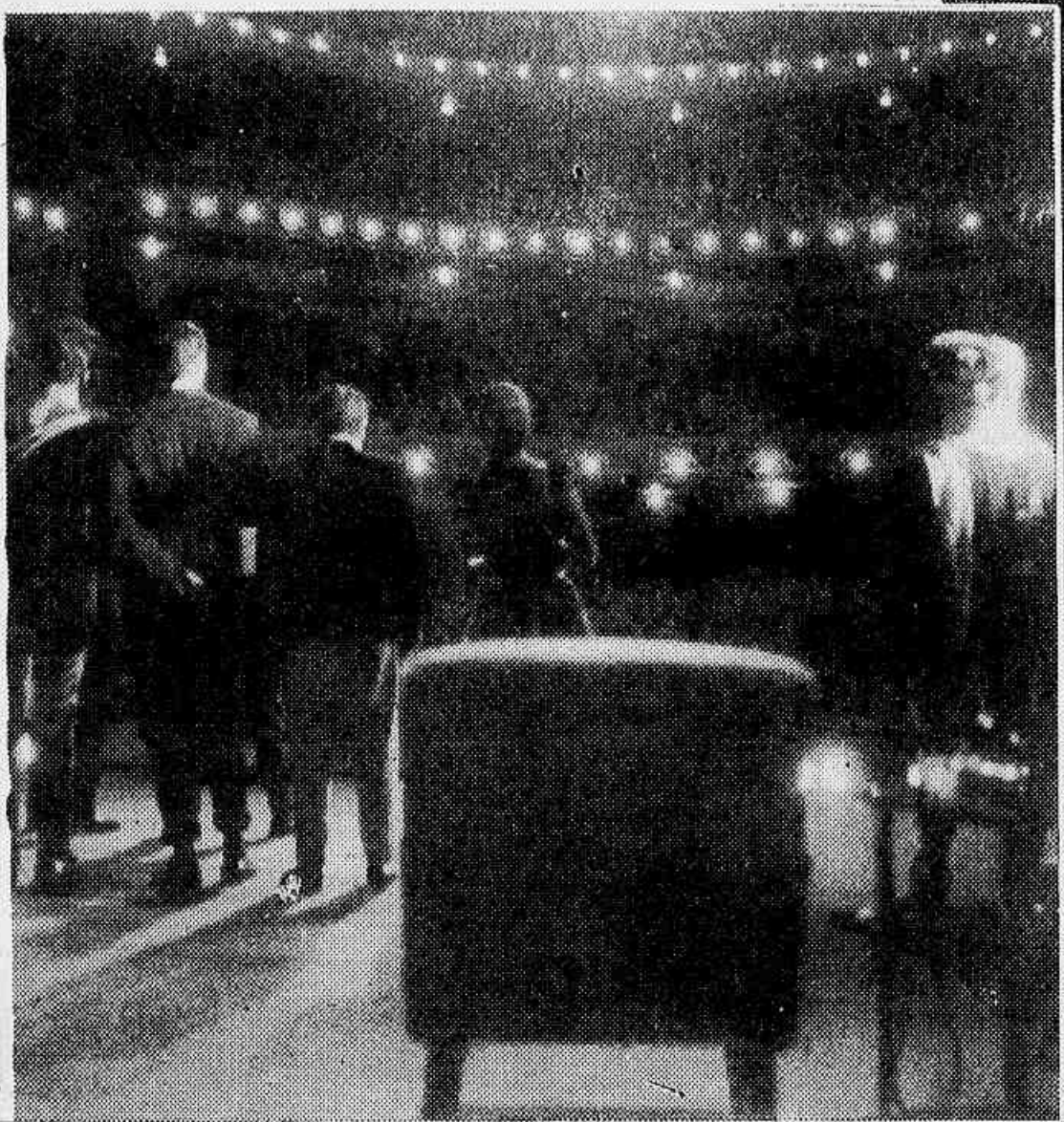


Du
com
bui
a v

4

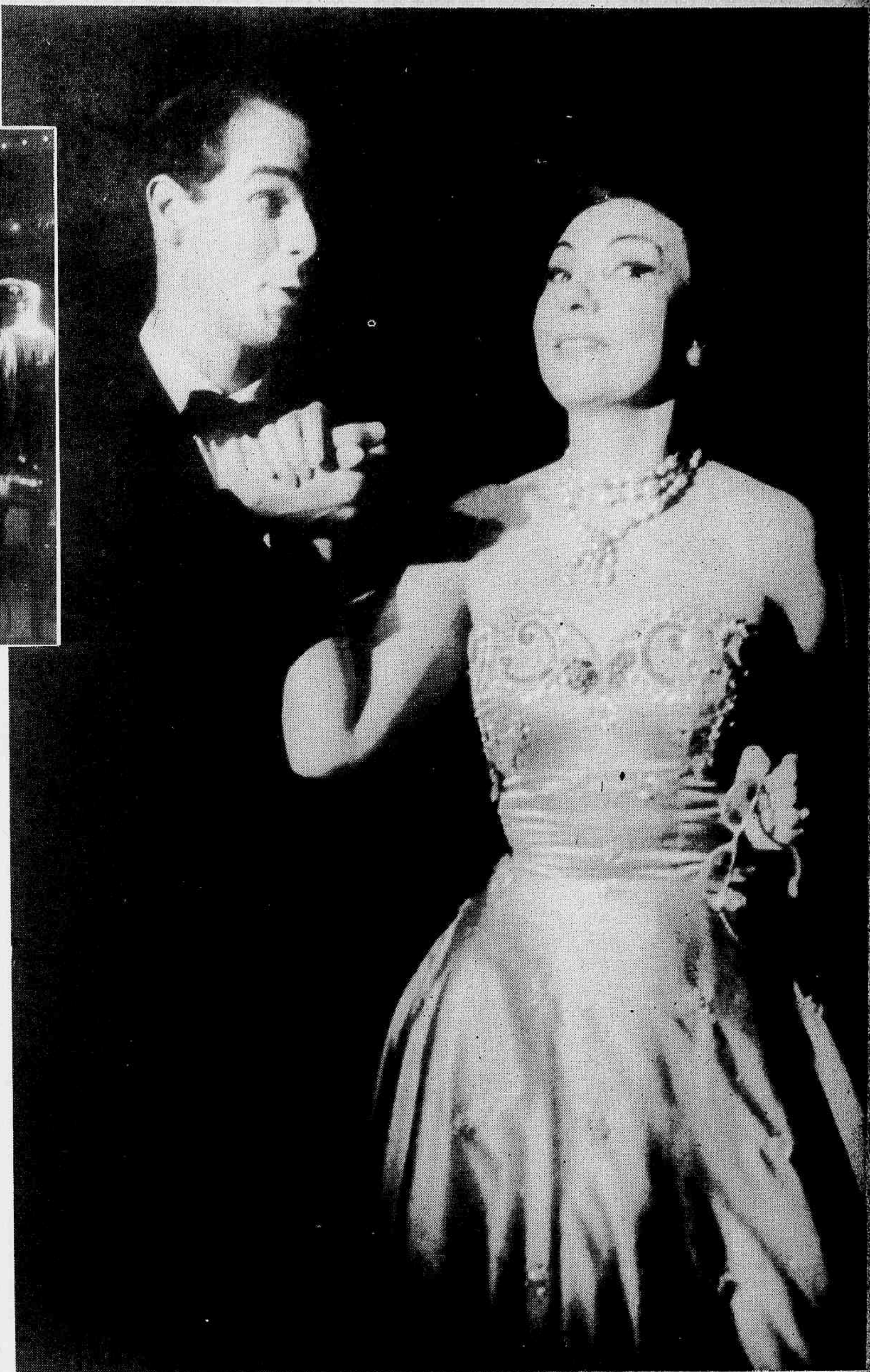
U

de
cip
po
dê
da
tra
a



Atores e atrizes de primeira grandeza, constituindo o mais famoso elenco já reunido no Brasil, contracenaram juntos e deram ao mundo um exemplo de união de classe ★ Pela primeira vez comemorado o aniversário da ONU com a imponente merecida

Dulcina — a grande Dulcina — comoveu-se com os aplausos delirantes do público, distribuídos entre ela e seus colegas de ideal. Aqui a vemos, com Maurício Barroso, galã do T.B.C.



“POEIRA DE ESTRÊLAS”

uma lição de fraternidade da gente de teatro

Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

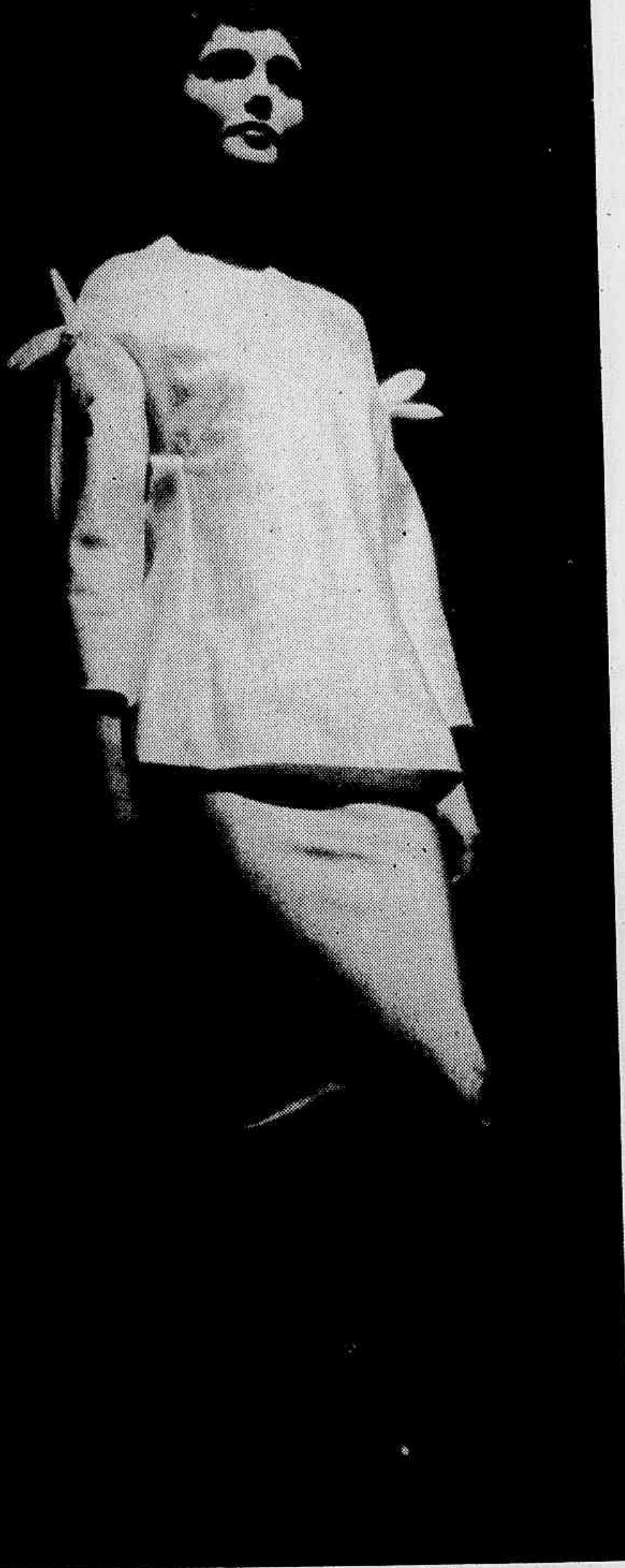
● Já os cronistas teatrais disseram o que foi a noite de 24 de outubro, com «Poeira de Estrêlas», no Municipal. Mas não disseram tudo. Porque esse espetáculo pode ser apreciado sob múltiplos aspectos, e um deles, que me parece o menos explorado, é o da lição dada pela gente de teatro a muitas outras classes de trabalhadores. Ator e atriz é uma espécie humana igual a qualquer outra, sob alguns prismas, os de sentido

social inclusive. Tem problemas econômicos, sofrem dores morais e físicas, precisam comer, dormir, fazer exercícios e ter um mínimo de conforto — como todos nós.

Mas, por mais que se queira igualar o ator e a atriz aos seres humanos em geral, não me parece que isso se possa fazer, dado o ambiente em que vivem a maior parte do tempo, dentro da sua «oficina»,

quer dizer, do teatro. Lá dentro eles são outros, despersonalizam-se quando entram em cena, são uma criatura diferente em cada novo papel. Mas, quando agora se ouviu a clarinada de Dulcina, convocando os seus companheiros, o que se viu foi a demonstração mais bela de fraternidade, partida de uma classe tão pouco acostumada a viver igual aos outros! Parece que de tanto se despersonalizar, por dever de ofício

"POEIRA DE ESTRÉLAS"



Outra intervenção de Maria Della Costa, que veio de S. Paulo para «Poeira de Estrélas».



Os quarenta «astros» e «estrélas» apareceram assim ao público, quando o velário abriu: de mãos dadas enquanto Joraci Camargo lia a sua saudação à ONU.

(ofício ou arte?), o ator e atriz são mais amigos, confraternizam melhor, na coletividade, ainda que não se pensasse assim. As pequeninas rivalidades de bastidores, ficam nos bastidores. As competições artísticas, ficam no palco. E na hora de «um por todos, todos por um», foi o que se viu no Municipal: dezenas de primeiras figuras, contracenando juntas, sem ciúme, sem competições, igualadas e dando à platéia uma lição de como se pode trabalhar pela coletividade. Dulcina, talvez nem ela mesma, esperasse um testemunho tão majestoso de união da sua classe!

Pela primeira vez, na mesma peça, trabalharam juntos Alda Garrido e Sérgio Cardoso, Aimée e Paulo Autran, Iracema de Alencar e Colé, Maria Della Costa e Rodolfo Mayer, Morineau e Teófilo de Vasconcelos, Tônia Carrero e Jaime Costa, Heloisa Helena e Delorges, Dercy Gonçalves e Maurício Barroso, Conchita de Meraiis e Armando Couto, Beyla Genauer e Luiz Tito, Nicete Bruno e Ziembinski, Laura Suarez e Oscarito, e outros, e outras...

Penso que nenhum desses artistas deixará de reconhecer em Dulcina a alma e o cérebro desse milagre. Se a ONU existe para aproximar os homens de boa vontade, que boa oportunidade soube encontrar Dulcina para mostrar a união da gente de teatro!

Houve momentos deliciosos nesse espetáculo. Por exemplo, quando Maria Della Costa repetiu a sua frase célebre:

— Estou cansada de ser bonita...

E Alda Garrido, a imitá-la, saiu-se com esta:

— Pois eu estou é cansada de ser Xepa...

Ou então, quando Don João VI, barrigudo e comilão, perguntou se havia franguinhos bem tenros para seus dentes gastos e lhe responderam que agora, com a COFAP, os frangos andavam pela hora da morte. Tanto bastou para que D. João VI (Jaime Costa) tivesse «uma coisa» e desmaiasse.

Os «cacos» de Dercy, a «briga» na platéia de Rodolfo Mayer (que esqueceu o nome da dona das «Mãos...») com Dulcina, os Três Lampiões, a atriz Iracema a procurar a Sheba entre as poltronas, na platéia, tudo isso foi magnífico. E inesquecível.

Agora uma surpresa: Dulcina prometeu, na sua volta da Bahia, estudar a possibilidade de um segundo espetáculo com «Poeira de Estrélas». Foi o Prefeito Alim Pedro quem aconselhou Dulcina a tomar essa atitude, pondo desde logo o Municipal à sua disposição. Será possível? Mas os intérpretes andam agora espalhados pelo interior. Fácil não é. Contudo, essa gente de teatro, com Dulcina à frente, está disposta a fazer milagres.



Os alunos da Academia de Teatro, subordinada à Federação Brasileira de Teatro, estrearam as capas brancas, simbólicas, elegantes e bonitas.

A SEMANA COMEÇOU COM MÚSICA E CONTINUOU COM CALMA. — A ESCOLHA DA REPRESENTANTE DO CLUBE DOS CAIÇARAS.

Bernice Parks, que cantou até recentemente no Copacabana, não se apresentará mais em São Paulo. Os entendimentos entre a cantora norte-americana e a «boite» Oásis, não chegaram a bom termo.

★

O sr. e sra. João Saavedra chegaram da Europa. O senhor Carlos Eduardo de Souza Campos transforma-se em operador, no momento de projetar na tela os filmes que seu filho e amigos querem ver: as aventuras do galo e do rato. Enquanto «seu» lobo não vem, a srta. Carmen Therezinha Solbiatti e o sr. Tony Mayrink Veigo continuam saindo com frequência e decisão.

★

A Cruzada contra a tuberculose que tem na sua presidência a sra. Almirante Fonseca Costa está organizando, como já aconteceu ano passado, o bazar de Natal, que conta com a colaboração de quase duzentas senhoras e senhoritas da sociedade. O bazar funcionará no Copacabana, nos dias 8, 9 e 19.

★

A Sociedade Hípica que vem organizando jantares dançantes nas terças-feiras, marcou um grande ponto ao apresentar «A Grande Revista», de Carlos Machado. Os associados estão de parabéns, por terem tão bons diretores à frente da sociedade.

★

A semana começou com música continuou com calma e assinalou vários aniversários. A simpática srta. Beatriz Gallembek foi homenageada pelos seus amigos que se reuniram no «Sacha's». O sr. Osvaldo Vidigal pretendia oferecer um jantar, mas, na última hora, sua cozinheira pediu as contas e a comemoração teve que ser adiada. Será, durante a semana que se desenrola. Depois, foi a vez do sr. Fritz de Alencastro Guimarães. Aniversariou num dia, compareceu ao «ballet» e, depois, na casa do ministro e senhora Alencastro Guimarães estourou-se a champanha. A estes meus dois amigos, os parabéns desta coluna.

★

No momento em que escrevo esta seção, chegou ao máximo a agitação em torno da provável representante do Caiçaras ao título de «Miss Bangu de 1955». Aquê clubê já deu as duas existentes «elegantes». Esta nota está sendo escrita algumas horas antes delas darem as passadas na passarela. O clube da Lagoa, temos certeza, pois conhecemos as concorrentes, colherá uma candidata fortíssima.

O Lagoinha Country Club está convidando para o baile de gala que fará realizar, dia 4, sob o patrocínio de honra de S.A.I. Princesa Dona Esperança de Orleans e Bragança. A srta. Eliana Moura, uma das que patrocinam o acontecimento, está trabalhando ativamente para que sejam passados todos os convites. Seus exercícios diários de equitação foram suspensos.

★

Os norte-americanos exigiram que a jovem decoradora Lúcia Cortez, pusesse de quarentena o material que pretendia levar para os Estados Unidos, onde ia expor. Acontece que Lúcia não irá mais, pois, passados os quarenta dias, sua viagem não terá mais oportunidade.

★

E' extraordinário o sucesso que o «ballet» vem alcançando na atual temporada do Municipal. Em tôdas apresentações, o teatro esteve repleto de pessoas de Sociedade. Foi muito aplaudido o «The American Ballet Theatre».

★

O almirante Richard Whitehead, chefe da Missão Naval dos Estados Unidos, ofereceu um «cock-tail» no Glória ao embaixador Jammes C. Dunn e senhora. Estiveram presentes à recepção pessoas do Corpo Diplomático e da sociedade.

★

Obteve pleno sucesso o Segundo Salão dos Decoradores, no Copacabana Palace. Ouvimos insistentes elogios aos trabalhos dos senhores Hênio Moreira e João Henrique Vieira. O primeiro apresentou uma sala de casa de pescador, ao qual não faltou o retrato destes bons desportistas que são o sr. e sra. Betty Faria. O segundo, um pequeno quarto, cujo aproveitamento é total e de bom gosto. O sr. Júlio Sena fez um belo trabalho, de muito bom gosto, mas sempre com aquê tom de «glague».

★

O Astória completamente lotado assistiu à apresentação do filme «Si Versailles m'était conté», de Sacha Guintry. Tratava-se de uma noite de caridade, em favor das obras sociais franco-brasileiras e sob o patrocínio dos srs. ministro Raul Fernandes e embaixador Bernard Hardion, da França.

★

A Associação Brasileira de Imprensa resolveu atender o desejo da cantora Amália Rodrigues e lhe ofereceu uma «verdadeira feijoada», uma vez que a cantora alegara que nunca tivera uma oportunidade de saborear o famoso prato brasileiro. Herbert Moses, na ocasião, fez um rápido e engraçado «speech».

● Não é esta a primeira vez que este colunista se preocupa com o abandono em que anda o turismo no Brasil. A mais rendosa indústria francesa. Grande fonte de divisas para a Itália e para a Espanha (cada vez seu turismo é mais bem feito), é completamente abandonada pelo Brasil que tanto tem direito de esperar da vinda de turistas. Atualmente, quatro homens que são verdadeiros heróis, por suas próprias contas e sem custarem um único centavo aos cofres públicos que, em outras ocasiões, são tão pródigos, estão lutando para conseguir que o Congresso da ASTA (Associação Internacional de Agência de Turismo) de 1959 seja no Rio. Lutam, estes quatro bravos, contra outras delegações que têm a mesma pretensão e que contam com mais de quinze homens para desenvolverem o trabalho de catequese dos outros congressistas, além de numerosos grupos vestidos à moda do país que representam. Outros, levaram ainda «stands» completos que montaram em Lousanne (local da atual reunião) e expõem produtos comerciais de suas pátrias.

Mas, os quatro brasileiros estão trabalhando com afinco e pretendem levar a bom termo a missão que se propuseram. Se conseguirem, terão dado um grande passo. Um passo decisivo, pois a visita da ASTA a um país pode modificar completamente o panorama do país visitado.

A boite «Chicote», em São Paulo, teve uma noite carioca. Quase todos eram do Rio. Foi notada a presença, numa das mesas, de Cacilda Becker e do sr. Nelson Seabra. O romance continua.

★

A Sociedade Hípica compareceu em péso para aplaudir o espetáculo do sr. Silveira Sampaio. «O Samba Nasce no Coração». Trata-se de mais uma grande iniciativa do sr. Luís Barroso que, na qualidade de diretor social daquela agremiação, tanto vinha fazendo. Pena para todos nós que ele agora se retire.

★

E' difícil noticiar o aniversário do juvenzíssimo Alberto de Faria, pois o pai é Alberto e o avô, idem. Mas, fiquem todos sabendo que o aniversariante é irmão da simpática, e igualmente juvenzíssima Adalgisa que não quer mais ser chamada pelo apelido. Muitas mães foram levar seus filhos. A casa da Urca ficou repleta de vozes infantis.



Momentos antes do concerto de Eleazar de Carvalho, este cronista conversa com as sras. Baronesa de Saavedra e João Saavedra.



Saudando a imprensa, fala o sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey. Ao lado, o sr. Herbert Moses, presidente da A.B.I.

Filhos sadios

As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição física lhes permite ser activas, esportivas e bem-humoradas.



E, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inesperienza dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

EM SÃO PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



NÃO SOFRA
POR GÔSTO...



A Senhora pode aliviar
os males próprios de seu
sexo, usando

REGULADOR SIAN

Indicado nas dismenorréas

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—«Assim falou Zaratustra» é de:

- Nietzsche?
- Fichte?
- Schopenhauer?

2—Há também uma composição sinfônica com o mesmo título:

- de Richard Strauss?
- Oskar Strauss?
- Johann Strauss?

3—Zaratustra escreveu:

- Zend-Avesta?
- Talmud?
- Mishna?

4—O Alcorão possui quantos capítulos:

- 126?
- 215?
- 114?

5—«Ecrasez l'Infamme», dizia, ao referir-se à Igreja, o escritor:

- Taine?
- La Boétie?
- Voltaire?

6—O padre Antônio Vieira nasceu em:

- Pernambuco?
- Bahia?
- Portugal?

7—Felipe II fundou o mosteiro de:

- San Carlos del Escorial?
- San Tiago del Escorial?
- San Lorenzo del Escorial?

8—Foi o autor de «Cristal»:

- Bernardim Ribeiro?
- Cristóvão Falcão?
- Antônio Ferreira?

9—Como se chama o atual Presidente da Itália:

- Brandi?
- Crespi?
- Gronchi?

10—Durante a primeira Guerra Mundial, quando o Brasil entrou no conflito ao lado dos aliados, era Presidente:

- Delfim Moreira?
- Wenceslau Braz?
- Prudente de Moraes?

11—Em que ano aconteceu:

- 1916?
- 1915?
- 1917?

12—Sua morte determinou uma revolta, em São Paulo.

- Anita Garibaldi?
- Juó Bananere?
- Libero Badaró?

13—Foi o pai do impressionismo:

- Manet?
- Monet?
- Marquet?

14—«Conto é o que se chama conto» — conceito errôneo de:

- Oswald de Andrade?
- Mário de Andrade?
- Goulart de Andrade?

15—O que possuem em comum Manuel Bandeira e Olegário Mariano:

- são primos?
- são pernambucanos?
- são poetas?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Nietzsche; 2 — Richard Strauss; 3 — Zend-Avesta; 4 — 114; 5 — Voltaire; 6 — Portugal; 7 — San Lorenzo del Escorial; 8 — Cristóvão Falcão; 9 — Gronchi; 10 — Wenceslau Braz; 11 — 1917; 12 — Libero Badaró; 13 — Monet; 14 — Mário de Andrade; 15 — São primos, pernambucanos e poetas.

Aguardem



para

1956

ALMANAQUE EU SEI TUDO

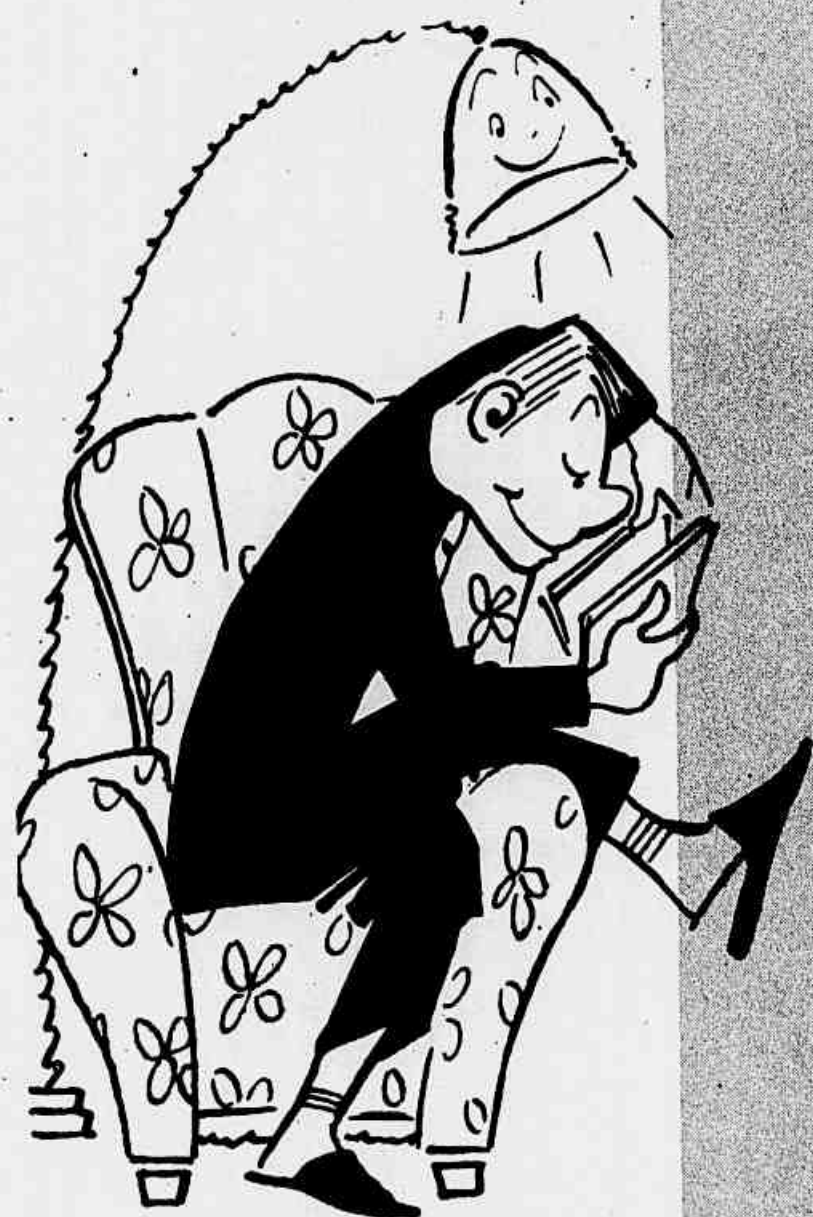
**O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO
QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE
SEXO, IDADE E PROFISSÃO!**

CALENDÁRIO PERPÉTUO ★ CALENDÁRIO PERPÉTUO
DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDÁRIO CATÓLICO ★
CALENDÁRIO PROTESTANTE ★ CALENDÁRIO CIVIL
★ CALENDÁRIO CRISTÃO ★ O ANO AERONAUTICO
★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRAFICO
★ O ANO ARTÍSTICO ★ O ANO AUTOMOBILISTICO
★ O ANO CIENTIFICO ★ O ANO EX-LIBRÍSTICO ★ O
ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRÍCOLA ★ FASES
DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS
ANOS, CONCORDÂNCIAS COM AS DEMAIS ERAS

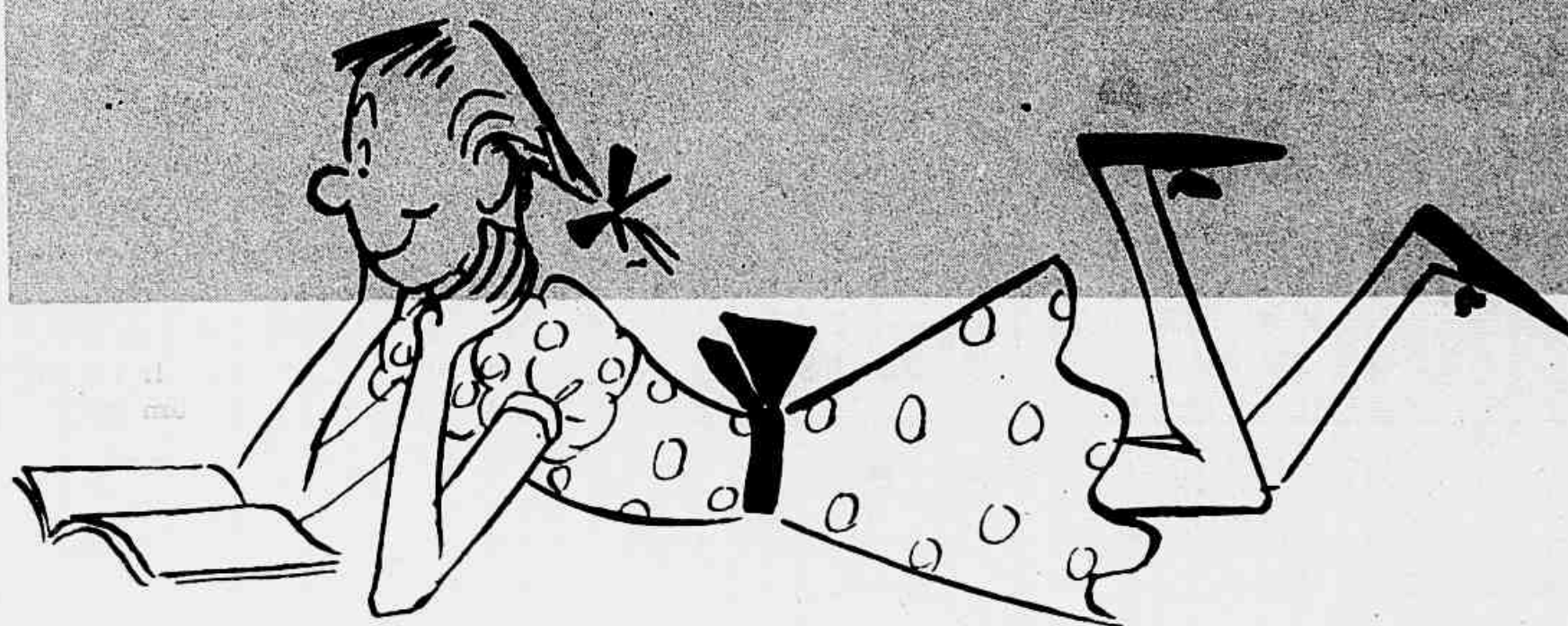
**A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SOBRE O AVANÇO
DO HOMEM SOBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE.
«O FIM DO DESCONHECIDO»**

**RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES,
MAPAS E CARTAS MARÍTIMAS DE TODOS OS TEMPOS.**

**1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR
Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações
UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR**



Propriedade da CIA. EDITORA
AMERICANA — Rua Visconde
de Maranguape, 15 — RIO



ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!

Dissolvido o Partido Peronista, por deliberação do governo argentino. Não foi surpresa: estava causando estranheza, sim, a demora em tomar essa atitude. Enquanto grande número de intelectuais endereça um manifesto ao general Leonardi em favor da restituição de "La Prensa" ao seu legítimo proprietário, Alberto Gainza Paz, que ainda se encontra nos EE. UU. Ao manifesto aderiram representantes das profissões liberais, comércio, indústria e operários. Tipo da vontade coletiva. E os católicos, libertos de perseguições políticas, celebram o Te-Deum, na catedral Central, com a presença das novas autoridades. Público de abarrotar. Público que começa também a frequentar os teatros e cinemas, em grande marasma durante os dias revolucionários. A companhia brasileira de Walter Pinto, que viu de perto as coisas pretas, agora está navegando em mar de rosas. Walter Pinto já recuperou os prejuízos e, como sempre, continua a ser um homem de sorte.

Pois lá no Sarre é que a derrota foi grande, e para muitos inesperada, para os sonhadores da política exterior do mestre Adenauer. Um pouco romântico e poeta, esse alemão. Os sarrenses não quiseram a europeização. E os franceses ficam de orelha alerta, pouco satisfeitos porque pode virar tudo de uma hora para outra. Também os norte-americanos ficaram inquietos. O Departamento de Estado ficou "boca de siri", pois na opinião dos EE.UU., o problema interessa mais à Alemanha e à França. Mas o perigo maior está na febre nacionalista dos sarrenses, febre que já houve quem denominasse de nazificada. Diabo se as quizílias entre França e Alemanha voltam ao cartaz quando o mundo inteiro adormece na cadet-ra-de-balanço da Paz...

Aniversariaram as Nações Unidas e Dulcinea ofereceu um maravilhoso espetáculo no Municipal, com a elite do teatro brasileiro. — O cardeal-arcebispo ofereceu à igreja de Copacabana a cruz do Congresso Eucarístico, de pau brasil, e querem parar (ou pararam?) as barcas Rio-Niterói. Mas a Light, depois de muitas conversas, decidiu repôr alguns de seus bondes que tanta falta fazem. — Em Niterói, os Cosme-Damião atiraram no povaréu que fôra ver o faquir Jatan. Este havia completado 101 dias de jejum. Na véspera, Silki, muito vivo, embarcou para a França a fim de receber o título de Campeão Mundial. E no Cineac, o "veterano Urbano" (meio século e lá vai fumaça) está disposto a suplantá-lo. Ficará sem bife 102 dias. Depois, outro ficará 103. E assim por diante. Engraçado é que tanta coisa acontece, a ponto de ter o povo se desinteressado dos últimos algarismos relativos ao pleito de 3 de outubro. — E surgiram as anedotas com os palitos de fósforo. Conhecem a última? Três aviões foram incumbidos de fazer vãos rasteiros de reconhecimento em certa zona... o resto vocês já sabem.



● REPERCUTIU FAVORÁVELMENTE nos círculos competentes a nomeação do dr. Artur Santos para a Presidência do Banco do Brasil. Figura de destaque nos altos meios financeiros, é de esperar-se, de parte de s. excia., uma boa gestão. Na foto, flagrante da assinatura de posse.



● A POLÍCIA MILITAR completou quarenta e quatro anos de existência. Por esse motivo, no Quartel da Corporação, houve festas no dia 24 de outubro, com a presença do comandante João Ururahi de Magalhães. Na foto, Cosme e Damião entregam-se a uma delicada prova esportiva.

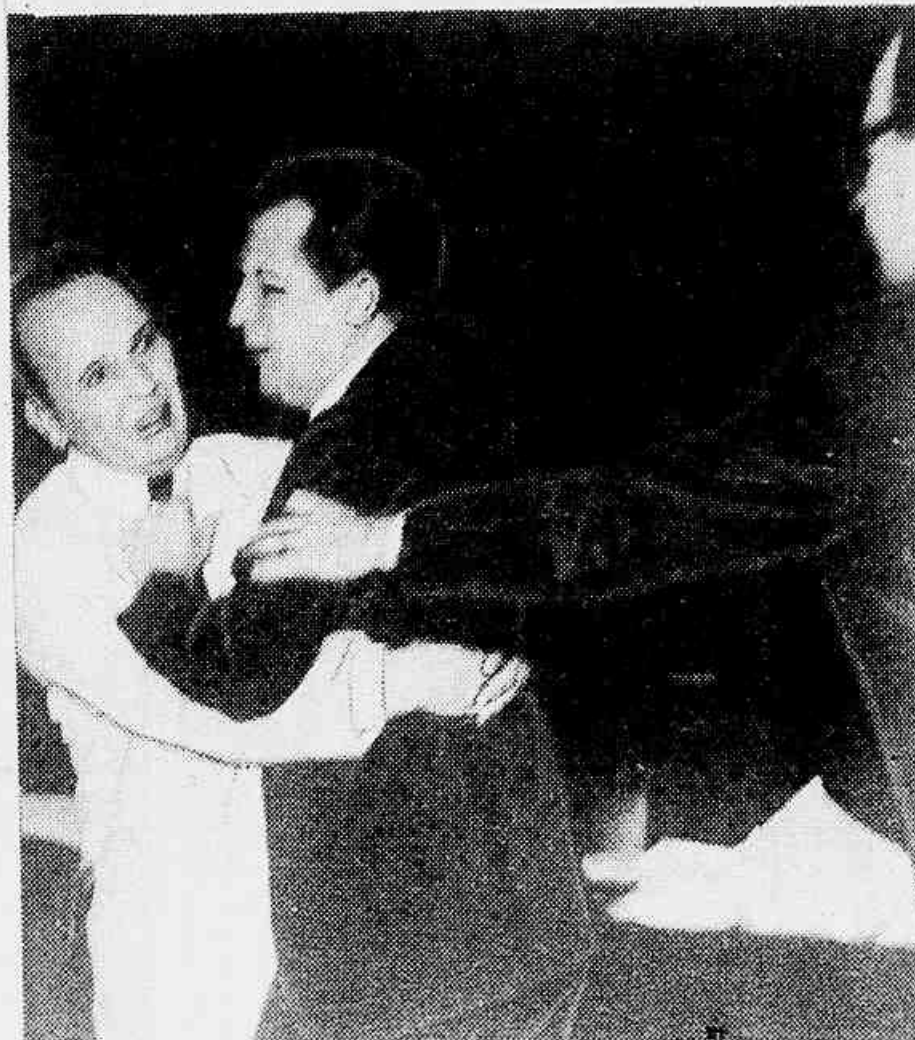
INTERNACIONAIS

● O território do Sarre, tradicional fonte de dores de cabeça entre Alemanha e França (explica-se: é riquíssimo em carvão), realizou um plebiscito para saber se seus habitantes desejavam continuar fazendo parte da Alemanha, ou

se dela se separavam, passando a adotar o denominado Estatuto Europeizante. De língua e costumes germânicos, está o Sarre ocupado desde 1945 por tropas francesas. O resultado do plebiscito revelou que 68% do povo deseja a germanização, ao passo que apenas 32% optou pela europeização.

● Morreu o filósofo Ortega y Gasset, aos 72 anos. O conhecido escritor e filósofo espanhol

POR CAUSA DO «CLUBE DA LANTERNA»



Dois vereadores (Wilson Leite Passos e Waldemar Viana) fizeram a «preliminar» da luta que no dia seguinte, teria lugar, no Museu de Arte Moderna, entre os srs. Paulo Bittencourt e Jura-ci Magalhães. Tudo originado pelo manifesto do «Clube da Lanterna»: Wilson Leite quis ler o dito manifesto; Viana disse que não; Wilson disse que sim; Viana disse que não... E o «pau cantou», como diria o sr. Silvestre Péricles. Resultado, Wilson não leu o comentado documento, mas, em compensação, brigou, até surgir a «turma do deixa disso».

EM REVISTA



40 IMORTAIS (DO TEATRO) DERAM «POEIRA DE ESTRELAS»

há tempos vinha sofrendo de grave enfermidade, que terminou por vencê-lo. Seu livro mais notável talvez seja «A Rebelião das Massas».

● O pintor Diego de Rivera, mexicano, está presentemente na Rússia, fazendo um tratamento à base de cobalto. O artista está atacado há alguns meses de câncer, e seu estado é precário.

● Em Londres, foi inaugurada uma grande exposição de Arte Portuguesa. Entre os trabalhos expostos, pertencentes a todos os ramos das Artes Plásticas, figura o célebre painel de Nuno Gonçalves, considerado uma das obras primas da pintura em todos os tempos.

● Revelou-se que a Holanda está afundando. Bem, apenas 25 centímetros por século, o que não é lá grande coisa.

● O coração de Eisenhower, que andou dando provas de cansaço, está bem melhor. Mas o Presidente dos Estados Unidos precisará de um ano de repouso quase absoluto para que o ataque que quase o vitimava não venha a se repetir.

● Londres recebeu a visita do Presidente de Portugal, em viagem de cortesia. Cumpre salientar que Portugal e Inglaterra são os mais antigos aliados de que se tem notícia, já que o tratado de amizade entre ambos data de 1324.

● O noivado mais longo do mundo vem de terminar, pelo casamento de George Choat e de Louisa Stow. O anel usado foi o mesmo apresentado pelo noivo em 1903, na Austrália, onde ambos residiam. A festa teve lugar em Londres.

● **JOHN HODIAK**, ator húngaro há muitos anos radicado em Hollywood, onde estrelou vários filmes de sucesso — entre os quais «Um Sino Para Adamo» — faleceu prematuramente, aos 41 anos, vítima de uma crise cardíaca. Hodiak era casado com Anne Baxter, de que se divorciara.

● Nunca um espetáculo teatral reuniu tantos e tão festejados artistas nacionais como o da noite de 24 de outubro, no Municipal, promovido pela Fundação Brasileira de Teatro, graças à iniciativa de Dulcina animada por todos os seus colegas. A gravura mostra um detalhe dessa memorável noite. No primeiro plano, Alda Garrido, Heloísa Helena e, de costas, Dercy Gonçalves e Iracema de Alencar. Ao fundo, Rodolfo Mayer, Silveira Sampaio, Colé, Maurício Barroso, Teófilo de Vasconcelos, Fregolente e o escritor Paulo de Magalhães. Mas os «astros» foram em muito maior número. A foto foi batida quando Dercy ajeitava a «toilette» de Iracema. (Dona Xepa estudava algumas «bolas» para o grande espetáculo que deveria começar alguns minutos após).



NACIONAIS

● A Exposição Fernand Leger, inaugurada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, contou com um número extra: um jornalista e um senador atacaram-se, a despeito do grande número de senhoras presentes, e da absoluta impropriedade bélica do local. Um quadro chegou a ser danificado, enquanto os gritinhos femininos comuns em tal situação fizeram-se ouvir com grande destaque. Sugerimos à direção do Museu que inaugure a próxima Exposição no Maracanãzinho ou no Palácio de Aluminio.

● Enquanto o Vasco esmagava um América totalmente apático, o Bonsucesso deixava um pontinho lá em Bariri, para o seu tradicional adversário, o Olaria. Quem gostou da coisa foram os cruzmaltinos, que se distanciaram um pouco mais do «clubinho» que esse ano «deu a louca». A festa só não foi completa, porque o Flamengo, que quase tropeça no São Cristóvão, terminou por impor-se aos alvos.

● Dany Dauberson é a grande figura da noite carioca. E nada da sofisticação de Jacqueline François — cuja voz, aliás, não se pode comparar à de Dauberson.

● Os estudantes da Faculdade Nacional de Direito andam descontentes. Primeiro, o major Seixas (segundo anista do Curso de Doutorado daquela casa) foi agredido por membros do Clube da Lanterna; agora, o Chefe de Polícia proíbe a exibição do já ultra-«manjado» «Rio, 40 Graus», em sessão especial para o corpo discente. Por tudo isso, houve passeata, enterros e muita contrariedade, inclusive para o reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, que no momento se encontrava na Faculdade, e que ficou numa situação pouco agradável: ou colocava-se ao lado dos estudantes, e assim contrariava a Polícia, ou punha-se ao lado dessa, e assim magoava os próprios alunos. Mas tudo acabou da melhor maneira possível, sem maiores novidades.

● Aconteceu na Hípica o almoço comemorativo do centésimo número da «Penúltima Hora», dirigida (a Penúltima Hora) por Leon Eliachar, e digerido (o almoço) por algumas dezenas de felizes convidados.

● No Rio, um comerciante foi espancado a barra de ferro pela amante, que também terminou por furar-lhe um olho. Explicação da mulher na polícia: «Descobri que o tipo andava me traindo».

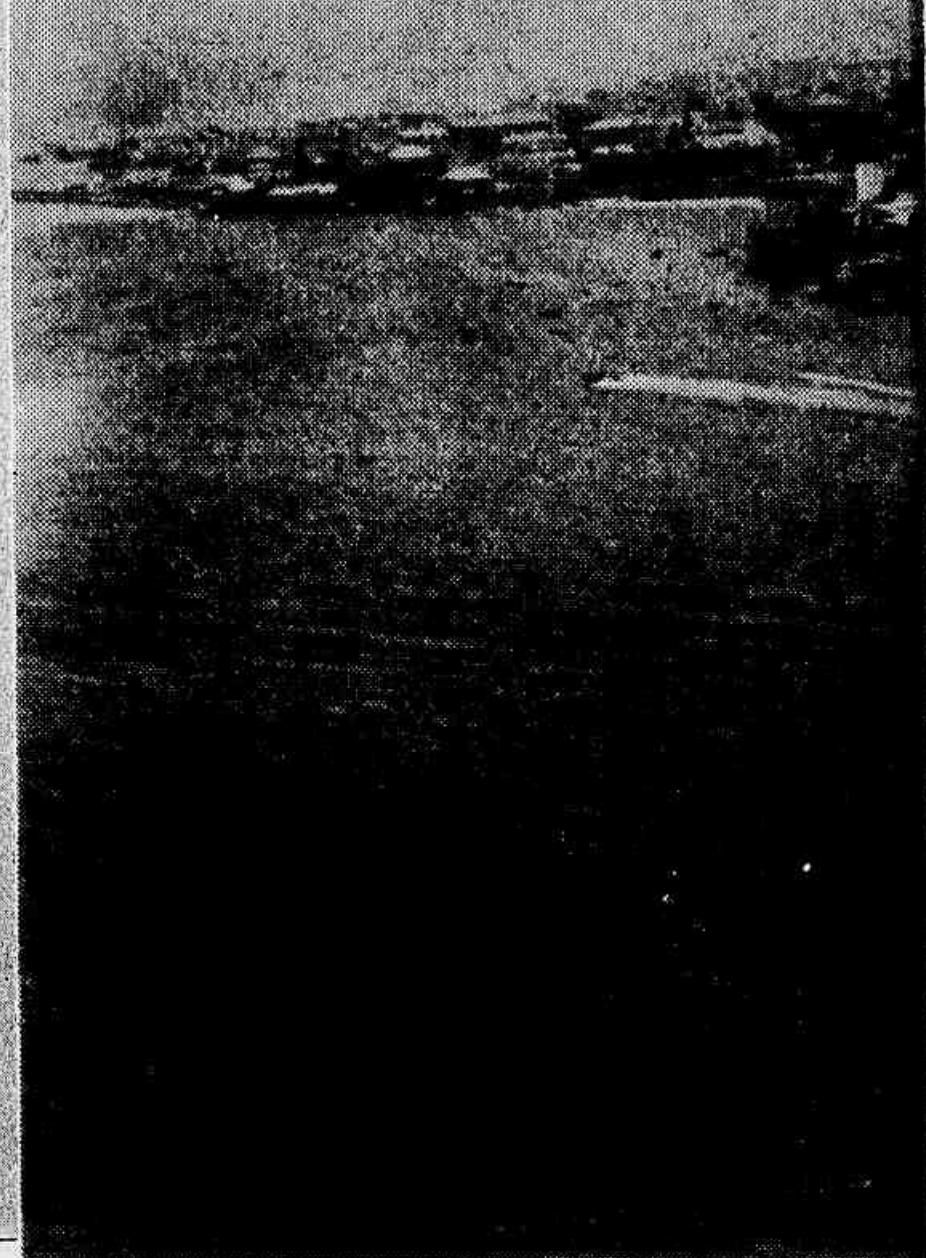
● Ao ser preso, fardado, o ladrão Manoel Augusto Cavalheiro, de São Paulo, assim se lamentou: «Da próxima vez hei de trajar batina».

● Doutor Juscelino deitou falação para garantir que o seu governo vai ser uma surpresa (e boa), doutor Juarez saiu do sítio misterioso e também começou a aconselhar uma oposição ordenada, eficiente, e doutor Plínio não quer falar até segunda ordem. Aliás, ninguém quer falar «até mais ver». Depois de tanto falatório durante a campanha, fecham-se as bocas, espia-se de longe o desenrolar dos acontecimentos e tudo é uma perspectiva cruciante. Uns agitam as lanternas. Outros agitam-se a si próprios. Enquanto o jornalista Samuel Wainer anunciou ter o seu advogado tomado as providências necessárias para apelar da pena de prisão que começou a cumprir no dia 24.

OUTROS POVOS, OUTROS CULTOS

Um país lendário **O LÍBANO** e seus católicos maronitas

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA



O PRESIDENTE do Líbano e altas personalidades da República — uma das mais jovens do mundo — assistem a uma parada aérea, recentemente realizada em Beirute. O Líbano moderniza-se rapidamente, e o camelo está sendo substituído paulatinamente pelos modernos aviões a jato.

UMA DAS MAIS JOVENS REPÚBLICAS

DO MUNDO JÁ FOI TEATRO DE LU-

TAS ÉPICAS NUM PASSADO REMOTO

★ **CIDADES TRÊS VEZES MILENÁRIAS**

★ **DOMÍNIO DE VÁRIOS POVOS, HOJE**

É UMA NAÇÃO INDEPENDENTE

O LÍBANO, hoje em dia, constitui uma república independente, situada ao centro da Síria, cujo litoral ocupa ao longo do Mediterrâneo Oriental. Sua população, num total de 1 milhão e 500 mil almas, compõe-se essencialmente de Drusos e Maronitas, formando estes três quintos do total, mais densamente estabelecidos no norte do Líbano e no vale de Bukaa. Um oitavo da população é formado de ortodoxos, habitantes do sul, sírios de raça semítica, falando o árabe. Seguem-se os maometanos, schutas e sunitas; os drusos, que formam um oitavo, são assimilados aos maometanos, embora diferindo em raça e crenças. À parte as suas lutas internas, esta população dedica-se à cultura da sêda, do tabaco, de vinhos e olivedos, frutas e cereais, de que mantém ativo comércio, com centro em Beirute e transporte por vias férreas e belas estradas.

ORIGENS E EVOLUÇÃO

Os povos do Líbano eram provavelmente arameus de origem, participando todavia de Israel e civilizados pelos hititas. No apogeu de Sidon, os fenícios submeteram a região e ali dominaram longamente. Dominada pelos gregos, mais tarde os Romanos dividiram-na em Phenicia ad Libanum para contrapor à Phenicia marítima. Tinha a sua capital em Homs, e ainda hoje se encontram numerosos vestígios da dominação romana.

As lutas religiosas e as perseguições bizantinas forçaram numerosos emigrados monoteístas a fugir para o Líbano, onde construíram núcleos de cristandade, com a edificação de famosos mosteiros, em locais inacessíveis. As invasões islâmicas do século VII e a sucessiva irrupção de kurdos, turcomanos e persas, abriram na região, uma nova era de disputas religiosas. Os cristãos tomaram o partido de Bizâncio, enquanto os drusos e outros enfileiravam nas hostes do Califa. No século XVIII, os cristãos apelaram pa-



BEIRUTE É A GRANDE porta do Oriente. Suas ruas são amplas e arejadas, suas construções graciosas, seus habitantes, felizes. Turistas de

todo mundo afluem à capital do Líbano, terra antiquíssima e muito bonita. E há os que voltam cada ano, encantados com o povo e o território.

ra a proteção do Papa, que debalde tentou promover a concórdia. Dessas dificuldades se aproveitou a França, para impor a sua proteção aos monges, que eram em grande número de origem francesa ou franca. As rivalidades e os ciúmes das outras nações européias deram em resultado e constituição, no Líbano, de um «sandjak» turco, sob o domínio otômano, com um governador e funcionalismo cristão, vigiado pelas potências.

A guerra de 1914-18, tirando a Síria e o Líbano ao domínio turco, entregou-os ao mandato francês;

a França investiu, então, grandes capitais nos seus fomentos e progresso, com construção de vias férreas e apetrechamento de portos e minas de pirites, carvão, etc., na esperança de pôr termo ao mandato, firmando o domínio político. Mas a guerra de 1939-45 facilitou a insubmissão dos libaneses que, protegidos pelas novas nacionalidades do Oriente Próximo, e, também, pelas rivalidades anglo-francesas, iniciaram a luta pela sua independência, constituindo-se numa república democrática (1946), da qual é seu atual presidente o sr. Camille Chamoun, que há dois anos, aproximadamente, visitou o Brasil.

PAÍS PITORESCO

O Líbano é um país pitoresco, produtivo, bastante arborizado ao norte e subindo em sucessivos terraços desde o mar, onde por véses a montanha cai a prumo, apenas deixando estreitas veredas na sua ala marítima. São esses terraços, de um calcáreo esbranquiçado e de curioso efeito visto do mar, que lhe deram o nome, pois «Liban» quer dizer «branco». O Anti-Líbano, pelo contrário, é agreste, árido e desértico, estendendo-se para o sul, entre o Mediterrâneo, o Jordão e o Mar Morto, com altitudes de



HÁ DOIS MIL ANOS eles, os camelos, já eram utilizados no transporte de cargas e pessoas. O «navio do deserto» ainda está presente no Líbano.



A PRAÇA DO RELÓGIO — como é conhecido esse aprazível recanto da capital libanesa — é onde funciona o Parlamento da bela República.

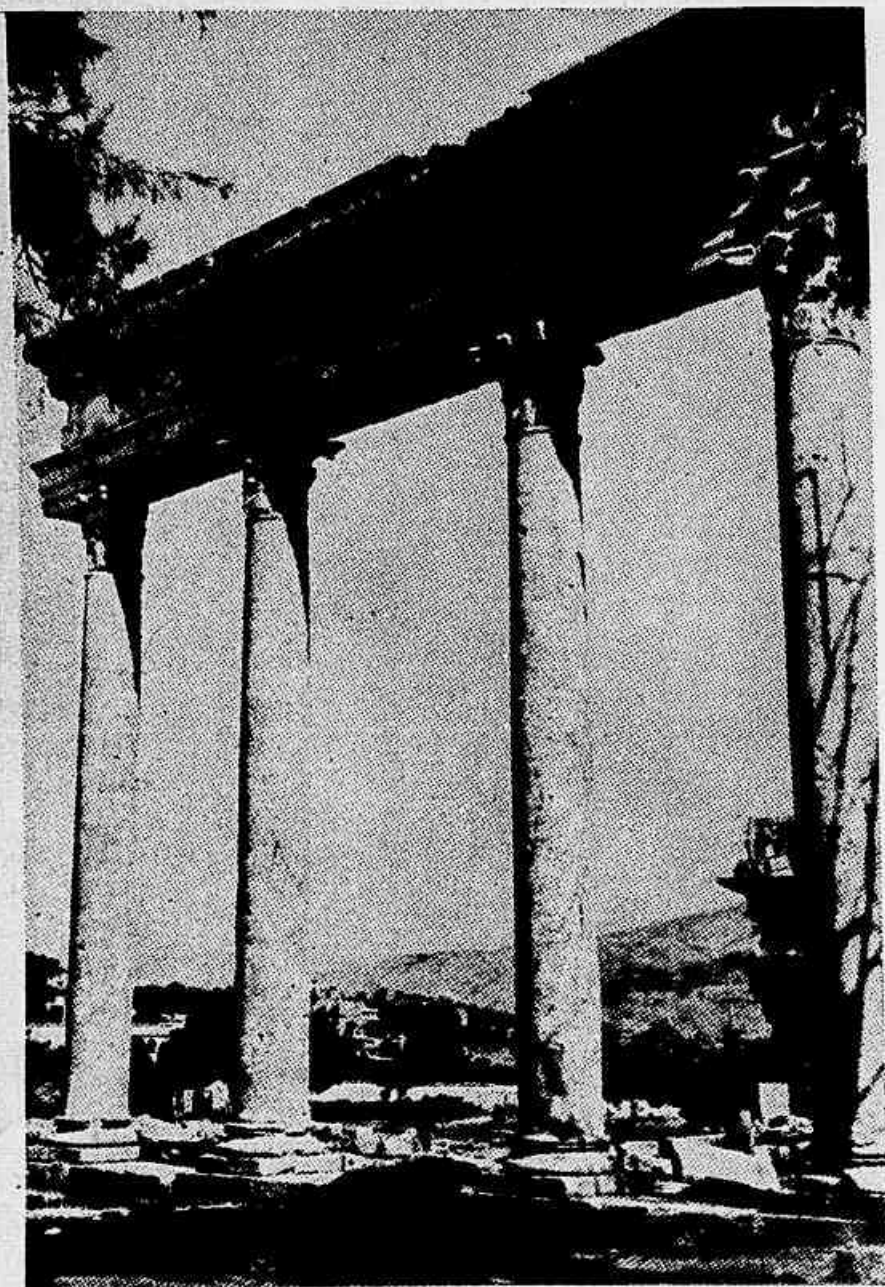


O PAVILHÃO DO LÍBANO leva um cedro. É a árvore nacional, tão antiga que a história da terra e a sua própria se confundem na distância dos séculos. Durante o rigor do inverno, os cedros ficam brancos com o cair da neve, o que lhes dá uma aparência fantástica.

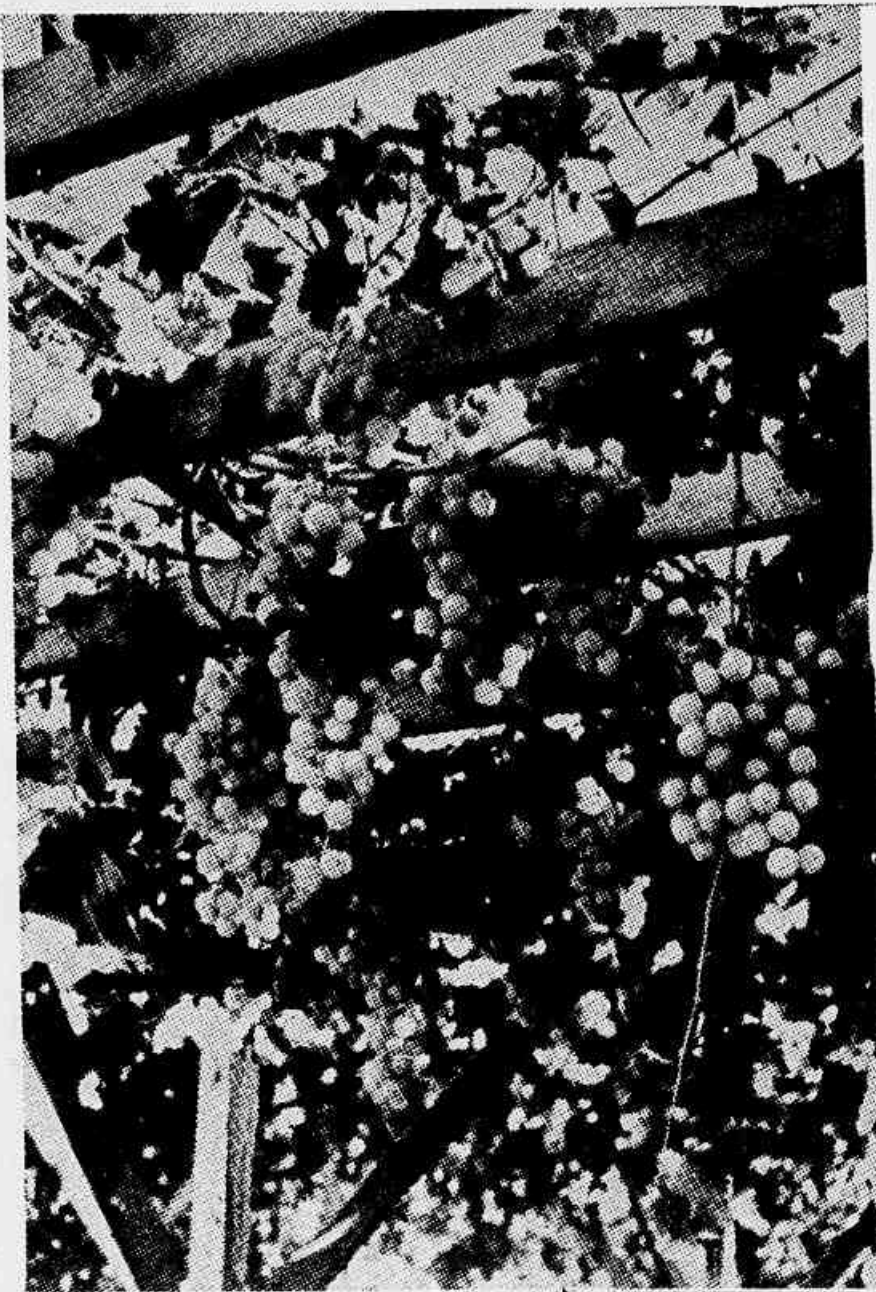
três mil metros, cobertas de neve. O vale de Bukaa, profundamente arborizado, é cortado de numerosos ribeiros, entre os quais avultam dois grandes rios: o Libany e o Oronte e nêle se encontram as ruínas da cidade bíblica de Baalbeck.

CIDADES MILENÁRIAS

Hoje em dia — e a partir de 1918 — BEIRUTE é a capital do Grande Líbano e residência dos seus altos dirigentes.



RUÍNAS CELEBRES ornaram a capital libanesa. Eis uma colunata de Berenice, hoje erigida na praça fronteiriça ao histórico Museu Arqueológico.



AS UVAS, de todas as qualidades e sabores, são um dos muitos orgulhos do país oriental. O vinho é excelente. As videiras são inúmeras.

O LÍBANO

Beirute, segundo pretendem alguns arqueólogos, é uma palavra fenícia cuja significação é todavia duvidosa. Provavelmente se deriva do arameu, da palavra «barouta», que significa «pinheiros», «ciprestes», nome que justificam os belos bosques que a circundam, versão esta a que se referia Sanken Yaton, o primeiro historiador fenício A.C. A lenda pagã atribui a construção de Beirute ao deus El e que logo, talvez, a legou a Netuno e a Cabires. O certo é que Beirute é uma das mais velhas cidades do mundo. O nome Beirute foi encontrado pela primeira vez sobre uma inscrição hieroglífica (Museu Britânico) que data da 12ª Dinastia Egípcia. A partir do século XVI A.C. este nome é freqüentemente mencionado nas inscrições egípcias. Beirute foi ocupada pelos Romanos no ano 64 A.C. e durante essa época chegou ao ápice do seu apogeu, a época mais florescente de sua história antiga.

BAALBECK — Cidade dos deuses, Baalbeck também é conhecida como a «Cidade do Sol». Seu recinto sagrado construído pelos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala é, como disse Barrés, «um caos de esplendores desmoronados, um mar imenso de mármore, de colunas e de capitéis». Medindo 200 metros de largura por 300 de extensão, esse recinto continha dois templos: o primeiro, de Júpiter, estava consagrado a uma tríade formada pelas divindades: Hadad, o Deus do Céu — o Júpiter Heliopolitano; Atargatis, sua mulher, e Mercúrio, seu filho. O segundo templo é o Santuário de Baco, o deus do vinho e das vindimas. A uns 200 metros do recinto se encontra o bonito e maravilhoso templo dedicado a Vênus. No domínio cultural, Baalbeck foi o berço de grandes homens, célebres nas letras e nas ciências; Calínicus, que descobriu o segredo do fogo grego; Costa Ibn Louka, que traduziu para o árabe as obras dos filósofos gregos e Makrizi, historiador árabe.

BYBLOS — Segundo o filósofo Filón, Byblos é a mais antiga cidade do mundo; o deus EL, da mitologia grega, escolheu-a para sua residência. Muito tempo antes de Sidon e Tiro, Byblos foi um grande centro comercial e a cidade santa dos fenícios. Todos os anos se celebrava em honra do jovem Adonis, amado de Astarté, festas religiosas que se chamavam «Adonísias». 1250 anos A.C. Byblos era governada pelo rei Ahiram, cuja tumba, descoberta por Pierre Montet em 1924, ostenta em língua fenícia a mais velha inscrição alfabética conhecida na história. Byblos, como todas as cidades fenícias, viu passar sucessivamente sobre o seu solo os filisteus, os reis da Assíria, a falange macedônica tendo à frente Alexandre o Grande, que a conquistou sem esforços. Em seguida passa ao poder dos selêucidas, dos romanos, dos bizantinos e dos árabes. Em 1104 foi tomada por Raimundo S'Gilles, que a cedeu a uma família genovesa chamada Embriac. Daí para cá, já não pôde recuperar seu esplendor e seu brilho de outros tempos.

RELIGIÃO DOMINANTE

Embora as origens religiosas dos libaneses sejam na sua quase totalidade derivadas dos ritos médio-orientais (maometanos, ortodoxos, etc.), ainda assim o Catolicismo é a religião dominante no Líbano, sendo o ritual Maronita o de maior ascendência entre os seus habitantes: cerca de três quintos.

Este rito é um dos vinte ritos da Igreja Católica. Tem sua origem nos fins do século IV. Tira o seu nome de São Maron, anacoreta e fundador de monastério, cujos monges converteram ao cristianismo o povo que os cercava. Monges e fiéis lutaram contra as heresias dos séculos V e VI, foram bastante perseguidos e acabaram se organizando no fim do século VII em comunidades de cunho civil e religioso que se entrincheirou na montanha libanesa para a defesa de sua independência de cidadãos e sua liberdade de praticar o cristianismo, apesar de todas as perseguições. Duas notas caracterizam essa comunidade: 1ª — nunca ela se separou da Igreja de Roma, mantendo-se fiel ao catolicismo no Oriente Separado; 2ª — sua liturgia é uma das mais antigas da Igreja, conserva como língua oficial a própria língua de Nosso Senhor Jesus Cristo (o aramaico) e tem ligações com a liturgia organizada pelo Apóstolo São Thiago.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 5 E 11 DE NOVEMBRO DE 1955
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Uma semana de apoio, eis o que lhe prometem os astros na vigência do novo período. Diligencie, portanto, o aproveitamento máximo das boas oportunidades. Vença seu acanhamento natural e formule os pedidos que desejar.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — As maiores atividades, no curso da semana, serão de ordem sentimental. O leitor deixará de lado os negócios, concorrendo, assim, para uma semana financeiramente desfavorável. Ponha a cabeça no lugar do coração.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não faça qualquer experimentação psíquica, no decurso da semana em pauta. Evite, do mesmo modo, as sessões espíritas, de terreiro ou não, os «passes» e as «limpezas». Os influxos astrais reinantes são prejudiciais a todas essas práticas.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor vai se sentir presa de um desânimo geral. Perderá a ambição e não se aventurará a qualquer coisa que demande esforço. Reaja como puder, pois o novo período lhe será bem favorável no que diz respeito aos negócios.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Uma semana cheia e bem favorável, terá o leitor, exceto no setor da vida doméstica. Vizinhos ou parentes íntimos lhe envenenarão o ambiente conjugal, provocando grandes desentendimentos com a «cara metada».
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O novo período não lhe favorecerá a saúde e desaconselha qualquer operação, especialmente nos dias 6 e 8. Os negócios correrão morosamente e não lhe oferecerão margem apreciável. Desfrutará um ambiente fraco.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A semana será cheia, movimentada e proveitosa. Haverá recuperações e facilidade de crédito. O leitor conseguirá o apoio financeiro ou moral de que possa ter necessidade. Não se imiscua, porém, nas tricas políticas.
- ★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — A semana lhe oferecerá um clima alto e muito propício aos negócios novos e às mudanças, às viagens e à solução pacífica dos litígios existentes. Os dias 5, 7 e 11 serão os melhores.
- ★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Os influxos planetários da semana provocarão cenas intensas de ciúme; na vida sentimental e de despeito nas atividades profissionais ou sociais. Não faça visita nestes sete dias.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Sua estrela estará bem viva e atuante nos próximos dias. A nova semana lhe dará motivos de satisfação e ótimos resultados nos negócios. Não precipite coisa alguma, pois não haverá necessidade. Tudo virá naturalmente.
- ★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Imprevistos, surpresas agradáveis, lucros inesperados, eis o que lhe poderá trazer a semana em pauta. Pode confiar nas boas influências do astro que lhe rege o destino.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O estado irritadiço em que se encontrará, no curso da semana, poderá arrastá-lo a uma situação vexatória. Controle-se e fuja das discussões e, sobre tudo, da crítica. Não censure abertamente, nem os amigos.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro, 5	—	Suetônio	—	Altina.
" 6	—	Cláudio	—	Iris.
" 7	—	Romualdo	—	Mariza.
" 8	—	Pedro	—	Fédora.
" 9	—	Atílio	—	Arminda.
" 10	—	Temistócles	—	Sara.
" 11	—	Flamino	—	Eliana.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro, 5	12° 17' 33"	(Signo do Escorpião)
" 6	13° 17' 43"	(" " ")
" 7	14° 17' 55"	(" " ")
" 8	15° 18' 10"	(" " ")
" 9	16° 18' 26"	(" " ")
" 10	17° 18' 44"	(" " ")
" 11	18° 19' 04"	(" " ")

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

★ HUMORISMO ★

★ CARTAZES ★

★ TEATRO ★

★ RÁDIO ★

★ CONCURSOS ★

★ NOTICIÁRIO ★

★ CONCURSOS ★

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ RÁDIO ★

★ TEATRO ★

★ MÚSICA ★

★ HUMORISMO ★

★ ESPORTES ★

★ NOTICIÁRIO ★

★ TEATRO ★

★ CONCURSOS ★

O BRASIL E A PESQUISA NUCLEAR

O QUE FIZEMOS ATÉ AGORA, O QUE ESTAMOS FAZENDO E O QUE FAREMOS NESSE CAMPO RECENTEMENTE INAUGURADO DA ATIVIDADE HUMANA ★ DOIS PROBLEMAS: PESSOAL E APARELHAGEM ★ NÃO NOS FALTAM OS MINÉRIOS TÓRIO, ELEMENTO IMPRESCINDÍVEL À PESQUISA NUCLEAR ★ O PLANALTO DE POÇOS DE CALDAS E SUAS RESERVAS UNIFERAS ★ DECLARAÇÕES DO PROFESSOR BATISTA PEREIRA, PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

Reportagem de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Os atormentados cidadãos do século XX assistiram, aterrorizados, ao desabrochar de duas flores trágicas da civilização ocidental: as bombas atômicas que arrasaram Hiroshima e Nagasaki, derrotando em alguns dias um povo valente e guerreiro como o japonês. Corria o ano de 1945. Os mais pessimistas apontavam para dentro de mais alguns tempos a destruição do mundo. E entregavam-se a uma sorte de negro desespero, sem perceber que a energia atômica, que como arma de guerra não poderia ter sido mais mortífera, era também um poderoso auxílio na conquista do bem estar terreno, ajudando o homem a solver alguns de seus milenares problemas sobre a face da terra.

A CONFERÊNCIA DE GENEBRA

Agora mesmo, vem de encerrar-se em Genebra, na Suíça, a Conferência Internacional sobre Aplicações Pacíficas de Energia Atômica. O que caracterizou essa reunião foi a completa exclusão, da pauta de seus trabalhos, de qualquer assunto de natureza política. A Conferência — a maior talvez até hoje realizada no domínio da Ciência — foi prestigiada por setenta e duas nações, que enviaram mais de 1.200 assistentes e delegados. Seus Anais, quando publicados, ocuparão dezesseis volumosos tomos, contendo as quase 1.100 memórias e teses apresentadas, e que versam desde a teoria dos reatores até aos planos para montagem de uma usina produtora de energia nuclear, do efeito biológico das radiações aos mais complicados aprofundamentos na ultra-moderna teoria da fissão. Dessas 1.100 teses, nada menos de 358 foram escolhidas para ser debatidas em plenário, cinco tendo sido apresentadas pela delegação do Brasil.

A PRESENÇA DO BRASIL

Era a primeira vez que comparecíamos a conclave de tal teor e grandeza, e podemos dizer que nos saímos bem. A participação brasileira foi com efeito marcante, contrariando as previsões de alguns derrotistas. Treze teses foram apresentadas, e dentre essas, cinco, como já foi dito, mereceram a honra de ser discutidas

em sessões plenárias. Nosso país foi mesmo distinguido com uma das seis vice-presidências do Congresso, na pessoa do chefe da delegação, general Bernardino de Matos. Antes, já lhe coubera ser, juntamente com Canadá, França, Estados Unidos, Inglaterra, Índia e Rússia, um dos organizadores da importante reunião, tendo mesmo dele partido a sugestão da plena apoliticidade das reuniões. Foi graças a tal clima apolítico, aliás, que americanos, russos e ingleses puderam mostrar seu adiantamento em questão de aplicações pacíficas de energia atômica, sem retraimentos de qualquer natureza. Os russos, por exemplo, exibiram para os delegados dos vários países um filme em cores, mostrando sua central elétrica termo-nuclear, já em pleno funcionamento, produzindo 5 mil quilowatts de energia; os ingleses revelaram seu plano para solucionar, com a maior brevidade possível, mediante a energia atômica, a falta de fontes naturais de energia elétrica, de vez que as minas carboníferas britânicas chegam rapidamente ao fim; e os americanos, finalmente, a todos impressionaram com o número fabuloso de reatores de que dispõem — cerca de quarenta — o que lhes garante primazia absoluta no setor das pesquisas.

FALA O DR. BATISTA PEREIRA

Enquanto americanos, russos e ingleses, canadenses e indianos, enfim: os povos mais diferentes do mundo lançam-se com afã no campo da pesquisa atômica, o que se faz, no Brasil, a esse respeito? Possuímos minérios atômicos, já formamos técnicos aptos a manejar as complicadas aparelhagens certamente utilizadas? E, dessas, acaso já dispomos no presente momento?

No Brasil, o Conselho Nacional de Pesquisas, criado pela lei 1.310, de 15-1-1951, é quem exerce «o controle de todas as atividades referentes ao aproveitamento da energia atômica» bem como a ele compete «a adoção das medidas que se fizerem necessárias à investigação e à industrialização da energia atômica e de suas aplicações». Uma Comissão de Energia

Atômica, diretamente subordinada ao Conselho Nacional de Pesquisas, encarrega-se exclusivamente dos vários problemas que digam respeito à pesquisa nuclear, entre nós. O presidente do Conselho, que é também o presidente da Comissão, é o professor Batista Pereira. Julgamos de bom alvitre fazer-lhe algumas perguntas sobre a verdadeira situação do Brasil, no panorama mundial da investigação atômica. No seu escritório, no Conselho Nacional de Pesquisas, recebe-nos ele atenciosamente. É homem de meia idade, veste-se impecavelmente, possui estatura mediana e um rosto amigável. Está sentado à sua carteira, rodeado de livros e de relatórios, que se empilham em desordem aparente. Pôsto a par do que desejamos, escuta-nos em silêncio, e passa a explicar-nos o ingresso do Brasil no território intrincado da pesquisa nuclear:

— O Brasil transpõe em passos gigantescos os limites acanhados da economia de base eminentemente agrícola, para desvirginar outros mais amplos, de uma economia de cunho essencialmente industrial. O crescimento da demanda da energia elétrica, por isso mesmo, tem sido nos últimos anos simplesmente fantástico, mormente se atentarmos nas estatísticas dos derradeiros cinquenta anos. Assim é que, entre 1900 e 1920, tal crescimento foi de 17 mil quilowatts anuais; entre 1920 e 1948, de 43 mil; e entre 1948 e 1954, de 203 mil quilowatts por ano! Ora, não dispomos, no Brasil, de fontes naturais de energia elétrica em número proporcional à extensão de nosso território e à premência de nossa necessidade. E são justamente as áreas de maior densidade demográfica, ou de mais intenso desenvolvimento industrial, as que se vêem privadas de tais fontes naturais. Nessas condições, somos obrigados a, como tantos ou-

O PROFESSOR BATISTA PEREIRA, do Conselho Nacional de Pesquisas, peremptoriamente: «O Brasil está no páreo da pesquisa atômica, sua presença, nesse domínio, é uma realidade».

tros países (entre os quais a Inglaterra), apelar para novas fontes de energia. E entre essas novas fontes, nenhuma, certamente, mais importante nem mais promissora que a energia atômica.

MINÉRIOS RADIOATIVOS

Desejamos saber se o Brasil possui minérios radioativos. Em caso afirmativo, em que quantidades. A resposta não tarda:

— Os minérios indispensáveis à pesquisa nuclear são o urânio e o tório. Só três países no mundo — veja bem: só três países — Índia, África do Sul e Brasil, possuem reservas realmente importantes de tório. Os depósitos brasileiros ficam ao longo da costa do Estado do Rio, Espírito Santo e Bahia, em aluviões fluviais no Rio Grande do Norte e em Minas Gerais, sob a forma de monazita. Sob a forma de outros minérios toríferos, foi recentemente descoberto no planalto de Poços de Caldas. Devido ao caráter aluvional de nossos depósitos, é difícil calcular a reserva explorável de tório no Brasil; de qual-

quer maneira, tal reserva não será inferior a cem mil toneladas de monazita pura. Para proteger essa reserva, fixou o governo em 3 mil toneladas anuais o limite máximo de extração e beneficiamento da monazita. Quanto ao urânio, somente nos últimos três anos foram identificadas algumas ocorrências, as mais importantes no planalto de Poços de Caldas, de onde se calcula possam vir a ser extraídas entre 200 e 500 mil toneladas de metais uraníferos.

— E como se faz a exportação de tais minérios? Estabeleceu o governo medidas especiais para a sua proteção?

— Claro, estabeleceu. Os sais de cério e de terras raras, industrializados nas próprias usinas nacionais, podem ser exportados livremente. O mesmo não acontece porém com os sais de tório e de urânio, cuja exportação é terminantemente proibida pelo governo federal. Compreende-se o alcance de tal medida, levando-se em conta a importância imensa que adquirem tais minérios na pesquisa nuclear.



TESES

APRESENTADAS EM GENEBRA PELA DELEGAÇÃO BRASILEIRA

- 1. Importância econômica da energia nuclear para o Brasil. (Gen. Bernardino de Matos e Prof. Costa Ribeiro)
- 2. Plano Brasileiro de Eletrificação e As possibilidades da energia atômica. (Prof. Mota Rezende)
- 3. Áreas geologicamente prováveis para a ocorrência do urânio e tório no Brasil. (Prof. Djalma Guimarães)
- 4. Ocorrências conhecidas de urânio e tório no Brasil (Luciano J. de Moraes)
- 5. Ocorrência de urânio associado ao conglomerado aurífero na serra de Jacobina, Bahia, Brasil. (Max G. White)
- 6. Os depósitos e ocorrências estano-tântalo-uraníferas da região de S. João del Rei, Minas Gerais, Brasil. (Prof. Djalma Guimarães e outros)
- 7. Métodos de prospecção aérea utilizados para a pesquisa de minerais radioativos no Brasil (Dr. A. Mc Fayden e Silvio Guedes)
- 8. Extração do tório e do urânio da Monazita Brasileira. (Prof. Krumholz e outros)
- 9. Aspectos químicos dos minérios zircono-uraníferos do planalto de Poços de Caldas (F. J. Maffe, J. R. Pucci e N. Ferreira)
- 10. Estudos sobre o efeito fotoelétrico nuclear (M. Santos, Leite Lopes, J. Goldemberg, R. Q. Pieroni, E. Silva, O. Borello e S. Villaga)
- 11. Utilização de emulsões nucleares líquidas para dosagem do urânio em minerais radioativos. (E. Frota Pessoa, F. A. G. A. Brandão, N. Margem, W. Perez)
- 12. Um novo método para marcar mosquitos com radioatividade e sua aplicação. (M. B. Aragão, E. Frota Pessoa, N. Margem)
- 13. Estatística da utilização terapêutica de radioisótopos no Brasil (A. Salles Fonseca, Mário P. de Mesquita, Carlos Chagas)



Os ensaios de números 1, 2, 7, 10 e 12 mereceram ser apresentados oralmente e debatidos, em sessão na Conferência de Genebra. Todos serão integralmente publicados nos Anais da reunião.

PRIMAVERA EM PRAGA

● Durante a realização do famoso festival internacional de música «Primavera em Praga», foi instalada uma das maiores exposições de instrumentos musicais já organizadas na Europa, e na qual foram exibidos mais de 3.400 tipos de instrumentos fabricados na Tchecoslováquia. Instalada no antigo Palácio de Valdstejn, a exposição teve por finalidade mostrar aos compradores estrangeiros toda a riquíssima variedade de instrumentos musicais que a Tchecoslováquia exporta para 63 países do mundo. E a impressão causada aos visitantes foi, sem dúvida, a melhor possível.

País tradicionalmente musical, a Tchecoslováquia não poderia deixar de ser um grande fabricante de instrumentos. Assim, cerca de um quinto dos instrumentos de corda utilizados em todo o mundo é de procedência tcheca; o mesmo sucede com os instrumentos de sopro, que também são exportados em larga escala. Embora a fabricação de pianos tenha começado bastante tarde, a Tchecoslováquia é, atualmente, o terceiro exportador, com cerca de 16 por cento do total mundial. Os instrumentos expostos no Palácio Valdstejn vão desde os mais insignificantes tipos de flautins aos últimos modelos de órgãos elétricos, todos fabricados nas usinas do Estado, situadas na Boêmia ocidental. Ao longo das suntuosas salas e corredores do enorme edifício agrupavam-se instrumentos os mais diversos: trompetes, clarinetes, trombones, flautas, oboés, violões, violinos, violoncelos, guitarras, banjos, etc. E no salão principal podiam ser encontrados pianos «Petrof», «Forster», «Wienbach», «Rossler», «Scholz», todos nomes mundialmente famosos por suas excepcionais qualidades sonoras.

ORFEU

● Em Paris, Maria Ferès tenta ressuscitar a antiga ópera-ballet, onde a dança encontra-se intimamente ligada ao canto e à sinfonia. E diz-se que está obtendo muito sucesso, não obstante as dificuldades do empreendimento. Trata-se da ópera-ballet «Orfeu» de Gluck, cujo caráter sintético se tem revelado, através dos tempos, muito ingrato para os artistas.

ESPETÁCULOS DE SOM E LUZ

● Continuam a deslumbrar a Europa os magníficos espetáculos de som e luz realizados em Versailles. Iniciados há mais de quatro séculos, durante o reinado de Francisco I, essas interessantes demonstrações artísticas se constituem verdadeiras atrações, para a maior parte dos turistas que chegam à Paris. No ano passado, por exemplo, tivemos a oportunidade de assistir, em Versailles, a um desses espetáculos, cujo texto, especialmente escrito por André Maurois, fazia reviver os episódios que lá mesmo se desenrolaram quando sede da efervescente corte francesa. Ouvia-se a voz de quatro reis, a agitada palestra dos cortesãos, as terríveis ameaças das multidões enfurecidas, e finalmente, a representação dos trágicos acontecimentos do ano de 1789. As palavras, os ruídos e a música de acompanhamento são apresentados com grande amplitude graças à estereofonia que os restitui ao natural. O elemento plástico, que é a luz, produz encantadores efeitos, e sincroniza perfeitamente com a narração e com a música. Tal é o prestígio desses espetáculos que contam com a colaboração da vanguarda intelectual francesa: Maurois, George Auric, Darius Milhaud, Jean Cocteau, Jean Gabin, e muitos outros elementos históricos, onde tais representações são levadas a efeito; são eles, o Château de Vincennes, a Basílica de Lisieux, o Palácio dos Papas de Avinhão, etc.

NOTICIÁRIO

Estreou, no dia 19 de outubro, no Teatro Municipal, o «Ballet Theater», de Nova York. Foi grande o sucesso obtido, porquanto a famosa companhia americana apresentou o bailado de Antony Tudor, com música de Shoenberg, «Pillar of Fire», na interpretação de Nora Kaye, que pela primeira vez se apresentou no Brasil. O trio feminino responsável pelos principais papéis de «Pillar of Fire» esteve constituído, além de Nora Kaye, por Lúcia Chase e Bárbara Lloyd. Hugh Laing, bailarino britânico que provocou grande entusiasmo em Nova York, interpretou um dos principais papéis masculinos. Na mesma recita de estréia, a famosa Rosella Hightower teve relevante participação, cabendo-lhe dançar a «Odette» em «O Lago dos Cisnes» de Tchaikowsky, que constituiu a primeira parte do programa. A interpretação de «Sigfrido» esteve a cargo de Scott Douglas. John Kriza e Lupe Serrano dançaram o pas de deux «Dom Quixote». E o espetáculo foi encerrado com «Fancy Free», de Jerome Robbins, um dos

ballets mais característicos da «escola» nacional criada pelo «Ballet Theater» nos Estados Unidos.

No Teatro São Pedro, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre realizou o quinto concerto desta temporada sob a regência do maestro Pablo Komlos.

E em Curitiba, no Teatro Guaíra, foi apresentada uma curta série de espetáculos líricos, sob a regência de Edoardo Guarnieri. Participaram os cantores Carla Caputi, Lia Salgado, Sílvio Vieira, Assis Pacheco, José Perrotta e outros.

Por ocasião da reabertura da temporada lírica, no Teatro Municipal, de São Paulo, será apresentado o bailado de Camargo Guarnieri «O Cangaceiro»

O BRASIL E A PESQUISA NUCLEAR

PESSOAL E APARELHAGEM

Um dos vespertinos cariocas há algumas semanas publicou uma entrevista do professor Leite Lopes, em que a Universidade do Brasil era acusada de não acompanhar o ritmo cultural do país, e até mesmo incriminada de incapacidade quanto à preparação de pesquisadores nucleares, o que, se de fato é verdade, viria aliciar o Brasil desse campo, recentemente inaugurado, da elucubração humana. Procuramos saber do professor Batista Pereira o que achou de tal crítica, e se endossa a opinião de Leite Lopes, de que ainda não possuímos técnicos em número suficiente para as pesquisas atômicas.

— O Brasil, com efeito, possui no momento, poucos técnicos e pesquisadores nucleares. Mas, de alguns já dispõe, tanto no campo teórico quanto no puramente experimental. O Conselho Nacional de Pesquisas vem buscando formar, não é de hoje, um corpo selecionado de pesquisadores, tendo para tanto concedido inúmeras bolsas de estudo, nos Estados Unidos ou na Europa, para estágio de seu pessoal em afamados institutos de pesquisa atômica. Aliás, o simples exame das teses apresentadas pela delegação nacional à Conferência de Genebra bastará para provar que já possuímos pesquisadores no Brasil. Entre os autores de tais teses, figuram homens como o general Bernardino de Matos, Costa Ribeiro, Mota Rezende, Leite Lopes, Djalma Guimarães e tantos outros de valor.

— Mas um corpo técnico especializado somente não basta; são necessários também os aparelhos. E o Brasil dispõe da aparelhagem indispensável à pesquisa nuclear?

— Possuímos, no Laboratório de Física Nuclear da Universidade de São Paulo, um Betatron que produz radiações gama com energia de 30 milhões de eletrons-volts. Com esse Betatron têm sido efetuadas várias pesquisas sobre reações foto-nucleares. No mesmo Laboratório está sendo instalado um acelerador de corpúsculos de tipo Van der Graaf, que permite obter corpúsculos pesados com energia de 4,5 milhões de eletrons-volts. Outro acelerador muito parecido foi há pouco adquirido nos Estados Unidos, e está em vias de concluir-se sua montagem no Rio de Janeiro. Será capaz de acelerar prótons de energia igual a 6 milhões de eletrons-volts.

— Não possui então o Brasil um só reator?

— Ainda não. Mas o primeiro acaba de ser adquirido aos Estados Unidos, mediante acordo firmado entre os representantes das duas nações. Será instalado dentro em breve, e permitirá ao nosso país um avanço muito grande no campo da pesquisa.

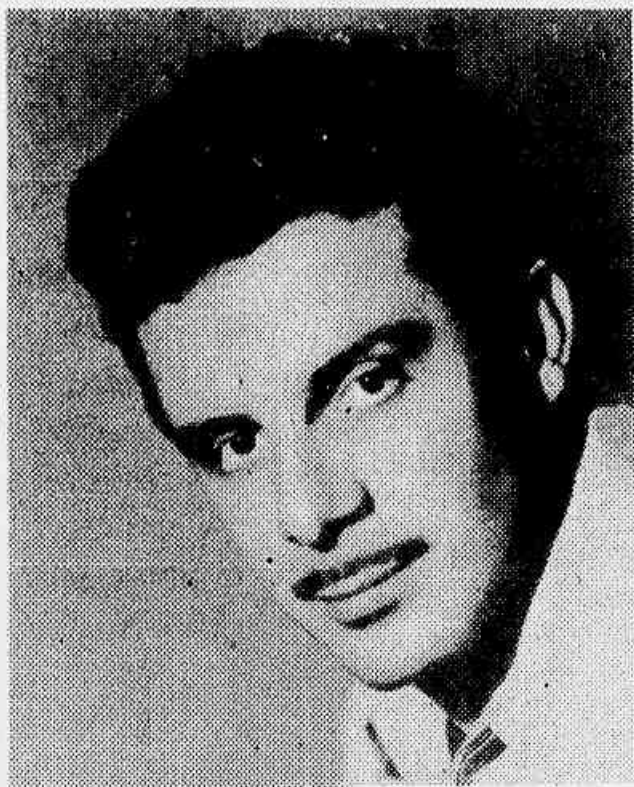
AINDA GENEBRA

Queremos conhecer os benefícios reais trazidos ao Brasil pela Conferência de Genebra, à qual comparecemos com uma delegação de nove membros, a saber: general Bernardino C. de Matos, chefe da delegação; professores J. Costa Ribeiro, Marcelo Damy de Souza Santos, Elisiário Távora Filho e Ernâni da Mota Rezende, delegados; professores José Goldemberg e Sílvio V. Guedes, doutores Alfredo Valadão e J. Pinto de Moura, assessores técnicos. Ainda dessa vez, a resposta vem rápida e segura:

— Foram duas as vantagens principais: primeira a certeza de que a energia atômica de fato poderá produzir industrialmente energia elétrica, o que virá tirar-nos de uma de nossas maiores dificuldades atuais; depois, a proclamação da importância do tório na produção da energia atômica, com a conseqüente proeminência, no rol dos países pesquisadores, que adquirem os três únicos que possuem reservas consideráveis do metal, e que são, como já afirmamos, Brasil, Índia e África do Sul.

CONCLUINDO

Eis em que pé está, entre nós, a pesquisa nuclear. Dispomos dos minérios, faltam-nos porém técnicos e aparelhagens, ainda em número insuficiente; possuímos uma Comissão de Energia Atômica que busca manter-se a par com os vários problemas que a cada dia surgem no campo da pesquisa nuclear; acordos recentemente firmados com o governo dos Estados Unidos nos permitirão adquirir todo o material de que necessitamos, inclusive um reator, a ser brevemente entregue; novas pesquisas geológicas a cada dia quase, dão-nos notícias de novas ocorrências de metais atômicos nos mais distantes recantos do país; técnicos vão aperfeiçoar-se no estrangeiro, voltando ao Rio e a São Paulo com um cabedal enorme e precioso de conhecimentos. O Brasil, enfim, está no páreo atômico, buscando, na medida de duas possibilidades, pôr-se também entre aquelas nações que buscam ter resolvido, dentro de mais uns anos, alguns de seus problemas mais ingentes através da energia nuclear.



O cantor Hélio Paiva é um dos principais elementos que abrilhantam os programas musicados da TV-Tupi.

VAMOS MELHORAR

O hipnotizador Karl Weissman, depois de uma vitoriosa série de exibições em um dos nossos teatros, apresentou-se na TV-Rio, em alguns espetáculos.

A expectativa para ver o professor era grande e, nos dias das exibições, o auditório da TV estava cheio. O trabalho do professor Karl é interessante e prendeu a atenção não só dos que compareceram ao auditório como também dos espectadores que assistiram de casa.

Depois de selecionar, entre aqueles que se ofereceram para subir ao palco, os indivíduos que estariam aptos a participar dos números que iria realizar, Weissman mostrou as mais variadas maneiras de hipnotizar. O seu trabalho, no entanto, foi bastante prejudicado, para que os tevendo o pudessem acompanhar de casa, pela imagem nem sempre boa da TV-Rio, bem como pelo som igualmente falho. Por vezes, tornava-se impossível ouvir as explicações que o professor dava, enquanto realizava o seu trabalho e isto fez com que a exibição perdesse muito do interesse despertado inicialmente.

NOVIDADE

● A anunciada estréia da cantora francesa Dany Dauberson, na TV-Tupi, deu-se finalmente no dia 16. A moça é bastante elegante e tem um modo especial de interpretar as canções de sua terra natal. Agradou na noite da estréia. Os números foram apresentados por Carlos Frias, que explicava aos ouvintes, com pronúncia bastante clara mas de modo um tanto enfatuado, de que tratava a música.

PARABÊNS À TV-TUPI

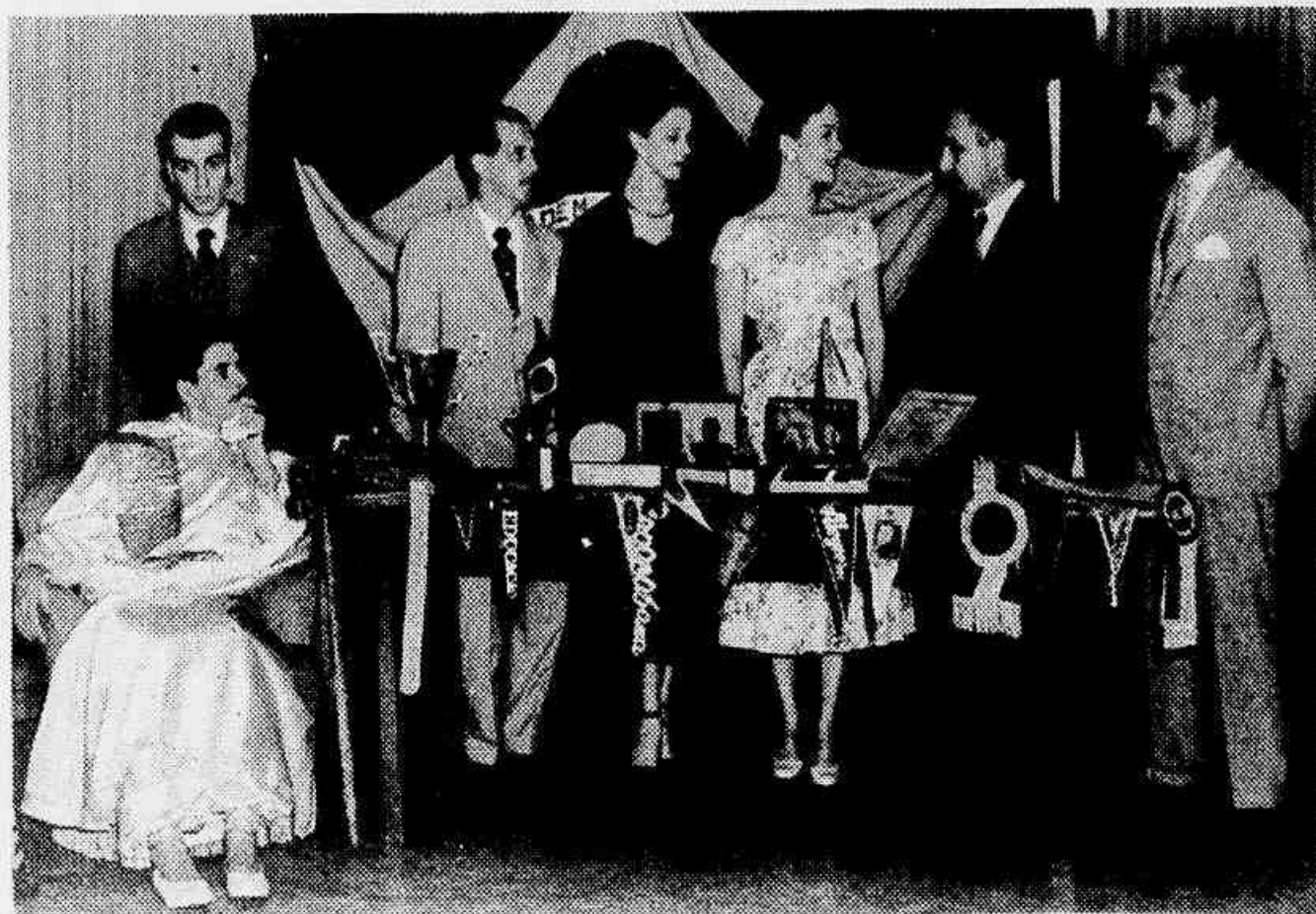
● As instalações da TV-Tupi, agora no Cassino da Urca, permitem aos seus dirigentes organizar novas programações e contratar artistas internacionais. Anteriormente isso não poderia ser feito com tanta facilidade e êxito, pois, os estúdios demasiadamente acanhados onde eram realizados os programas e nos quais, artistas e convidados sentiam-se sufocar pelo calor, não incentivavam novas e arrojadas iniciativas. Aos poucos a TV-Tupi tem cumprido as promessas feitas aos espectadores, para quando estivesse transmitindo da Urca. Atrações de destaque, como as cantoras Kobi Novi e Dany Dauberson, têm sido apresentadas com agrado geral.

"Tele-Semana Garson", em suas primeiras exibições, constituiu um dos programas mais interessantes da TV-Tupi, pois, além dos números musicais bem trabalhados, levava aos espectadores interessantes entrevistas com gente de destaque em todos os setores, feitas por Lídia Matos, Bricio de Abreu, Al Neto, Heloísa Helena e muitos outros. Aos poucos, no entanto, foi decaindo, principalmente na parte musical, onde geralmente os números apresentados eram de terrível mau gosto. Muitos dos espectadores assíduos perderam o interesse em assisti-lo. Há algumas semanas atrás, os telespectadores foram surpreendidos com uma apresentação do "Tele-Semana", feita de maneira completamente nova. Inaugurando a piscina construída nos estúdios e destinada a mostrar bailados e outras exibições aquáticas, o programa foi apresentado à sua volta, como se ali, por acaso, tivessem se encontrado os artistas da TV e conversassem naturalmente, de quando em quando improvisando alguns números musicais.

● A idéia foi ótima e muito bem executada. Depois da exibição do "ballet" aquático do Fluminense e dos já tão famosos "aqua-loucos", com tomadas de camera feitas sob a água, produzindo ótimo efeito, as entrevistas sucederam-se. Assim, Al Neto, Heloísa Helena, Bricio, Lídia e Carlos Frias, conversaram com os seus convidados de maneira simples e natural, sem nenhuma formalidade.

A composição do cenário, com mesas e guarda-sóis espalhados em volta da piscina, estava interessante e, de quando em quando, Carmen Déa e Célia Vilela cantavam alguns números. Só deve ser comentado um bailado, completamente sem propósito, dançado por um grupo de rapazes e moças, ao som de uma vitrola que tocava um disco velho, bastante arranhado. Tudo foi feito de maneira muito agradável, e inteligente; a propaganda do patrocinador foi apresentada também de modo natural e, quando o programa terminou, os espectadores tinham realmente se divertido e lamentaram que o tempo houvesse passado tão rapidamente.

Está de parabéns, portanto, a TV-Tupi; é necessário, porém, que as suas novas instalações e os recursos de que agora dispõe sejam sempre aproveitados de maneira eficiente e cada vez melhor.



Lidia Matos, em "Conversa entre amigos", por ocasião da entrevista feita com o faquir Silki.

PING-PONG



UMA CAMPONESA QUE OUVIU VOZES

Ping — Que mais a impressionou em teatro no exterior?

Pong — Uma peça chinesa, de um autor chinês, em Moscou: «A menina dos cabelos brancos».

Ping — E os soviéticos, que lhe ensinaram?

Pong — A deixar de fumar, o que para mim foi ótimo. Fiquei uma outra mulher.

Ping — Recorda algum grande diretor que tenha visto na Europa?

Pong — Luigi Visconti, dirigindo admiravelmente «As 3 irmãs», de Tchecov, em Roma.

Ping — De todos os seus personagens, qual o que mais gosta?

Pong — A Joana d'Arc, do «Canto da Cotovia», de Anouilh.

Ping — Por ser santa?

Pong — Não, por ser, como eu, uma camponesa que ouvia vozes.

Ping — E você além das vozes, já ouviu estrêlas?

Pong — Essas eu olho, não ouço. E quando caem, peço imensas coisas!

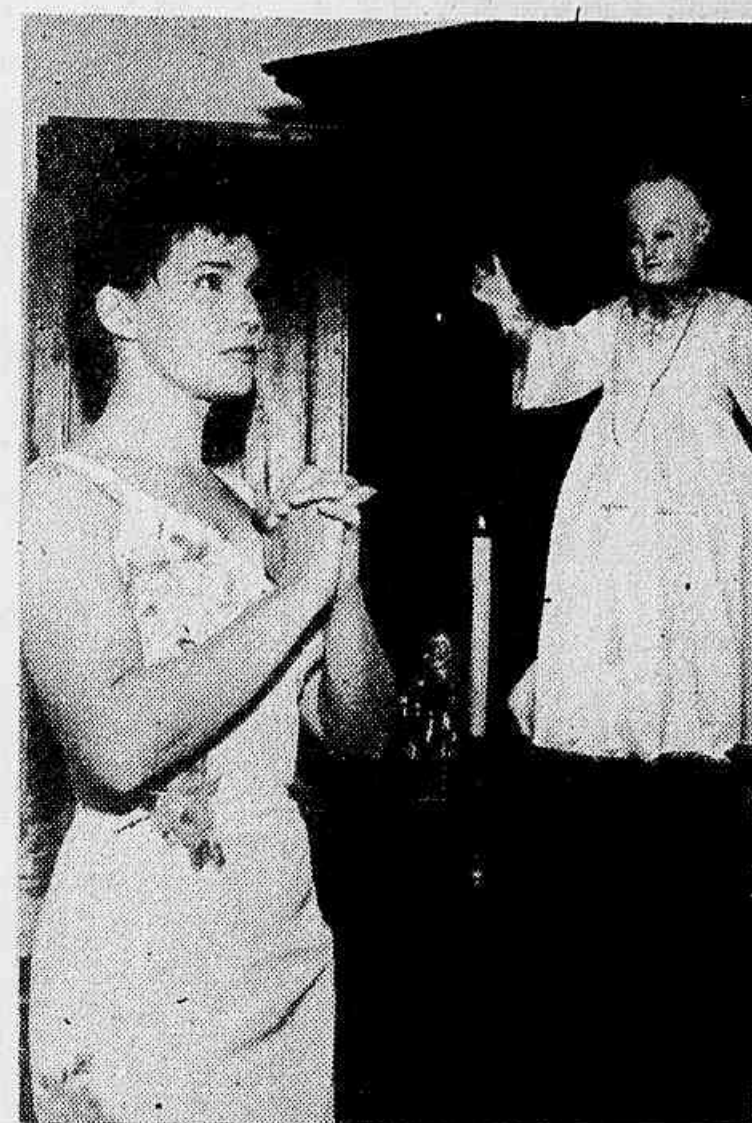
QUATRO EXPRESSÕES DE MARIA DELLA COSTA, EM QUE SE PODE OBSERVAR



OS SOVIETES TIRARAM A MARIA DELLA COSTA A MANIA DE FUMAR. — UM BAIANO DECIDIDAMENTE LÍRICO GASTA O ÚLTIMO TOSTÃO COM "MIRANDOLINA" E APAIXONA-SE EM VERSOS À LA CASTRO ALVES. — O AMOR EM PORTUGAL É, SEM A MENOR SOMBRA DE DÚVIDA, DIFERENTE.

Entrevista de CARLOS MARIA ARAÚJO

- Ping — Quais?
- Pong — Isso, é segredo.
- Ping — Se você tivesse sido a própria Joana d'Arc, teria tentado escapar à fogueira?
- Pong — Acho que não. Sou muito romântica e é mais bonito morrer no lume que morrer na água! Tenho horror à água!
- Ping — Você exclamaria como o espanhol: «Si Diós tiene que sacarme algo, que me saque el trabajo»?
- Pong — De jeito nenhum. O trabalho é indispensável e além do mais, evita que se pensem ou façam coisas ruins...
- Ping — Você é supersticiosa?
- Pong — Demais. Levo sempre flores a Iemanjá.
- Ping — E se ela um dia a chamasse para o fundo do mar?
- Pong — A Iemanjá tem já os seus pescadores, não precisa de mim. Eu tenho os meus admiradores.
- Ping — E qual é o mais fervoroso?
- Pong — Um estudante baiano, que passava pela porta do meu teatro a caminho do circo. Afinal, resolveu vir ver-me. Depois, me escreveu uma carta, vitorioso, achando-se o próprio Cavaleiro de Ripatrata (êle me vira em Mirandolina) e declarando-me, em versos à Castro Alves, «que tinha encontrado o seu sapato»!
- Ping — E você...
- Pong — Eu telefonei para o número que êle escrevera na carta, e convidei-o a voltar ao teatro... com a noiva!
- Ping — Você acha que os americanos têm razão quando dizem que os latinos são péssimos amantes?
- Pong — As americanas que eu tenho visto no Rio não parecem fazer tal opinião. Adoram!
- Ping — É verdade que o amor em Portugal é diferente?
- Pong — Se é! Todo à base de violência.
- Ping — E como você reagiu?
- Pong — Fugindo!
- Ping — Mais vai voltar...
- Pong — Mas vou «Joana d'Arc» que já enfrentou outras violências maiores, e «Mirandolina» que não é bôba...
- Ping — Que mais aprendeu você em Portugal?
- Pong — Dicção, o que é importantíssimo em teatro.
- Ping — Tirando a Joana d'Arc, que já é santa, para qual dos seus personagens pediria você entrada no paraíso?
- Pong — Começava por pedi-la para mim.
- Ping — E acha que São Pedro...
- Pong — Deixava logo. Nem que eu tivesse que usar as minhas armas secretas!



● Maria della Costa venceu a golpes de audácia e de talento. De origem humilde (que ela mesma faz questão de proclamar), já aos dez anos de idade, quando esfregava assoalhos no Rio Grande do Sul onde nasceu, sonhava com o palco, com as tragédias e comédias que nêles se desenrolam, ante uma platéia eternamente maravilhada, aplaudindo, aplaudindo... Em seus devaneios, via-se como personagem central de tódas aquelas peças. E, como aquela outra menina de origem humilde, Joaná, nascida há tantos séculos em Orleans, um dia a gaúchinha ouviu vozes misteriosas, que a aconselhavam, não a salvar o Brasil (que êsse também espera há tanto por uma Joana d'Arc!), mas simplesmente seguir o chamado de sua vocação, seguindo para o Rio de Janeiro e ali dedicando-se de corpo e alma ao teatro. O resto da história é conhecido: Maria chegou ao Rio, e após algumas exhibições em «shows» do Copacabana, foi estudar teatro em Portugal. Voltou em ponto de bala. Viajou depois pela Europa e escalas (Rússia inclusive) e agora, vitoriosa, tem um magnífico teatro em São Paulo, e vai a Portugal, dessa vez como grande atriz, mostrar aos lusitanos como é «O canto da cotovia».

OS MATIZES DE UM TEMPERAMENTO ARTÍSTICO E QUALIDADES INCOMUNS.



- Ping — Qual delas?
- Pong — Uma delas! Tódas a mulher tem armas secretas para os homens que gostam de mulheres. E São Pedro não deveria ter sido um anormal, não acha?
- Ping — Qual o maior prêmio de teatro que você já ganhou?
- Pong — O famoso «Saci», de «O Estado de São Paulo», êste ano, pelo meu «Canto da Cotovia».

AVISO AOS INTERESSADOS

TEMOS LIDO EM DIVERSAS publicações entrevistas que utilizam, sem a menor cerimônia, nosso sistema original (infelizmente não patenteado) Ping-Pong. Essa nossa invenção, ao que parece, teve grande acolhida não só entre os leitores, como também entre os entrevistadores de nossa imprensa diária e semanal. E como a falta de assunto e de imaginação infelizmente está se alastrando de maneira espantosa, tomamos a liberdade de sugerir a êsses cordiais «sanguessugas de idéias» algumas denominações que poderão emprestar, sem qualquer ônus de sua parte, às entrevistas que de hoje por diante efetuarem. Por que não usam, por exemplo, ao invés de «Ping-Pong», Bim-bam-bum, Pif-Paf, Tic-Tac, Hong-Kong, Pam-mun-jom, Ling-ling ou King-Kong?



Brasil de Pedro a Pedro: Um "Christophe Colombe" de água doce

Fotos de A. FERREIRA

O BOI BUMBÁ está presente ao «show» de Silveira Sampaio. E com grande êxito, ao lado, o quadro inicial do espetáculo: o bailado dos índios, pouco antes de Pedro Álvares Cabral (Silveira Sampaio) desembarcar no Brasil.

● **DEUS NOS LIVRE** de comparar "Brasil de Pedro a Pedro" com "Le Livre de Christophe Colombe", de Claudel; mas que alguns recursos utilizados na peça francesa aqui reaparecem, está fora de dúvidas. Por exemplo: o desembarque do descobridor, a projeção, numa tela oculta, da imagem de uma caravela em mar alto, etc. etc. Nisso não há mal algum, pois o que é bom deve ser imitado. O "show" possui altos e baixos, como acontece em obras de tal natureza. Entre o que há de melhor, relevamos os diversos números de danças nacionais, como o marixe, a congada e o côco; o quadro que teve por base o poema "Essa Nêga Fulô", de Jorge de Lima, e o esplendor da Corte de João VI, devorador de franguinhos e galante Rei de Portugal e Brasil. O que é básico no espetáculo é o elemento negro, e todas as vezes em que intervém o Grupo Folclórico, o público manifesta, através de aplausos, sua satisfação. Quase nos esquecíamos de Diana Morel, que consegue o milagre de ser a única cantora boa que canta, sem possuir voz...





A AGILIDADE E LEVEZA DESSE BAILARINO (TIÃO) SÃO UM DOS PONTOS ALTOS DE «BRASIL DE PEDRO A PEDRO».



*Brasil
de Pedro
a Pedro*





ALGUMAS DAS PRINCIPAIS figuras de
"Brasil de Pedro a Pedro", de Silveira Sampaio: o próprio
Silveira Sampaio, que encarna o primeiro Pedro da História do
Brasil, o Álvares Cabral, descobridor da terra e
apresentador da peça; Vera Regina,
que com seu conjunto domina o espetáculo;
finalmente, Diana Morel — uma beleza repousante — nos
braços de Pedro Primeiro, vivido pelo ator Guio, num dos
últimos quadros do pitoresco e colorido espetáculo.

A Dactilógrafa

Conto de
JOSE' LOUZEIRO

Desenho de
JERONYMO RIBEIRO

NÃO eram 7 horas quando Marilda saltou do trem na estação Pedro II. Os seus sapatos já bastante gastos estavam empoeirados; as suas vestes machucadas pelos empurrões durante a viagem.

Cansada e pálida a mocinha esgueirou-se por entre o povaréu que se comprimia na estação, ganhou a rua. Necessitava andar depressa, chegar ao serviço no horário exato. Necessitava mas não podia. As suas pernas estavam trêmulas, parecia que a articulação de seus joelhos ia desmantelar, não resistia ao peso do corpo. Ao mesmo tempo uma sensação de profundo vazio, seguida de algidez nauseante, enterrava-lhe as unhas no estômago: fome. Desde a noite anterior que a pobre menina nada comera. Marilda procurou resistir mas não pôde: seus olhos ficaram pesados de mais, os carros que transitavam começaram a girar como bezouros malucos em torno dum círculo invisível, as ruas se ondularam, confundiram-se, desapareceram.

Era uma das costumeiras vertigens que, de quando em quando, surpreendia a pequena. Ao recuperar os sentidos Marilda notou que inúmeras pessoas a rodeavam, curiosas. A mocinha tirou um pequeno lenço de sua bolsa, enxugou a fronte umedecida de suor, descansou durante alguns instantes, esqueceu a dor penetrante como de um forte beliscão na barriga, iniciou a caminhada. Faltavam vinte minutos para as 8 e a distância de onde ela se encontrava para a Av. Rio Branco era grande. Impossível chegar a tempo. Além disso os 10 cruzeiros que Marilda trazia consigo eram a continha do almoço, que se constituía geralmente de uma sopa na casa das freiras. Se tomasse um ônibus ficaria sem comer. E, se chegasse atrasada ao serviço estava sujeita a ir para a rua, ouvir desaforos. O patrão a odiava, chamava-a d. «orgulhosa».

Marilda decidiu ficar mais um dia sem comer. Entrou na fila, esperou o ônibus, agüentou novos empurrões. Mas, às 8 em ponto, estava no escritório, dactilografando faturas.

A hora do almoço, porém, ela não podia mais, sentia-se mal, tinha o corpo enteiriçado. Aguardou que o rapaz que trabalhava na sala contigüa saísse, a fim de que pudesse falar a sós com o patrão, explicar-se, pedir algum dinheiro emprestado.

Marilda, embora maltratada, era simpática e os seus olhos castanhos denunciavam compreensão e ternura. Dir-se-ia, mesmo, que a pobre criatura, dotada de uma incompreensível atração, desafiava os rigores da sorte. E, isto, como é natural, de há muito despertara o instinto de seu chefe, sujeito corpulento e malicioso.

A primeira oferta do burguês foi convidar Marilda, certo dia, para um passeio de automóvel; depois, promessas de ordenados fabulosos, vestidos novos, etc.

A recusa da moça tão em desuso, atualmente irritou o negociante. Por isso, enquanto o salário do outro funcionário era aumentado, o de Marilda continuava o mesmo de dois anos passados.

Ainda assim ela precisava falar, pedir-lhe por favor, dizer-lhe que sua mãe inválida e uma irmãzinha estavam passando fome, morrendo num quarto promíscuo, no subúrbio. Bastava um aumentozinho de Cr\$ 500,00 para melhorar a situação de sua gente e sua também. Marilda aproximou-se, lívida, da carteira do chefe.

— Eu desejava... por favor... eu desejava...

Não pôde concluir a frase; dos seus olhos descenderam copiosas lágrimas.

O patrão, incapaz de compreender o estado d'alma da modesta empregada, berrou, mal humorado:

— O que foi? — e, mais baixo, em tom de insinuação:

— Arrependeu-se de não ter aceito minha proposta?...

Marilda nada respondeu, afastou-se, com as mãos no rosto, lentamente, como se não estivesse pisando no chão. As suas pernas tremiam e um infinito desespero a envolveu. O chefe, que já estava de saída para o almoço, passando pela moça que se dirigira para sua mesa de trabalho, disse-lhe:

— Se não estiver gostando do serviço, meu bem, é só mudar para outro melhor...

No silêncio do escritório agora vazio Marilda via encenado ante os seus olhos o drama que se estava desenrolando no seu íntimo. A sua boa mãe, tão carinhosa e resignada tossiria durante noites seguidas; não haveria, sequer, um copo com leite para ela tomar. Depois começaria a sentir a mesma sensação que ela (Marilda) sentira ao desmaiar no meio da rua, perderia a voz, os olhos se fechariam para sempre. E sua irmãzinha Nilze, coitadinha, que culpa tinha? Tão magrinha, a menina não resistiria por muito tempo.

O resto da tarde a moça tentou voltar sua atenção para o trabalho mas era impossível, a todo instante errava, utilizava-se da borracha.

Os batidos secos das teclas confundiam-se com os últimos sonhos que ela embalara e que, um a um, via cair no chão lúgubre da realidade.

Se não tivesse mãe e uma irmã menor o problema se tornaria de fácil solução: esperaria que o escritório ficasse sem ninguém, jogar-se-ia pela janela de encontro a calçada que tantas vezes pisara. Os jornais noticiariam o suicídio em letras garrafais: «Atirou-se de 10º andar...» Depois de um dia já seria caso passado e tudo ficaria resolvido. Mas a sua querida Nilze, a sua mãe, eram bens que a impediam de renunciar à vida.

E a solução mais acertada era entregar-se fisicamente ao homem que a desejava. Talvez ele aumentasse o seu ordenado, a sua mãe não morreria de fome, Nilze poderia se alimentar melhor. Sacrificar-se-ia, sim, e nenhum protesto deixaria escapar de seus lábios. Tornar-se-ia u'a mulher vulgar; hoje seria do patrão, amanhã de outro qualquer.

Ao fim da tarde, quando encerrou-se o expediente, Marilda ainda lutava com os pensamentos desordenados, que pareciam martelar-lhe o crânio. Afobada, levantou-se da cadeira, iniciou a arrumação do papelório que estava sobre a mesa, com lentidão desmedida.

— Entregar-se-ia, mesmo?

As tremuras nas pernas reapareceram. Já não era de fome, era de medo. As suas mãos gelaram. E se o patrão a rejeitasse? Morreria de vergonha. Estaria irremediavelmente perdida. Sairia correndo pelas ruas, gritando... gritando... a suprema idiotice. Gritaria até rebentar as veias do pescoço. Ele, porém, não a rejeitaria, estava certa disso. Não ia longe a tarde em que o chefe aproximando-se sorratamente por trás da cadeira onde estava sentada a pequena, segurou-a pelos seios miúdos, beijou-a no cogote.

Se ela ao menos tivesse dinheiro suficiente para comer durante dois ou três dias abandonaria o serviço, recortaria outro anúncio de jornal, procuraria novo trabalho. Mas não tinha. Dependia daquilo, estava presa, escravizada.

Naquele dia Marilda não teve coragem de falar ao patrão. Falaria no dia seguinte.

Os pensamentos acompanharam-na pelas ruas, de regresso para casa. As ferroadas no ventre continuavam presentes desde o momento em que ela desmaiou. Era o velho apêndice que não pudera operar ainda. As vezes ficava de cama, com a perna direita espichada, endurecida, tomava chá, gemia a noite inteira. Mas estava na rua e a dor, cada vez maior, fustigava-lhe as entranhas. Era como se não passasse nunca mais. Marilda continuou andando, andando, as pontadas afinaram, transformaram-se em lâminas aliadas a estucar-lhe os intestinos, as virilhas. Iria morrer?

(Cont. na página 46)



Eu sou minha própria modista
e minha máquina é a

ELGIN

a máquina de costura de fama mundial!



diz Cinderela -
uma das mais famosas e elegantes
artistas de rádio e televisão
do Brasil.

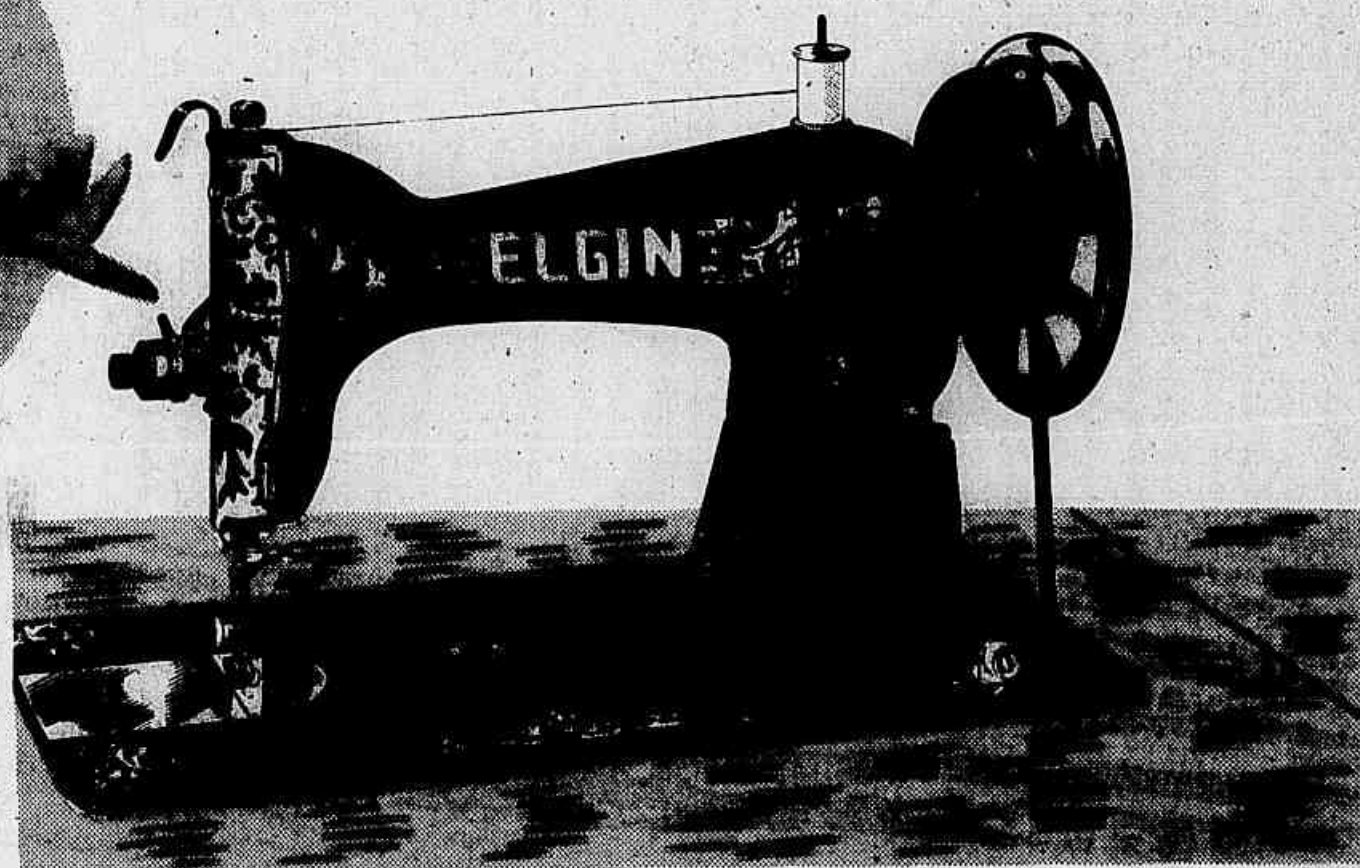


Notável é como chamam a ELGIN -
a mais completa e perfeita
máquina de costura à venda no Brasil.

*20 anos
de garantia*

ELGIN FÁBRICA DE MÁQUINAS DE COSTURA S. A. Escritório Central: Cx. Postal 4575 - São Paulo

Peça uma demonstração grátis ao nosso revendedor autorizado mais próximo.



E A SUA ELGIN PAGA-SE POR SI MESMA E EM POUCO TEMPO!

Veja como costurando seus próprios vestidos,
V. faz mais economia... e fica mais
contente com os modelos! Em pouco
tempo, muito menos que V. possa esperar,
a sua ELGIN pagou-se por si mesma ..
e depois a elegância é quase "de graça".

**costura, borda, cirze, etc.
sempre com perfeição!**



SUGESTÃO PARA O LAR

● Com o auxílio de um bonito tecido estampado, como se vê na ilustração, não será difícil improvisar uma penteadeira para o quarto da mocinha. Qualquer armáriozinho barato servirá para o arcabouço do móvel. Basta que tenha uma forma elegante e altura conveniente. Todo êle é recoberto com tecido, que cai em pregas na frente e dos lados. Forrando a parede que faz fundo à penteadeira, com o mesmo tecido, o conjunto se tornará ainda mais gracioso, principalmente quando entre duas janelas. Um espelho com moldura dourada, um jarro com flores, e um abajur simples, porém, original, completam essa peça de mobiliário tão importante para os «brotos».

CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

★ SUPERSTIÇÕES DAS "ESTRELAS"

Como uma infinidade de outras mulheres, as artistas de cinema também são supersticiosas. Como o vestuário está na primeira linha de suas preocupações, as suas "cismas" se prendem à cor dos mesmos ou certos detalhes.

Grace Kelly, quando está para iniciar algo importante (uma viagem, assinatura de um contrato, ou mesmo um romance) enfia decididamente as luvas brancas de cano curto, com que a temos visto em muitas fotografias.

Piper Laurie adora o preto, branco e vermelho. Nem sempre lhe é possível vestir-se nessas três cores. No dia de seu último aniversário, porém, usava uma saia de plumetis branca, com anágua negra aparecendo, uma blusa vermelha, também de plumetis, e um largo cinto de verniz preto.

June Allyson acha que os lacinhos vermelhos lhe dão sorte e usa-os nos cabelos, e nos babados das anáguas.

Joan Crawford assegura que nos melhores momentos de sua carreira usava sempre alguma coisa rosa. Por isso, mesmo quando não se veste inteiramente dessa cor, procura ter alguma coisa em rosa: o fôro da bolsa, uma flor, um lenço...

★ MAIS UMA "ARMA" FEMININA

Uma verdadeira "arma" contra os insolentes, são os novos modelos de sapatos inventados na Itália por um sapateiro romano. Lá, como aqui, não são poucos os engraçadinhos que importunam as senhoras e senhoritas nas ruas, nos cinemas etc. Má educação que é justificada como "temperamento latino". Pois, voltando aos sapatos...

UM POUCO

A maquilagem...

● Pouco a pouco o verão vem anunciando a sua chegada... é hora de você pensar em mudar sua maquilagem, adaptando-a à estação. O primeiro conselho é «pintar-se pouco» quando estiver na praia, no campo, na montanha. Quando o sol começar a bronzear a pele suprima inteiramente a base que usa habitualmente. Deixe também de usar rouge, se você é naturalmente corada ou se o ar livre acentuou o colorido de suas faces. Reduza ao mínimo o emprego do pó: para a tarde e a noite. Vá escurecendo a tonalidade do pó, à medida que sua pele for adquirindo cor mais bronzada. Uma boa idéia é adquirir no começo do verão uma caixinha de pó bastante escuro, bistre, que você vai pouco a pouco misturando com a tonalidade que usava até então, à proporção que sua pele for escurecendo. Quando ficar bem queimada empregue só o pó escuro.

WEEK-END NA COZINHA

● Naturalmente, a dona de casa de hoje não pode se dar ao trabalho de fazer pão doce em casa, como o faziam nossas avós. Porém, aquela que tiver um tempinho extra, pode tentar essa receita, que verá seus esforços amplamente recompensados.

1 — Dissolva um pacotinho de fermento de cerveja em 1/4 de xícara d'água morna. Junte 1/4 de xícara de açúcar e 2 colheres das de chá de sal. Acrescente 2 xícaras de farinha de trigo. Bata. Junte 1/3 de xícara de manteiga e misture bem. Adicione mais 1 xícara e 1/4 de farinha de trigo. Misture até obter uma massa de consistência elástica.

2 — Ponha-a numa fôrma para pão, no formato de anel. Cubra e deixe descansar em lugar um pouco quente até que a massa crescendo tenha quase atingido a borda da fôrma (perto de uma hora e meia).

3 — Asse 25 minutos em forno quente — até que fique o pão ligeiramente tostado por cima. Retire da fôrma ainda quente, e deixe esfriar.

Esse pão é delicioso com manteiga e geléia de frutas.

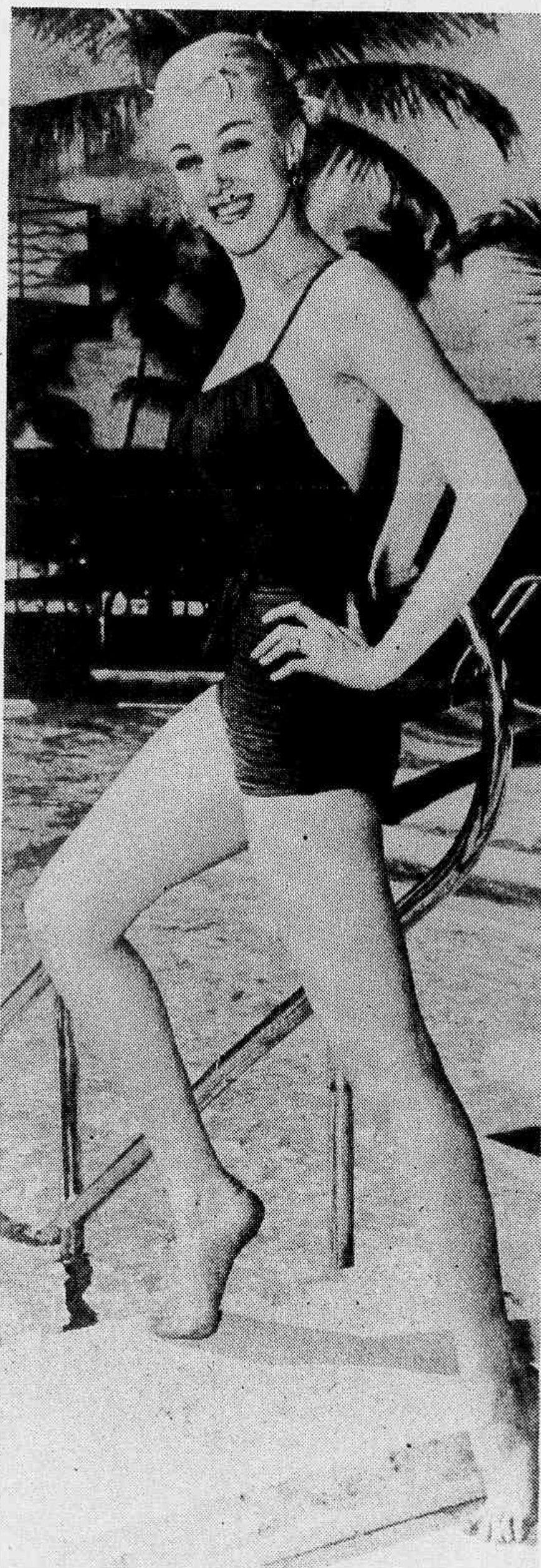


estes têm na ponta da frente, e na ponta dos saltos, atrás, uma espécie de bico pontudo, em chifre ou plástico, que serve como "arma defensiva". As primeiras clientes do habilidoso sapateiro afirmam que os sapatos produzem ótimos resultados para a finalidade a que se destinam.

Se a moda pega...

★ PARA O VERÃO DESTA ANO: MELANCIA

Não é como parece à primeira vista um conselho sobre o que você deve comer, mas o que você deve "parecer" segundo as revistas norte-americanas. Como se define essa fresca "aparência de melancia?" Um rosto corado e limpo de cosméticos; vestidos de duas peças; brincos branquinhos nas orelhas; cinto branco; sapatos fechados na frente e nos calcanhares, porém muito abertos dos lados; chapéu grande e ensombrado para o ar livre; e, quando chover, uma echarpezinha de algodão sob o impermeável. Esse conjunto de detalhes, e mais o conselho de ter também pensamentos refrigerados (como as melancias por dentro) estão sendo seguidos por milhares de norte-americanas e foi denominado de "cucumber look".



DE BELEZA

e o calor!...

● Um grave inconveniente para a conservação da reduzida maquiagem de verão é a transpiração. Isso se corrige vaporizando o rosto com água de colônia ou água de rosas e secando-o com palminhas antes de aplicar o rouge e o pó. As peles gordurosas tornam-se mais brilhantes com o calor, principalmente junto ao nariz. O único meio de remediar esse inconveniente é usar no rosto um leite vegetal não gorduroso, que se aplica de tanto em tanto, durante o dia, renovando ao mesmo tempo o rouge e o pó.

● Se o sol deixou o seu rosto com algumas manchinhas e sardas, então sim, use uma base para a tarde e noite, a fim de cobrir essas imperfeições. Cuidado, porém, com a tonalidade da base, que deve ser ligeiramente mais escura que a pele, e nunca mais clara. O que vale dizer, que não lhe servirá mais a base que você usava antes de sua pele ficar bronzeada.

NOTINHAS ÚTEIS

PASSADO O INVERNO lave todas as roupas de lã antes de guardá-las, a fim de evitar que o sujo atraia traças e baratas. Lave-as em água com amoníaco e borax (uma colher das de sopa de cada, para cada litro d'água). Enxágüe em água ligeiramente morna e ponha para secar à sombra.

VOCÊ PODE cozinhar os vegetais de uma só vez e guardá-los na geladeira por 3 ou 4 dias para ir usando aos poucos. Em nada alterará o gosto ou as propriedades nutritivas dos mesmos, se conservá-los em recipientes fechados (de vidro ou plástico). Esse sistema poupa trabalho e... espaço no refrigerador.

CONSERVE A SUA louça fina — que usa só em grandes ocasiões — muito limpa. Arrume os pratos em pilhas, intercalando entre um e outro um pedaço de feltro, ou mesmo um guardanapo de papel. Impedirá que fiquem arranhados ou com o desenho danificado. Enrole as outras peças, como terrinas, pratos de servir, etc. em papel de seda.

PARA EVITAR que o queijo fique mofoado... espalhe uma ligeira camada de açúcar na superfície do prato em que colocá-lo.

SE CAIU gordura no tapete da sala de almoço, não procure benzina nem outro preparado tira-manchas. Jogue um pouco de talco, deixe por 3 ou 4 horas, e depois escove com força. A gordura sairá inteiramente, junto com o talco.

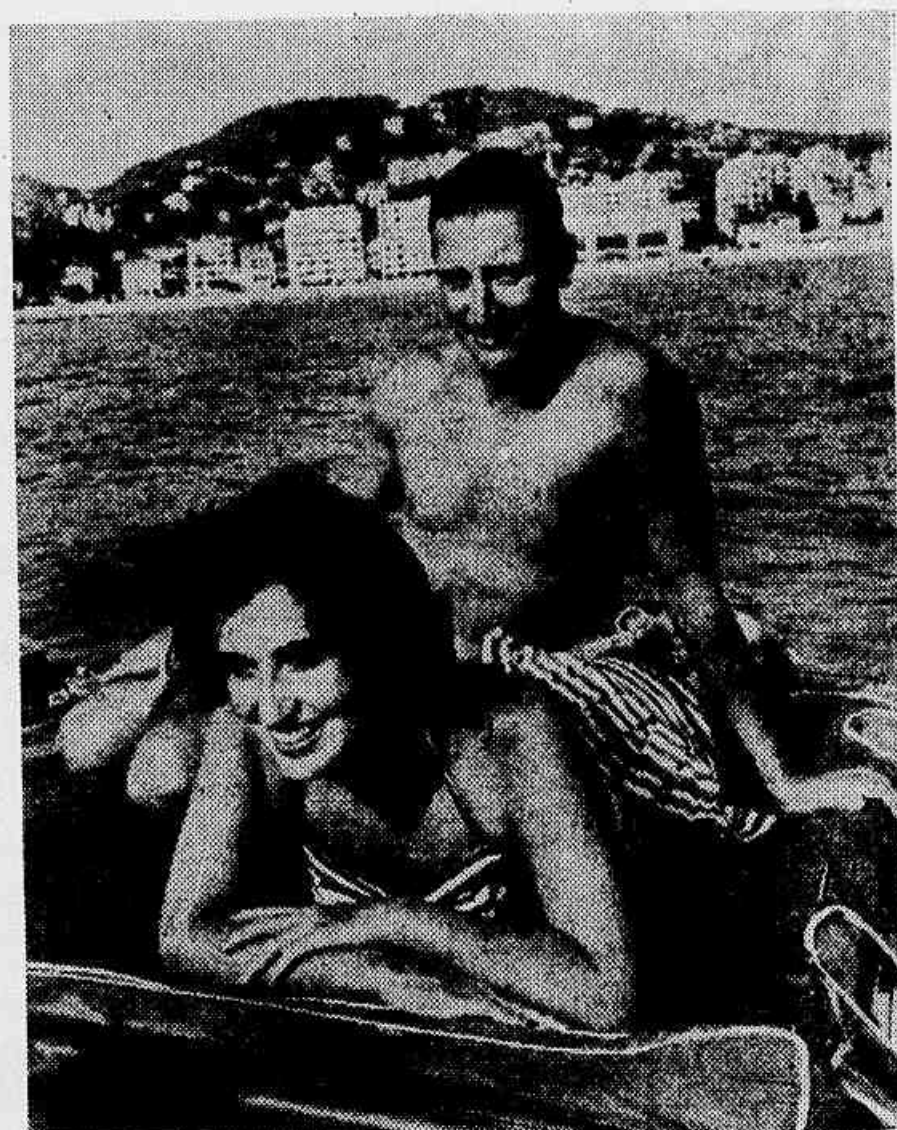


POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

OS «PARENTES» DE PERÓN estão aparecendo pelo mundo todo. Agora, da Finlândia, chega um recado de Walter e Elsa Perón, «primos» do general: partam para Degerby, onde serão bem recebidos.



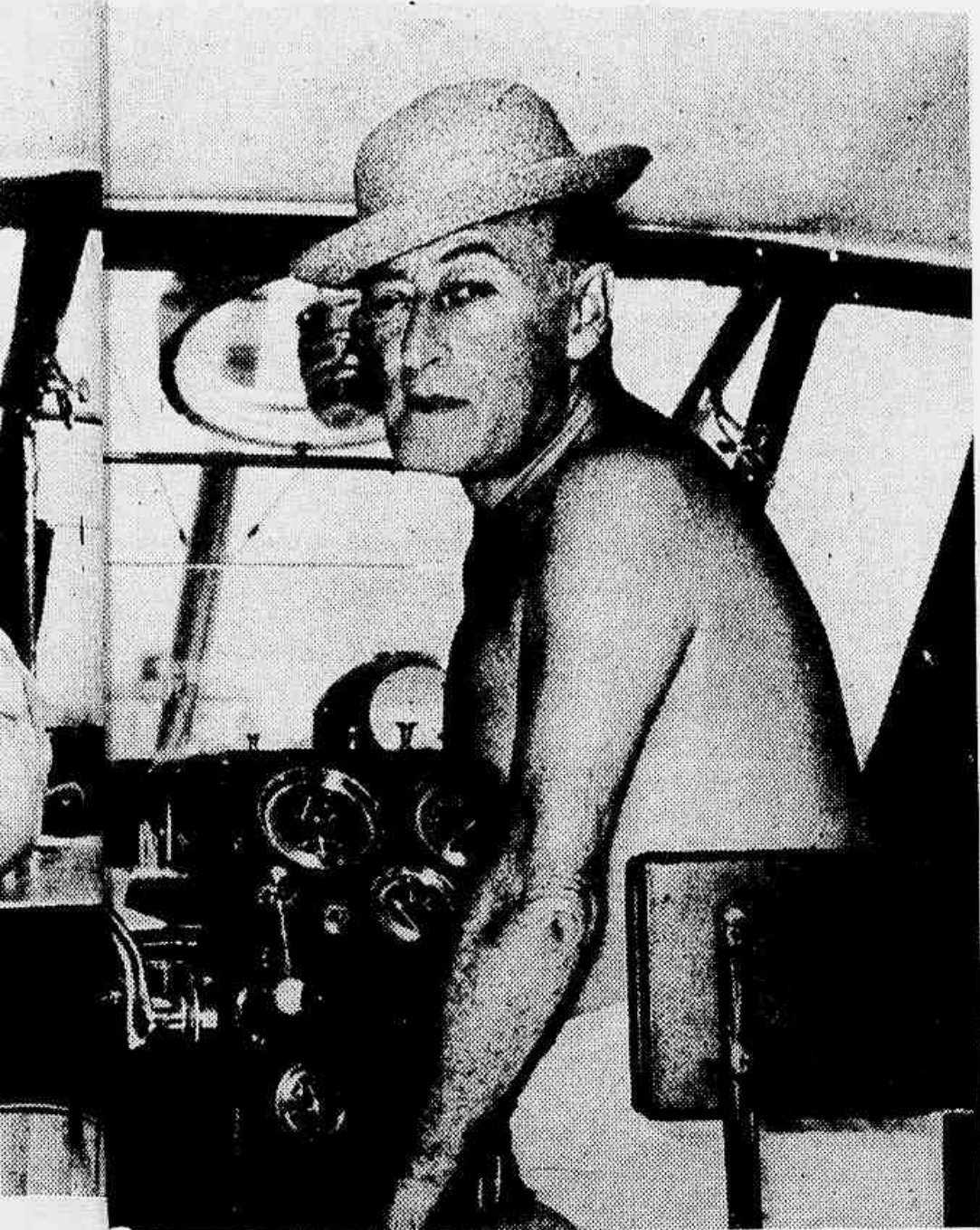
SUA ALTEZA IMPERIAL Flávio Focas Angelo Ducas Comneno De Curtis, isto é, o popular



A FILHA DE FRANCO e seu espôso, o marquês Cristobal de Villaberde, estiveram há pouco em Cannes, viajando com o nome falso de Gomez. Mas foram logo descobertos e assediados.



DUAS FAMOSAS beldades presentes ao Festival de Veneza: Heddy Lamar e Anouk Aimée. Curiosidade: ambas tomaram parte, nuas, em («Extase» e «Amantes de Verona», respectivamente).



ator Totó, acaba de casar-se com a atriz Franca Faldini. Ei-los a bordo do iate nupcial.



PAUL MUNI, o velho ator da película «Scarlac», teve de retirar-se há pouco das filmagens, a fim de submeter-se à ablação de uma das vistas, atingida por um tumor de origem maligna.



SALVADOR DALÍ finge dormir, para os fotógrafos que recentemente o descobriram em Port Lligat, na Costa Brava, Espanha. Seus bigodes-antenas do infinito estão em plena forma.



HEROISMO FRANCÊS

NA ALGÉRIA, prossegue a insurreição contra o domínio francês. Porque não? A Algéria para os algerianos, como diria o Monroe local. O que não se concebe é que soldados franceses, por mais bestial que seja a guerra, e por «selvagens» que sejam seus oponentes, portem-se de maneira como se portaram esses dois «valentes» heróis gauleses. Porque o «terrorista» que aí está sendo alvejado pelas costas, positivamente nenhum perigo oferece, desarmado como está, às metralhadoras dos célebres heróis. Será que até a França já aderiu, de armas e bagagens, à barbaridade do mundo contemporâneo? E' mais fácil atacar algerianos que lutam por sua terra que defender a linha Maginot...



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

A MAIS COMPLETA REVISTA

ESPORTIVA DO BRASIL

UM CONCURSO DIFERENTE!...

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS
FREGUESAS E FREGUESES

CR\$ 10.000,00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE ÓLEO
DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VEZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de ÓLEO DE CEDRO acompanhado de seu
nome completo e endereço, assim como o local em que foi comprado o vidro
de óleo. RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:
«CONCURSO DO «ÓLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 —
Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada ao sorteio que se realizará
no dia 29-12-55, às 21.30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25
prêmios de Cr\$ 50,00, 1 prêmio de Cr\$ 250,00, 1 prêmio de Cr\$ 500,00, 1 prêmio
de Cr\$ 1.000,00, 1 prêmio de Cr\$ 2.000,00 e 1 prêmio de Cr\$ 5.000,00.

PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O
NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de ÓLEO DE CEDRO, 1 prêmio de
40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados
aos consumidores.

Todas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz,
no dia do Concurso, quando então um Cego, contratado pela Rádio, irá
escolhendo as cartas a serem premiadas.

O MAXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado deste concurso será publicado em diversos jornais e revistas,
inclusive na Revista do Rádio.

Quaisquer informações na Avenida Rio Branco, 137 — sala 616
Telefones: 32-9415 e 32-9309

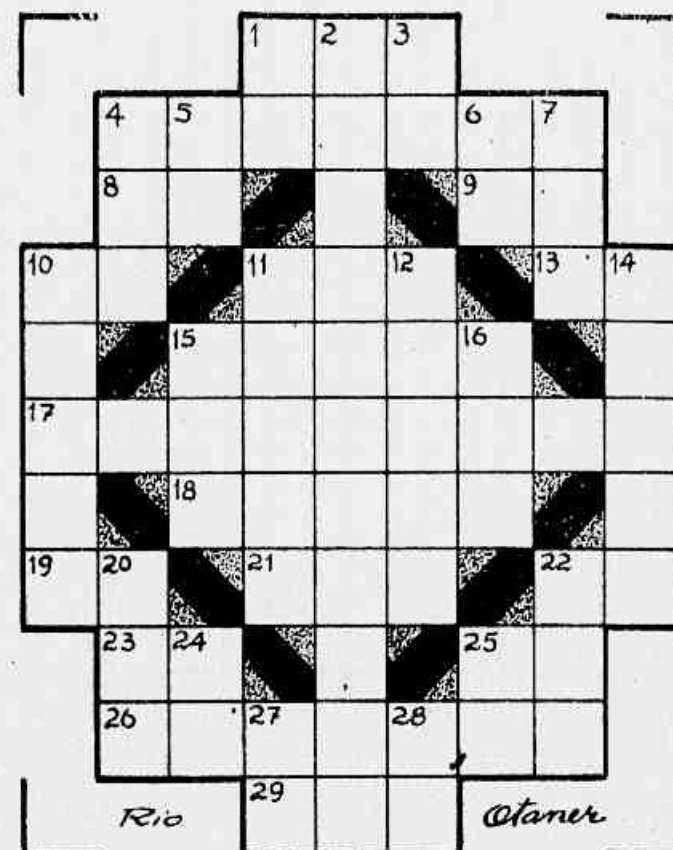
Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 91

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Em alto grau — 4. Materiais — 8. Idioma africano — 9. Aprêço do que nos é pessoal — 10. Árvore da ciência — 11. Fruto de uma palmeira — 13. Dinheiro — 15. Sujeitos — 17. Ferida agravada — 18. Escolher, separando o bom do mau — 19. Nota musical — 21. Povoação da Espanha, na província de Saragoça — 22. A jarda inglesa, na China — 23. Medida de capacidade japonesa — 25. Símbolo do metal de peso atômico 22,997 — 26. Colhes (as velas) — 29. Nome de homem.

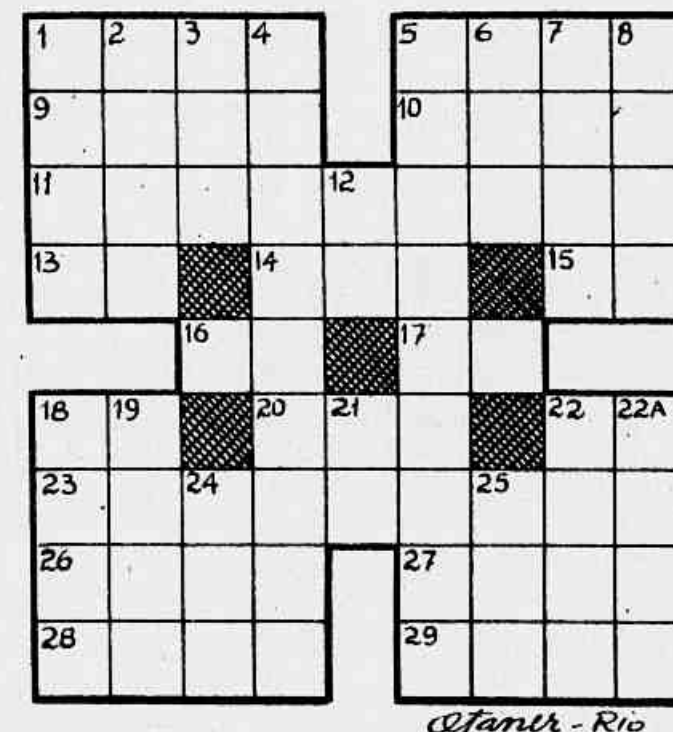
VERTICAIS: — 1. Nota musical — 2. Terminante — 3. Segunda corda do violino — 4. Exame final — 5. Desataviado — 6. Sexta letra do alfabeto russo — 7. Pólo austral — 10. Homem rico (pl.) — 11. Árvore do Brasil, da família das Leguminosas — 12. Falias — 14. Pescada amarela, na Bahia — 15. Pessoa pouco sociável — 16. Ilha do Danúbio, na Hungria — 20. Espécie de concha bivalve — 22. Inconveniente — 24. Aum — 25. Loureiro do Japão — 27. Feições — 28. Símbolo do nióbio.



PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Querem bem — 5. Em uma — 9. Capital da Itália — 10. Irritar — 11. Da América — 13. 17ª letra do alfabeto grego — 14. Pedra do altar — 15. Artigo plural — 16. Símbolo da prata — 17. Batráquio — 18. Antes de Cristo — 20. Liga — 22. Despido — 23. Lusos — 26. Rancor — 27. Caixa em que se depositam os votos numa eleição — 28. Sádios — 29. Gemer.

VERTICAIS: — 1. Lavrar — 2. Rei do carnaval — 3. Goste — 4. Adeptos do maragatismo — 5. País da América Central — 6. Berne — 7 — Irmã — 8. Argolas — 12. Seguir — 18. Depois de — 19. Fragmento musical — 21. Pronome pessoal — 22. Boneca — 22-A. Fazer uso — 24. Curso de água natural — 25. O mesmo que guri.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 90

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: saúva — fábrica — oira — alar — mac — irã — aabam — resgatara — taran — ami — Eil — roca — intã — rolante — sábio.

VERTICAIS: sarcásticos — aba — ur — via — aclimamento — fiã — Aar — ombrear — rataplã — abaré — aga — ata — mor — ité — ala ini — ab.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mal — par — arara — Roma — oras — câmaras — Ari — arredar — usai — arar — lasso — ama — sei.

VERTICAIS: mor — lama — Pará — ras — ramaria — rórdas — ocras — asara — are — rala — aros — uca — rei.

CRÔNICA

As Memórias de Gilberto Amado



Uma fase verdadeiramente nova de sua vida de escritor, inicia Gilberto Amado, com a publicação dos volumes encerrando suas memórias. Com que amor, com que alma, com que carinho, escreve-as ele! Vê-se, sente-se nitidamente, que nesse gênero o autor consagrado de tantas obras de pensamento e de emoção, encontrou o melhor caminho para a expressão literária de sua personalidade.

É o que se depreende da «História da minha infância», primeiro tomo da série, em que narra sua meninice em Sergipe. Quanta poesia é encontrada nessas páginas de boa e salutar prosa! Aliás, é ele mesmo, Gilberto, quem costuma afirmar, que o que se considera em última análise, bem no fundo do seu ego, é poeta!

Acompanhemos o memorialista neste trecho, verdadeiro «momento» de graciosa poesia: «Uma abusão popular no Brasil diz que quem mata gato tem sete anos de atraso. No velho sobrado do deserto bairro onde morávamos, a gataria fazia um barulho

dos diabos pelo telhado. Véspera de exame não se podia estudar. Que fazia um dos companheiros da república? Abria o sótão, onde havia pôsto comida, deixava os gatos entrarem e fechava a janela. Com uma faca de ponta, começava a matar um a um. Suave de gestos, era o mais calmo dos membros da república. A miadaria arrepiante me chegou aos ouvidos no pavimento térreo onde eu morava. Havia tropeçado já, ao descer a ladeira, com gatos mortos, lançados por ali, mas não tinha noção de onde vinham. Subi correndo nessa noite e pude ver a cena. Era horrível, os bichos subindo pelas paredes e a faca espetando-se nêles, as contorsões, os pulos, os esgares. No clarão da lua, que penetrava o ambiente, os olhos das vítimas fosforescavam. Os gatos azunhavam o brago do esfaqueador, que havia arregaçado a manga. Nessa noite deixou cinco ou seis estirados. Como me admirava eu de o ver depois lavar calmamente os braços lavhados, com um vago sorriso no rosto. Era tão bom... Tão acatado pelos colegas... Nenhum ousava ferir-lhe a delicadeza estranhando o que fazia. Sumiu-se este gentleman depois na sua província. Num encontro, anos mais tarde, com um seu conterrâneo, que o conhecera, como eu, na Bahia, perguntei por ele, se tinha sido infeliz. Parece que o foi, mas não em proporção com o número de gatos que trucidou. E se morrer cedo é infelicidade, teve esta.» Eis aí uma página antológica, entre muitas outras, do autor de «A Chave de Salomão e outros escritos».

Este volume trata exclusivamente da infância do escritor nas cidades sergipanas de Estância e Itaporanga e foi iniciado em Paris em abril-maio de 1952 e concluído no Rio em fevereiro-março de 1953. Termina dizendo: «Em Pernambuco, para onde segui dois anos depois, em 1905, iria, na Faculdade de Direito e no «Diário de Pernambuco», libertando-me das obsessões da adolescência, passar do monólogo ao diálogo. Iria, nos labirintos por onde a vida me foi levando, emaranhando-me com ela, desenrolar em vários fios o novêlo do coração. Mas o menino continuou dentro de mim e é à sua presença militante e bulhosa no espírito do homem feito que atribuo haver encontrado no fato de viver a plenitude que a criança encontra no brinquedo».

Vai começar agora, a segunda fase de sua vida, objeto do 2º volume da obra: «Minha formação no Recife», de que trataremos na próxima crônica.

NOTICIÁRIO

● O escritor Otto Maria Carpeaux emitiu a seguinte opinião, sobre o livro de Edmundo Moniz «Branca de Neve», recentemente publicado em nova edição: «Branca de Neve», de Edmundo Moniz, é uma das experiências literárias mais interessantes que li nos últimos tempos. A idéia de descobrir a seriedade e a verdade profunda no que parece infantil aos nossos ânimos perversos de adultos, já foi um achado. A realização é uma plena «réussite». Só lamento a ausência de crítica literária nacional, neste momento de marasmo e indiferença intelectuais, porque assim não foi devidamente chamada a atenção para a obra de Edmundo Moniz.»

● Comemorando solenemente o centenário de Cezário Verde e acentuando a influência de sua poesia no Brasil, o sr. Rodrigo Otávio Filho deu a 10 de outubro uma aula no Instituto de Estudos Brasileiros Afrânio Peixoto, do Liceu Literário Português (Fundação José Gomes Lopes). O escritor acadêmico reuniu um auditório numeroso, onde, ao lado de figuras representativas da sociedade, se viam literatos, artistas, jornalistas e universitários. A mesa orientadora dos trabalhos era composta do sr. Antônio de Faria, embaixador de Portugal, que presidiu a sessão, do professor e escritor Pedro Calmon, que apresentou o sr. Rodrigo Otávio Filho ao auditório, do embaixador da França, do patrono da instituição, dos escritores acadêmicos Barbosa Lima Sobrinho e Alvaro Moreira, do comendador José Rainho, presidente do Liceu e do Conde das Galvoas. Ao terminar a sua longa e apreciada aula, o sr. Rodrigo Otávio Filho, o sr. Pedro Calmon agradeceu a mesma, com palavras de louvor, realçando o concurso trazido à Fundação para glória de Cezário Verde, cujo centenário era preciso que não passasse de todo esquecido dos brasileiros.

● LIVROS RECEBIDOS — «Serenidade», de Leonor Posada — Rio, 1955. «A Lua», 1º volume, de Malba Tahan — Ed. Lux, Rio. «Pandiá Calógeras», de Luiz Pinto — D.A.S.P. «O Imperador e os artistas», Guilherme Auler — Tr. Petrópolis, 1955. «O grande amor de Garibaldi», Carlos Cavaco — Graf. Petrop., 1955.

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Otávio de Faria, romancista de «Mundos mortos», «O lodo das ruas» e «Os caminhos da vida», componentes da série «Tragédia burguesa».)

1ª pergunta: — Qual a sua opinião sobre as últimas eleições realizadas na Academia Brasileira de Letras?

Resposta: — Parece-me que a última não podia ser mais feliz: Alvaro Lins — por unanimidade de votos. Aliás, a Academia veio melhorando sensivelmente, nesses últimos tempos, o seu nível, compro-

metido durante tantos anos por escolhas tão incriveis que nem vale a pena lembrá-las aqui.

2ª — O que acha do estado atual do romance no Brasil e qual o nosso melhor romancista?

R.: — Não obstante a recente aparição de «Menina Morta», de Cornélio Pena, e de «O Enfeitado», de Lúcio Cardoso, não creio que estejamos atravessando um momento especialmente brilhante. Embora ainda houvesse coisas interessantes a assinalar num inquérito mais demorado. Quanto ao nosso melhor romancista, para mim, continua a ser Lúcio Cardoso.

3ª — A poesia morreu? Ou ainda há interesse por ela no Brasil e no Mundo?

R.: — A poesia não morreu. Em hipótese alguma. E já vivemos num mundo por demais catastrófico: não é necessário imaginar mais essa desgraça! Felizmente a poesia está vivíssima, tanto entre nós quanto no resto do mundo.

4ª — Quais, a seu ver, os melhores poetas do Brasil de hoje?

R.: — Entre diversos, isolemos alguns como Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Geir Campos, Murilo Mendes, Dante Milano, Léo Ivo — todos muito bons poetas.

POESIA

Rio dos Mortos

No ar destas noites sem rosas
há um rio de águas escuras,
de águas violetas, morosas,
que brotam de sepulturas.

Marulha, em ondas chorosas.
São ais de sono ou torturas?
Arrasta areias limosas,
cinzas de pobres criaturas.

Há coroas, letras de ouro
nas suas vagas impuras.
Avança num turbilhão.

E cresce... E num sumidouro
com torrentes de amarguras
se perde em meu coração.

MURILO ARAÚJO

Caleidoscópio

«A VERDADE FANTÁSTICA», de Oliveira e Silva, é um romance muito vivo e bem escrito, movimentado e cheio de nuances surpreendentes, em que o autor narra um julgamento sensacional no Tribunal do Júri, estudando o desenvolvimento de um processo criminal, repleto de mistérios e complexidades. Trata-se de um romance que oferece leitura empolgante de princípio a fim, revelando um romancista que se afirma como dos melhores que têm aparecido entre nós nos últimos tempos, sem favor algum. Bem apropriada é a epígrafe do livro, que define esse trabalho, como um «romance e pequena psicologia criminal». Muito bom o aspecto gráfico dado pela Editora Aurora.

«O PRÊMIO», de Léo Victor, é uma peça verdadeiramente original e soberba. Constituída de monólogo em 1 ato, seu personagem, Francisco de 25 anos, pintor, tem ação no Rio, na época atual. Merece toda a atenção da crítica especializada, o trabalho desse autor que se revela em sua estréia, de um talento e de uma cultura extraordinários. Feliz e expressivamente sintético, é o prefácio, escrito por Alvaro Moreira. Obra de sentimento e de pensamento, «O Prêmio» de Léo Victor, revela uma vocação séria, nas letras nacionais hodiernas.

O QUE ELES DIZEM

MULHER — «A mulher é o primeiro domicílio do homem». — Diderot.

MODESTO — Simulador. (Romain Coolus).

MÚSICA — «Esperanto sonoro». (Anônimo).

SOGRA — «O advogado da parte contrária». (André Mycho).

IGNORANCIA — «Apartamento sem móveis». — Andrién Vély.

INDULGÊNCIA — «Bondade que nada custa». — Jules Lévy.

INIMIGOS «Camelôs involuntários das nossas qualidades». — Vitor Caruso.

ORIFÍCIO — «Buraco científico». — (Diction. Humor. de la Médecine).

REALIDADE — «A realidade é o funeral das ilusões». — Commerson.

5ª: — Qual o melhor teatrólogo?

R.: — Nelson Rodrigues.

6ª: — Crê que o esporte seja uma atividade útil?

R.: — Sim, das mais úteis. Naturalmente: bem orientado, etc.

7ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Na minha cama, depois de uma longa e confortável doença que me desse o tempo necessário para me preparar a «melhor morte», isto é: a morrer plenamente reintegrado no mundo de Cristo, junto a todos os meus e à sombra tranqüila da Igreja Católica Romana, à qual pertence.

8ª: — No momento, qual a sua maior ambição literária? Tem algum livro a publicar?

R.: — Escrever o que falta de «Tragédia Burguesa». Ter a serenidade suficiente para «sentar» e «testemunhar». Por menos que represente, essa me parece ser a minha missão literária e a ela não pretendo fugir. Nada mais me interessa, no momento. Estou com dois volumes de «Tragédia Burguesa» a caminho do prelo: «Atração» (vol. VII) e «O Senhor do Mundo» (vol. VIII). E com «O Retrato da Morte» (vol. IX) em começo.



A PRAIA DE COPACABANA, NO COMEÇO DESTA SÉCULO.

VISITA AO PASSADO ATRAVÉS DE UM LIVRO

**PERCORRENDO AS PÁGINAS DE «RIO ANTIGO», ÚLTIMO LIVRO DE CHARLES DUNLOP
★ ONTEM COMO HOJE O CUIDADO COM OS «BARBEIROS» DO TRÁFEGO NA PRIMEIRA**

VIAGEM DE BONDE... ★ AS RUAS ALAGADAS CONTINUARAM APESAR DO PROGRESSO... ★ UM IMPERADOR EM CHILENAS SAI SEM PERTURBAR-SE DO TEATRO...

Reportagem de **ARMANDO MIGUEIS**

O namôro com a História levou-nos, no período da juventude, à poeira dos arquivos e à consulta às obras que falam de uma época remota. Buscávamos, então, conhecer melhor a cidade nascida nas fraldas do morro Cara de Cão. Descobrir o Rio dos capoeiras e dos limões de cheiro, de que nos fala Luiz Edmundo. Depois, a multiplicidade das tarefas, as dificuldades de acesso às fontes informativas e o preço proibitivo dos livros, obrigaram-nos a um recuo na-

quele interesse pelos assuntos de ontem. Só de longe em longe, quando uma oportunidade se nos oferece, é que voltamos àquele convívio com o passado, através da leitura de uma ou outra obra do gênero.

Foi o que aconteceu agora. Temos em mãos um trabalho de Charles Dunlop, em que o autor nos fala de um Rio distante. Pesquisador infatigável, ele foi buscar, justamente, na poeira dos arquivos, aquilo que a geração presente desconhece. Um mundo de fatos e

coisas relacionados com a vida da cidade fundada por Estácio de Sá e que permaneciam no culto dos armários de aço, escondidos do conhecimento daqueles que nasceram depois do alvorecer do século.

Charles Dunlop, com seu «Rio Antigo», convida-nos a um passeio através de uma cidade que as picaretas do progresso vão modernizando, num impulso vertiginoso. Daquela rua Direita, hoje Primeiro de Março, onde o Rio de Janeiro viu traçadas as primeiras linhas da sua



TRECHO DA RUA DO SENADO, POR OCASIÃO DA GRANDE ENCHENTE DO DIA 21 DE MARÇO DO ANO DE 1909.



A RUA DIREITA (ATUAL PRIMEIRO DE MARÇO) POR VOLTA DE 1870. NO LOCAL ERGUE-SE HOJE O BANCO DO BRASIL.

grandeza; onde «soletrou a história fortunosa do desenvolvimento desta metrópole», o pesquisador nos dá um perfeito retrato, numa crônica singela e despida de arroubos literários.

Não menos curioso e interessante, é o que Charles Dunlop revela a respeito do primeiro bonde que «pisou» no macadame das ruas cariocas, e no qual viajaram figuras proeminentes da época. O fato aconteceu «na manhã de domingo do dia 30 de janeiro de 1859, cabendo ao Dr. Thomas Cochrane, médico homeopata inglês e sógro do romancista José de Alencar, a iniciativa do empreendimento».

Conta o historiador que «nessa primeira viagem, para experiência da velocidade e segurança dos carros, entre a estação central na rua do Conde (hoje Visconde do Rio Branco) e o ponto terminal na rua Conde de Bonfim, o percurso foi feito em quarenta e cinco minutos, por causa das cautelas necessárias a evitar abalroamentos com outros veículos que imprudentemente ocupavam o intervalo dos trilhos, apesar do aviso dado repetidas vezes pelo apito do cocheiro».

Essa viagem foi importante, a julgar-se pela presença do Imperador Pedro Segundo que, como homem dedicado a seu povo, nunca faltou com seu comparecimento e ajuda às iniciativas que representassem progresso para a terra que o possuía como seu monarca. E Dunlop conclui sua informação sobre o primeiro bonde a circular no Distrito Federal, dizendo que «na estação central, decorada com primor para essa cerimônia, uma banda de música tocou durante toda a manhã».

E AS CHUVAS CHEGARAM...

Nesse passeio pelo «ontem», através do livro de Charles Dunlop que, em boa ocasião, vem de ser lançado pela Editora Gráfica Laemmert Ltda., com excelentes fotografias de Augusto Malta, Marc Ferrez, George Leuzinger, E. A. Mortimer e outros, vamos travar relações com uma dessas enchentes, causadoras de sérios transtornos à vida da cidade. Estamos, em companhia do historiador, no dia 21 de março de 1909, quando o céu se transforma, por completo. Raios, trovões, aguaceiro e uma ventania fortíssima a suspender as saias das respeitáveis matronas e a arrancar os palhinhas dos ilustres senhores.

«Parte da população, surpreendida pela tormenta, procurava abrigo nas lojas e nos vãos das portas. Mas a água era demais e encharcava toda gente. Nem dentro dos próprios veículos se estava livre de seus efeitos».

Os bondinhos puxados a burro mal andavam. Suas cortinas, rasgadas pelo furacão, deixavam passar a chuva nas rajadas do vento. Os «elétricos», interrompida corrente, estendiam-se em filas intermináveis por toda parte. Alguns passageiros mais afoitos, afrontando o tempo, procuravam o recurso dos veículos não eletrificados».

O tempo distanciou-se. O Rio sofreu incriveis transformações. As enchentes, entretanto, continuaram. Principalmente, no largo do Matadouro, atual Praça da Bandeira, citada por Dunlop em seu «Rio Antigo», ao tratar da grande enchente a que nos referimos. Tal como ontem, esse logradouro continua a se transformar em verdadeiro mar, bastando, para isso, uma chuva mais forte...

Ainda no livro do autor de «História da Iluminação do Rio de Janeiro» entramos em contato com aqueles imundos e anti-estéticos quiosques, tão semelhantes a essas barracas que enfeiam, nos dias presentes, a Praça Cristiano Ottoni, o Largo da Carioca e outros pontos de grande aglomeração. Num daqueles quiosques ocorreu, conforme narrativa de Charles Dunlop, um fato que motivou uma espécie de quebra-quebra. E' que o proprietário do «estabelecimento», o quiosqueiro José Gonçalves Machado, achou por bem fazer uma pilhéria de mau gosto com o prefeito, engenheiro Francisco Pereira Passos. E' o autor de «Rio Antigo» quem nos conta: «colocou sobre o quadro com o retrato do Prefeito, um desenho de uma cabeça de burro e pendurou-lhe em baixo uma lata com um pouco de capim. Nesta escreveu, em péssima caligrafia, uma legenda pejorativa».

Era uma demonstração de acinte ao Dr. Pereira Passos, em regozijo à sua saída da Prefeitura, em virtude da campanha que movera aos quiosques durante a sua administração».

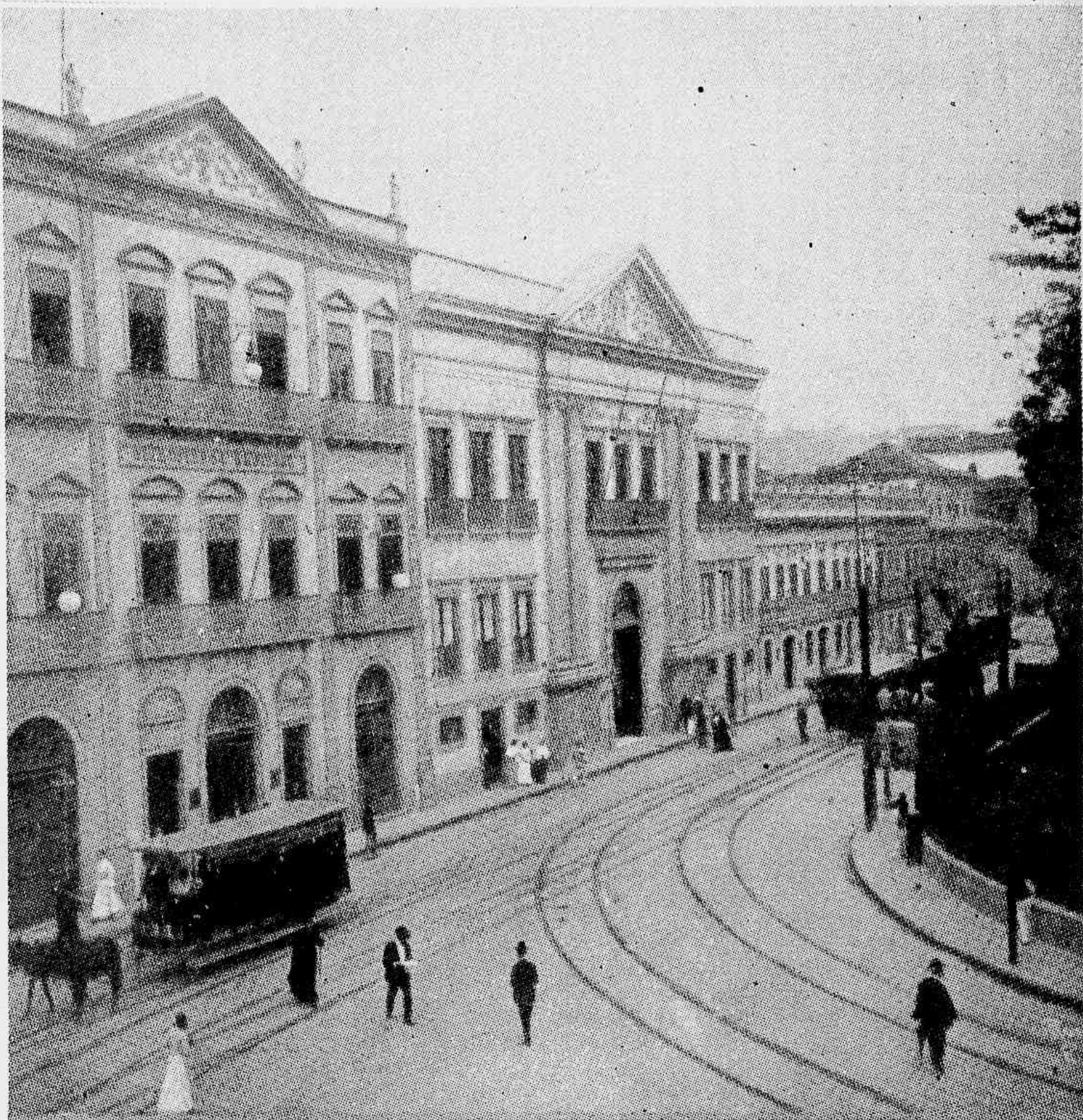
Depois de contar a revolta da população diante do abuso do quiosqueiro, Charles Dunlop chega ao final da história, escrevendo que «um grito logo vibrou no seio da multidão: Fogo! E, rapidamente, apareceu uma lata de querosene sem que se soubesse donde e o líquido foi despejado. Um fôro completo o serviço, e em poucos segundos, o quiosque era uma enorme fogueira».

Do acontecimento, Dunlop nos dá uma visão, através de uma fotografia de Augusto Malta, batida poucos minutos após o incidente.

ERA UMA VEZ UM PAR DE BOTINAS...

«Rio Antigo» é uma obra indispensável na estante de quantos se interessam pelos mais curiosos e pitorescos fatos ocorridos nesta mui leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Seu autor não se limitou à siudez de um Noronha Santos, nem a prolixidade de um Afonso Taunay. Ele é sucinto e não perde aquele «senso de humor» indispensável a obras do gênero. Numa crônica a respeito do «Teatro Lírico», Charles Dunlop apresenta um fato que não deixa de provocar hilaridade. Diz ele, baseado em fonte segura que: «d. Pedro II, assim que chegava a esse teatro, metia-se no camarote, descalçava as botinas e assistia ao espetáculo de chinelas. Certa vez, um gaiato pregou-lhe uma peça: sem ser pressentido, meteu a mão pela cortina do camarote e tirou-lhe as botas. O Imperador não se desconcertou e saiu assim mesmo, atravessando a multidão que o saudava de todos os lados. E em chinelas desceu do pátio e meteu-se na carruagem».

Assim é o livro de Charles Dunlop. Um convite a um passeio aos tempos dos bondinhos de burro, das diligências e dos tilburis, da rua Senador Eusébio iluminada a óleo de baleia. Com «Rio Antigo», o historiador vem ao encontro daqueles que fogem dos livros massudos e despidos dessa simplicidade encontrada no trabalho de Charles Dunlop. Valendo-se das fotografias e também das vinhetas de Angelo Agostini, o autor de «Rio Antigo» oferece uma obra de consulta, merecedora da leitura de quantos se interessam pelo nosso passado.



A RUA DO PASSEIO, EM 1906, VISTA DO LARGO DA LAPA. — EM BAIXO: ALARGAMENTO DA RUA DA CARIOCA, EM 1905, NA ADMINISTRAÇÃO DE FRANCISCO PEREIRA PASSOS.



Não houve duelo, mas...

O JORNALISTA E O SENADOR TROCARAM MURROS

E O PUGILATO "ACONTECEU"!

PORQUE FORAM AS VIAS DE FATO PAULO BITTENCOURT E JURACI MAGALHÃES ★ ANTECEDENTES DO RUMOROSO EPISÓDIO: UM CASO ÍNTIMO E NÃO CAMPANHA JORNALÍSTI-

CA ★ O DUELO EM FACE DA LEI ★ REMEMORANDO AQUELE DE EDMUNDO BITTENCOURT E PINHEIRO MACHADO ★ FALAM SENADORES, OS ADVERSÁRIOS E O CHEFE DE POLÍCIA

Reportagem de VINICIUS LIMA

NO dia 16 de outubro último, após uma série de considerações, o senador Juraci Magalhães, da tribuna do Senado Federal, desafiou para um duelo o diretor do *Correio da Manhã*, sr. Paulo Bittencourt.

A Casa ficou estarecida quando a palavra «duelo» ecoou, cessando tôdas as demais atividades para que fôsem ouvidas em silêncio as razões do parlamentar baiano, que da tribuna dizia: «Convido o sr. Paulo Bittencourt para um duelo a ser realizado no Uruguai, já que as

leis brasileiras (Artigo 147, § único do Código Penal) não permitem os encontros dessa natureza em território nacional. Que o sr. Paulo escolha seus padrinhos, porque os meus já estão escolhidos. Ele também que escolha a arma, já que é o desafiado. Não posso legar aos meus filhos e aos filhos dos meus filhos, a pecha de covarde...»

Aparteado por vários colegas, que lhe pediam serenidade, disse mais o sr. Juraci já ter pensado bastante e que, por uma questão de cons-

ciência, só podia escolher aquele caminho, pois estava sendo vítima de uma campanha difamatória, de que era responsável o sr. Paulo Bittencourt.

Tomando conhecimento do desafio, o diretor do *«Correio da Manhã»* disse a alguns jornalistas que ficaria à espera dos padrinhos do sr. Juraci Magalhães, mas que os advertia da possibilidade de encontrarem no caminho as sombras de dois oficiais do nosso Exército, que teriam sido assassinados em 1930 pelo sr. Juraci Magalhães.



O senador Juraci Magalhães, quando era entrevistado pelo repórter, na véspera do primeiro «round», disse: «Eu vou quebrar a cara de Paulo». — Após os acontecimentos do Museu de Arte Moderna, repetiu a ameaça, porém o chefe de Polícia está vigilante.



Paulo Bittencourt não aceitou o duelo, mas a segunda alternativa, ou seja: a luta a bofetões: O jornalista ganhou o primeiro «round» e segundo êle, se Juraci Magalhães tentar algo, reagirá. Tudo isso é deveras lamentável, e absolutamente desabonador.



NOSSE DESENHISTA RAMÓN, FEZ A RECONSTITUIÇÃO DA LUTA NO MUSEU DE ARTE MODERNA, BASEADO NAS FOTOGRAFIAS ALI FEITAS E QUE CONSTATARAM O RIDÍCULO DAQUELA CENA DE PUGILATO. A TELEVISÃO AMERICANA TUDO FILMOU.

RAZÕES, PADRINHOS E ANTECEDENTES

Por incrível coincidência, o único duelo realizado no Brasil aconteceu justamente com o pai do diretor do «Correio», sr. Edmundo Bittencourt, seu fundador, que foi desafiado por Pinheiro Machado, que se julgou caluniado pelo jornalista. Dissera Edmundo Bittencourt que Pinheiro Machado tinha a alcunha de «Pente Fino», porque por onde passava, carregava o gado dos humildes criadores. Com a opinião pública contra sua pessoa, foi Edmundo Bittencourt para o campo de honra, tendo levado um tiro num lugar delicadíssimo. Feito isso, Pinheiro Machado se vangloriava de haver desmoralizado o jornalista. Soube-se porém posteriormente que, muito embora fôsse Pinheiro Machado um grande atirador, com medo de morrer, (os duelistas estavam de costas, de acordo

com a praxe) voltou-se rapidamente quando foi dado o sinal, disparando sua arma antes que o adversário pudesse virar-se também. Assim, atirou num homem pelas costas, o que não fica bem para quem diz estar **lavando a honra**. O tempo passou. Há pouco, em entrevista concedida à REVISTA, d. Nair de Telfé, viúva do marechal Hermes da Fonseca e amiga íntima de Pinheiro Machado, confirmou depois de 40 anos o que Edmundo Bittencourt havia dito. Eis suas palavras publicadas na edição de 22 de março deste ano:

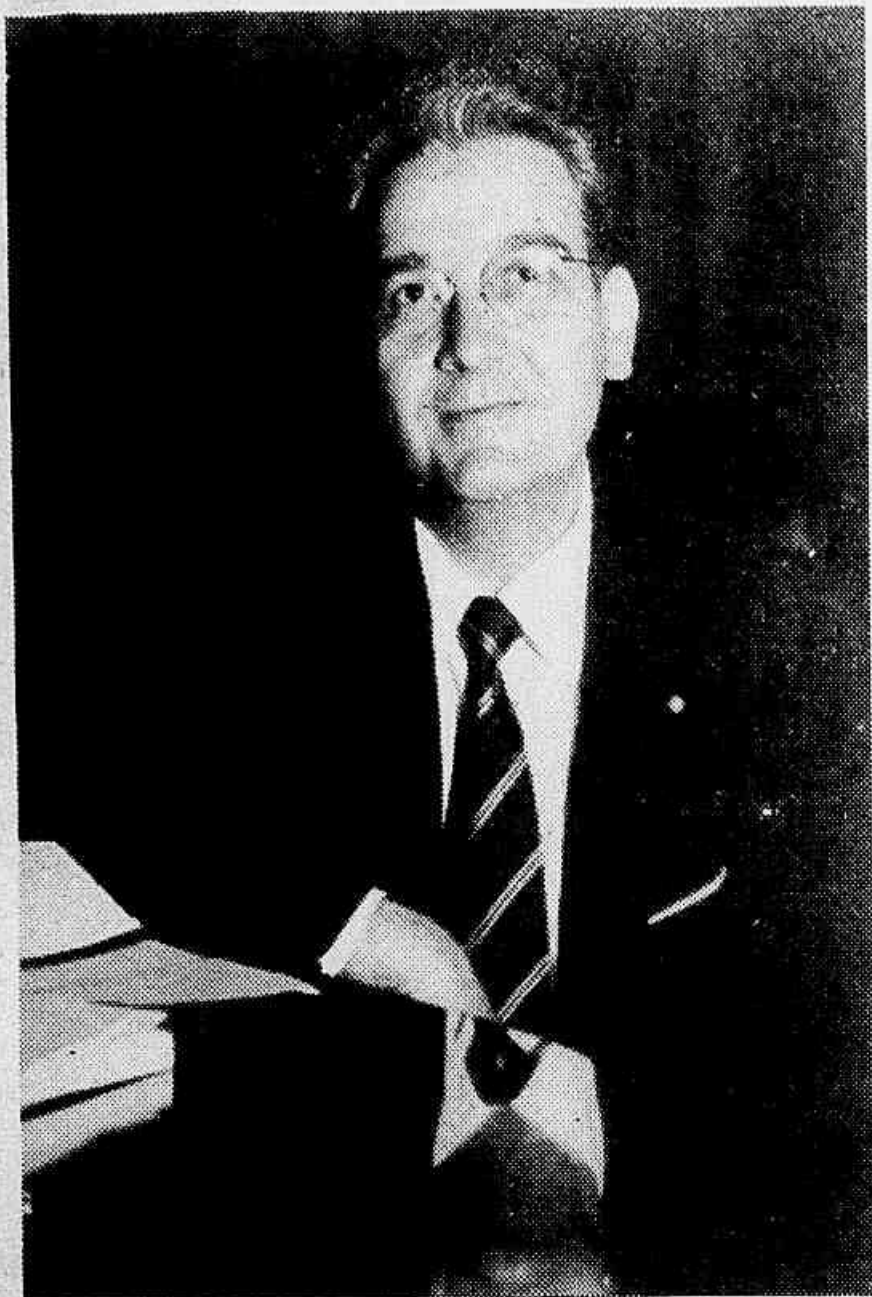
«Pinheiro Machado foi realmente alcunhado de «Pente Fino» porque era desonesto, e o marechal sabia disso. O Pinheiro em verdade praticou tudo o que foi dito na época. E até queria fundar um jornal para defender-se, pedindo-me que falasse ao meu marido. Falei, e o marechal não concordou».

Como vêem os leitores, houve um duelo por causa de uma calúnia que não existiu realmente. Pouco depois Pinheiro Machado era assassinado pelas costas por Mário de Paiva.

Agora, o filho de Edmundo Bittencourt foi acusado de calúnia, e convidado para se bater em duelo, porque chamou o senador Juraci Magalhães de «Furta côr», insistindo em responsabilizá-lo pela morte do general Lavaniere e de outra pessoa. Que resultará de tudo isso?

Os padrinhos do senador Juraci (Daniel Krieger e Dinarte Mariz, senadores da U.D.N.) foram no dia 19 de outubro ao encontro do jornalista, tendo o repórter da «REVISTA DA SEMANA» assistido a parte dos **entendimentos**:

Eram precisamente 10.40 horas quando os emissários do ex-governador da Bahia chegaram ao «Correio», onde já se achavam, dentre outros, o desafiado, os srs. Álvaro Lins, Antônio



O coronel Côrtes, ao repórter: «A polícia intervirá, porque em face das leis brasileiras, não pode haver duelos em território nacional».

Calado e, posteriormente, o embaixador Maurício Nabuco. Num ambiente tenso, levaram os dois padrinhos ao conhecimento do sr. Paulo Bittencourt os motivos por que ali se encontravam. O diretor do «Correio» ouviu-os atentamente. Sentia-se a preocupação dos padrinhos em contornar a situação e evitar o duelo, acabando um deles por concordar em que realmente esse negócio de «furta-côr», atribuído ao desafiante, tinha fundamento, pois o sr. Juraci tem realmente mudado muito de partido...

Esperávamos uma atitude diferente do sr. Paulo Bittencourt, porque o sabíamos decidido a aceitar o duelo, contanto que, já que se tratava de uma questão de honra, os tiros fossem disparados de três passos apenas. Foi por insistência dos amigos, que terminou por dizer aos presentes que não aceitava o duelo, por certas razões que, para não ofender aos padrinhos, seriam dadas no dia seguinte pelo «Correio da Manhã», — que foi de fato feito.

As razões foram em resumo as seguintes: o desafiado achava que em se tratando do sr.

O JORNALISTA E O SENADOR TROCARAM MURROS

Juraci Magalhães, o duelo seria ridículo. Contudo, como fôra ameaçado, estava pronto a resolver o caso à brasileira. Acrescentou que o senador Juraci sabia muito bem onde ele morava, conhecia os seus hábitos, os quais não pretendia mudar por causa de uma ameaça. Que estava pronto para a 2ª alternativa: a briga proposta pelo senador, caso não aceitasse o duelo.

PAULO NÃO PODIA LUTAR

O público não sabe, mas a verdade não revelada é que o sr. Paulo Bittencourt é cego de um olho e enxerga muito mal da única vista que lhe resta. O sr. Juraci Magalhães sabe muito bem disso.

A POLÍCIA INTERVIRÁ

Ouvimos o cel. Menezes Côrtes, no dia 19, antes portanto do desfecho dos acontecimentos aqui narrados. Disse-nos s.s.º exatamente isto: «Com relação à pergunta de qual seria a atitude da Polícia em face do provável duelo entre os srs. Juraci Magalhães e Paulo Bittencourt, esclarece que ela decorre do estrito cumprimento da lei brasileira. Se em território de jurisdição nossa, se tiver conhecimento de que vai haver um duelo, a polícia intervirá para evitar a prática de um crime. Se se tratar simplesmente de ameaças na forma do art. 147, § único, do Código Penal, a ação da polícia depende porém de representação».

— E se o duelo fôr realizado no Uruguai?

— É livre o direito de locomoção neste país. Nada poderei fazer.

— E se um deles morrer durante o duelo, não acha que a polícia brasileira poderia tomar alguma providência, impedindo o embarque desses dois cavalheiros?

— Não; se tal acontecer o caso será da polícia do Uruguai.

Assim terminou nossa breve entrevista com o Chefe de Polícia. Não satisfeitos, pedimos a opinião de vários senadores em entrevistas exclusivas, o mesmo fazendo com as principais personagens do rumoroso caso.

Assim se expressou o senador Bernardes Filho:

— «Apenas posso dizer que é um caso deveras lamentável».

O pessedista Apolônio Sales, foi claro:

— «Já apelei para o senador Juraci Magalhães no sentido de não levar a cabo o seu intento, pois temos outros recursos para lavar

nossas honras quando nos julgamos ofendidos. Espero que tudo volte à calma para o bem do Brasil».

O senador Magalhães Barata, do P.S.D. do Pará, sorriu e disse:

— «É assunto do Juraci e do Paulo, eles que o resolvam, você não acha?»

O general Caiado de Castro exclamou somente:

— «Não tenho opinião a respeito desse assunto».

A PALAVRA DE PAULO BITTENCOURT

Paulo Bittencourt é um homem sóbrio, bem humorado. Instado pela reportagem da «Revista», concordou finalmente com a entrevista, assim se pronunciando:

— «O Juraci quer publicidade, meu caro. Estava no ostracismo e deseja agora fazer movimento. Não aceitei seu desafio para duelar porque, afinal de contas, seria dar-lhe muita confiança. Se se tratasse de outro homem, então eu aceitaria o convite».

Perguntamos ao diretor do «Correio da Manhã» se pretendia continuar a campanha contra o sr. Juraci, e a resposta foi esta:

— «Eu nunca fiz campanha contra Juraci. Meu jornal fez alusões à sua pessoa. Só isso. Agora, desde que haja razões, desde que Juraci ou outro qualquer venha a errar, o «Correio da Manhã» não se calará, pois não temo absolutamente a ninguém».

Insistimos:

— E se o sr. Juraci insistir no duelo, ou na segunda alternativa, no desfôrço pessoal?

— Quanto à segunda alternativa, eu a aceito com todo o prazer.

O DESFECHO

Outro fato que a maioria dos leitores ignora, são as origens reais do desafio do sr. Juraci.

Algo poderá suceder, porque na realidade não se trata de simples razões jornalísticas, como se pensa. Há coisas muito sérias por trás desse rumoroso caso. Assim, a 20 de outubro, quando dezenas de senhoras se achavam no interior do Museu de Arte Moderna, houve o que podemos chamar de primeiro «round» do caso. Sabedor de que o sr. Paulo Bittencourt ia ter àquela casa o senador telefonou para jornalistas e cinegrafistas avisando que ia «quebrar a cara» do mesmo. Resultado, houve a tentativa de agressão, toda filmada e fotografada.



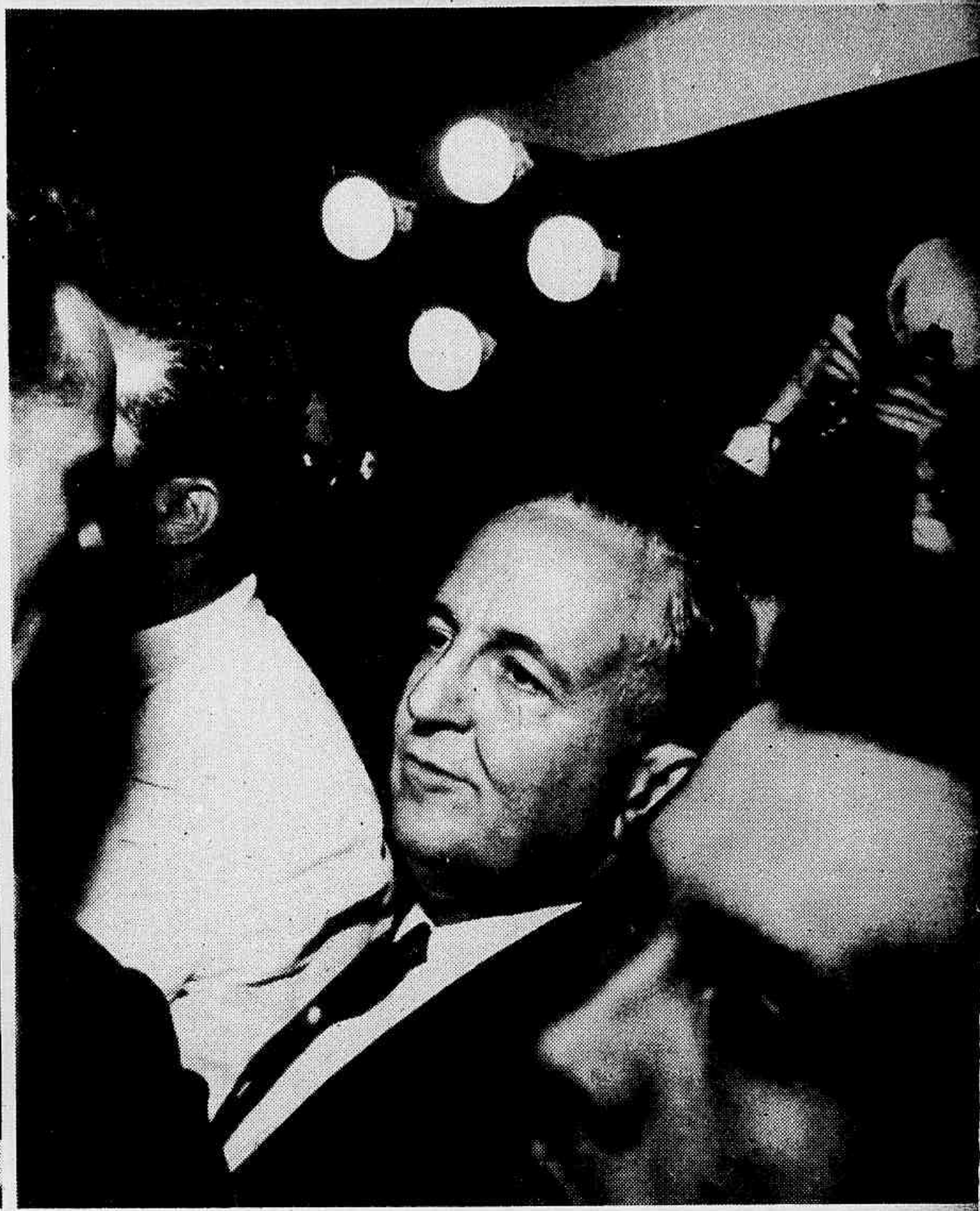
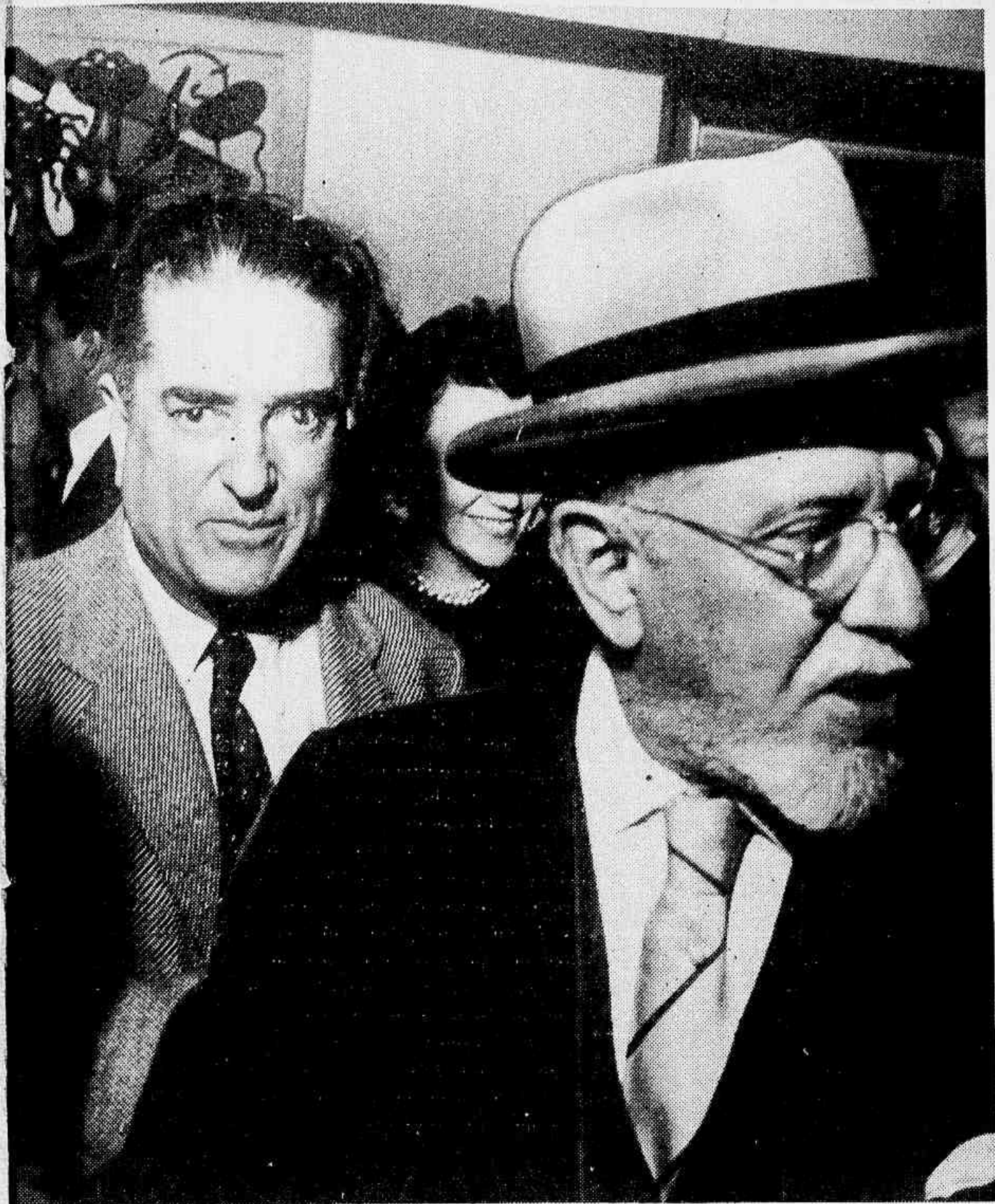
O senador Magalhães Barata, governador eleito pelo Estado do Pará: «É assunto do Paulo e do Juraci. Eles que o resolvam, não acha?»



O senador Artur Bernardes Filho: «É muito lamentável, repito — muito lamentável». Nada mais quis dizer sobre o assunto, e retirou-se.



O embaixador Nabuco, logo que teve conhecimento da chegada dos padrinhos de Juraci ao «Correio da Manhã», foi abraçar seu diretor.



PAULO BITTENCOURT E JURACI MAGALHÃES, AINDA SEM ÓCULOS, POUCO APÓS O TÉRMINO (FORÇADO) DO 1º «RÓUND» DA LUTA.

Juraci Magalhães chegou à porta do Museu, onde sua entrada foi barrada. Insistiu e acabou vencendo a resistência do porteiro. Paulo Bittencourt, vendo-o aproximar-se, tirou os óculos e investiu contra ele que se esquivou do primeiro sôco. Por cinco segundos os dois trocaram «carícias», tendo o jornalista, apesar de sua deficiência física, conseguido alvejar o adversário por duas vezes, com bofetadas. Apartados, foi Juraci conduzido por amigos para fora do Museu, onde continuou a proferir nomes feios, não respeitando as senhoras que ali se encontravam.

Mas a briga não estava terminada. O sr. Juraci, iludindo aos amigos, voltou novamente ao Museu para a desforra e tentou novamente agredir o adversário, o que não conseguiu porque a polícia estava vigilante. Mas, quando viu diante de si um microfone, fez questão de dar uma sova completa no diretor do «Correio da

Manhã», demonstrando excelentes qualidades de «speaker».

O SENADOR PROMETE OUTRAS SURRAS

Ouvido pela reportagem desta «Revista», o senador Juraci disse-nos que o sr. Paulo Bittencourt é um poltrão, e que lhe deu na cara, não o deixando estirado no chão (Juraci pesa 98 e Paulo 72 quilos) porque a turma do «deixa disso» não lhe permitiu. Mas está à espera de uma nova oportunidade para provar que é homem...

DUÉLO (DE VERDADE)

Gramaticalmente, «duelo» significa combate entre duas pessoas com armas iguais. Mas o senador Juraci afirmou que «duelo» quer dizer dois homens de pistola, espada ou revólver, frente a frente e por esse motivo, quer nova-

mente enfrentar Paulo Bittencourt à sua maneira, com o que não concorda Paulo. Fazendo blague, o jornalista acentua que já bastou o ridículo em que se colocou Juraci, que ao cair em si verá o triste papel que fez, expondo a vida de pessoas inocentes, pensando estar nos sextões baianos. Mas, se Juraci se atrever novamente...

O mesmo disse ao repórter o ex-ministro Simões Filho, incisivo: «Para o sr. ver o governo que foi esse homem, na Bahia, quando era um rapazola de pouco mais de 20 anos. Se hoje que está velho, ainda não tem juízo...»

O coronel Côrtes, ao que nos informaram, mantém severa vigilância sobre o senador. Em virtude dos acontecimentos acha a polícia que agora são pessoas que nada têm a ver com a história que correm perigo, pois o senador está disposto a repetir o episódio do Museu de Arte Moderna.



Daniel Krieger, senador udenista, um dos padrinhos do senador Juraci Magalhães, afirmou: «Ao que parece, tudo vai bem, felizmente».

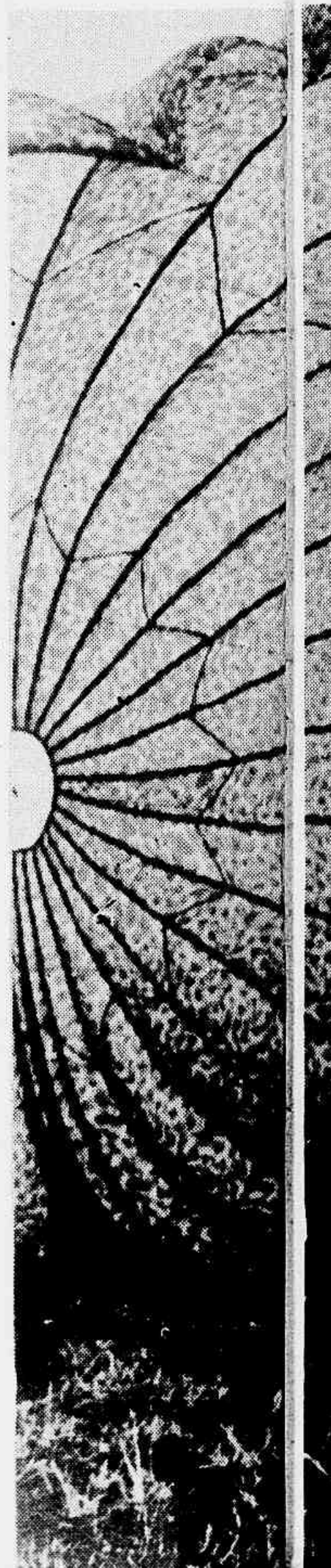


NA REDAÇÃO do «Correio da Manhã», Paulo Bittencourt explica ao repórter e aos padrinhos de Juraci o porquê de sua não aceitação do duelo que lhe foi proposto pelo senador. Estando os duelos proibidos pela legislação brasileira, não é possível a eles recorrer sem infringir a lei.



SEMANA DA ASA 1955

O SALTO DOS PÁRA-QUEDISTAS

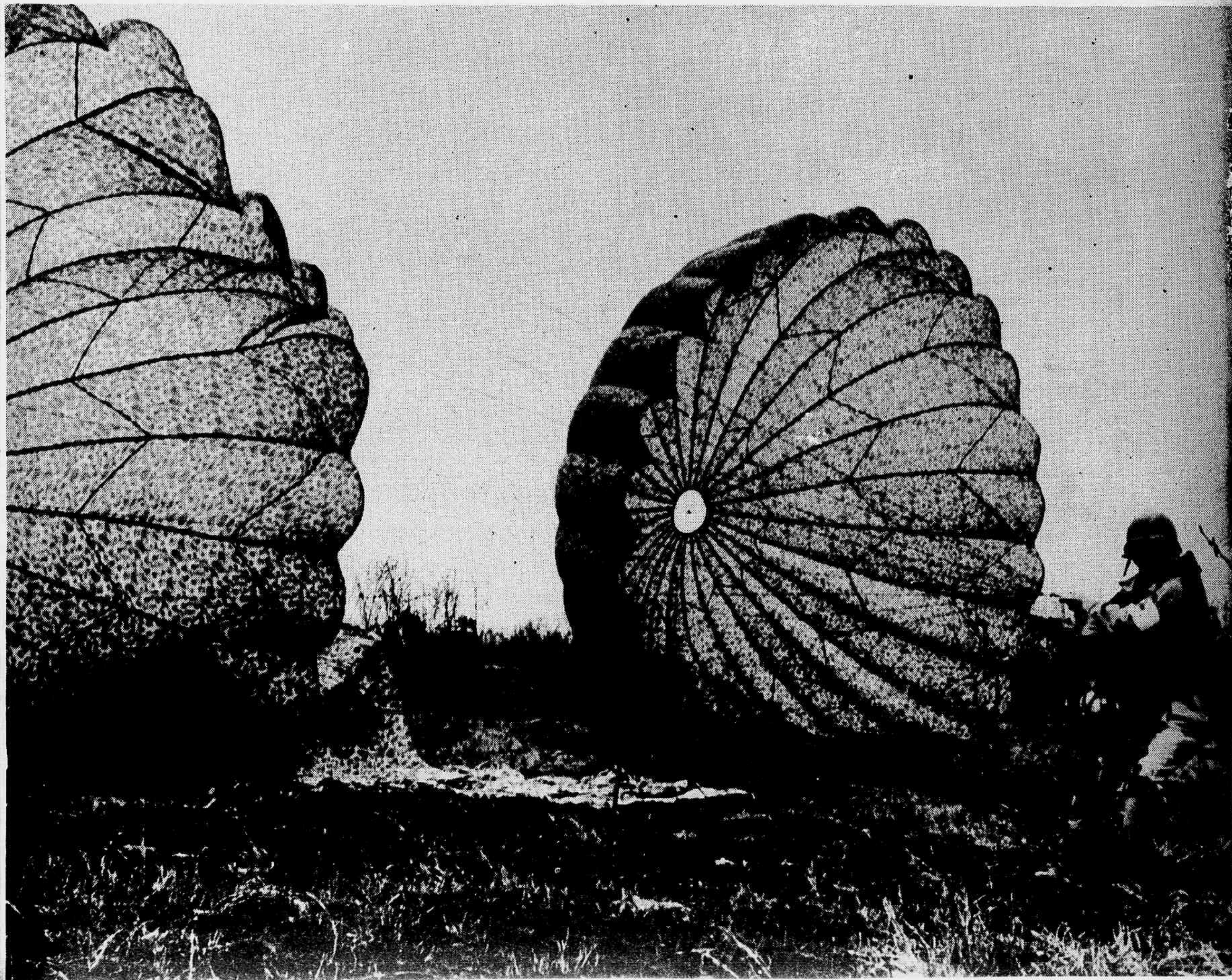
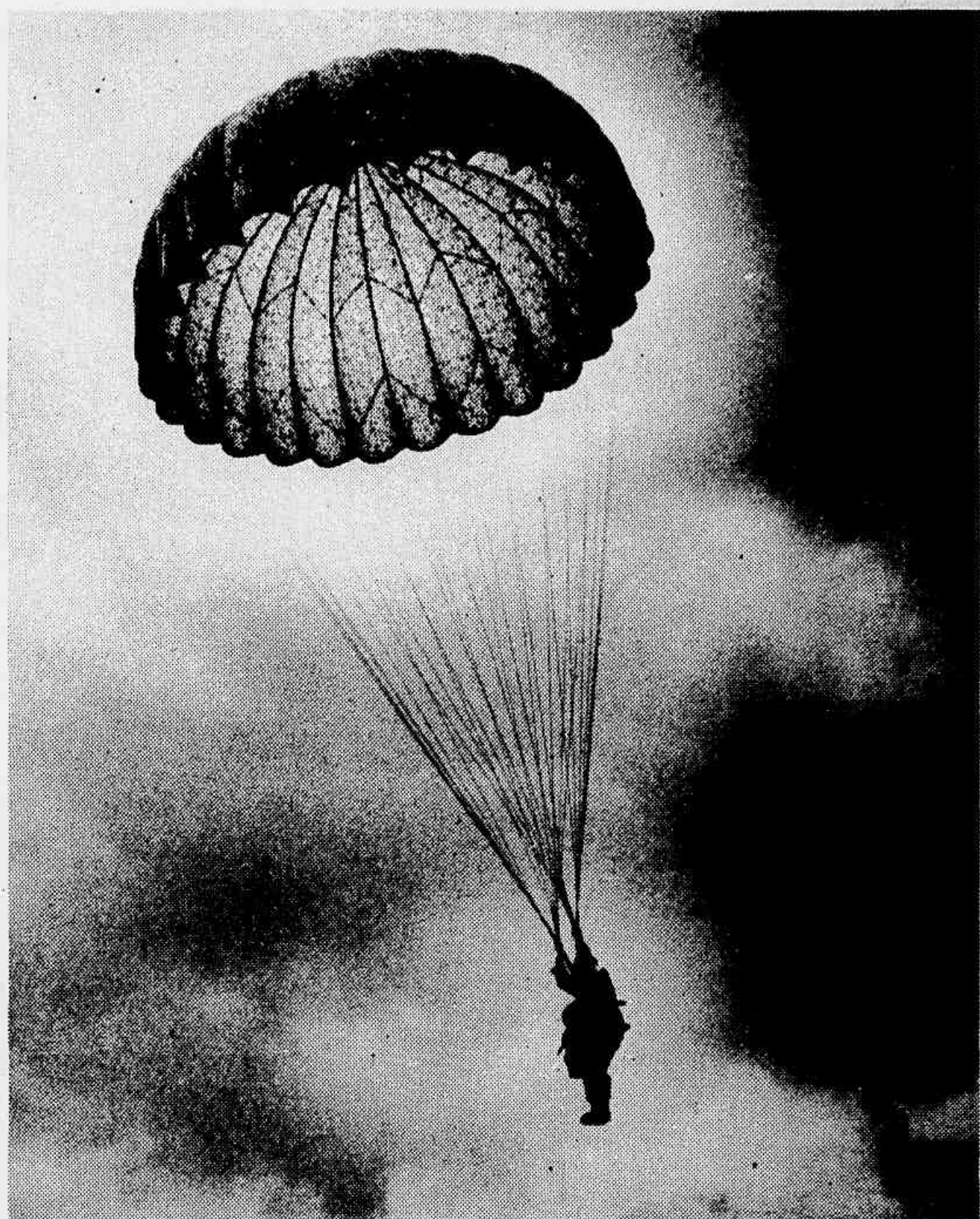


TODO o Brasil comemorou, condignamente, a passagem de mais uma Semana da Asa. Entre 16 e 23 de outubro, a imprensa, o rádio, a televisão, as instituições as mais diversas e os simples particulares, renderam homenagem aos aviadores e pessoal da Aeronáutica Brasileira, cujas tradições remontam, nunca é demais recordar, até à data do 1º voo realizado com o mais pesado do que o ar, até à figura, nem sempre convenientemente realçada, de Alberto Santos Dumont. Esse ano, talvez, a Semana da Asa se tenha revestido de maior brilho do que nos anteriores, tanta retumbância obteve nas mais diferentes camadas.

O ponto alto de toda a magnífica série de programações, sem dúvida alguma foi o grandioso salto de quatrocentos pára-quedistas, efetuado na manhã do dia 19 de outubro, por elementos da Divisão Aeroterrestre, sob o comando do general Djalma Dias Ribeiro. Do bojo de vários aviões da Força Aérea Brasileira, saltaram os valentes combatentes aéreos, abatendo-se suavemente sobre o campo do Gramacho, num espetáculo dificilmente superável, e que tão cedo por certo não há de ser esquecido.

Uma coisa ficou provada, com essa demonstração: os pára-quedistas brasileiros estão em grande forma, aptos a desempenhar suas funções em qualquer emergência. O fato não seria de admirar, não fôsse a Divisão Aeroterrestre uma das mais novas de nossas Forças Armadas, datado de 1946 a criação de um Corpo de Pára-quedistas Militares entre nós.

Por isso, e por vários outros motivos, foi a Semana da Asa, ainda esse ano, um êxito sem precedentes, e as vocações que quotidianamente desperta, no seio dos adolescentes, certamente hão de desenvolver-se, para que num futuro próximo possa o Brasil contar com uma equipe mais e mais valiosa de aviadores, mecânicos e, de modo geral, de pessoal de voo. (Fotos JOSÉ SANTOS).



Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS,
Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.:
42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio
Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

BÉL-HORMON A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua da Ca-
rioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Queiram enviar-me
pelo Reembolso Postal um vidro
de "BÉL-HORMON" Nº.....

NOME.....
RUA..... Nº.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

SANTOS

São Vicente - Ponta da Praia

Cidades turísticas por excelência, as praias santistas são um mundo de encantamento e beleza, ligadas a São Paulo pela moderníssima e pitoresca Via Anchieta - orgulho da engenharia nacional. A facilidade de comunicação entre S. Paulo-Santos-S. Vicente e Ponta da Praia, constitui um verdadeiro recorde mundial, pois só o EBVL mantém com seus confortáveis ônibus, viagens de 3 em 3 minutos.



Modernas Agências que oferecem
o máximo conforto

AGÊNCIAS DE EMBARQUES E INFORMAÇÕES:

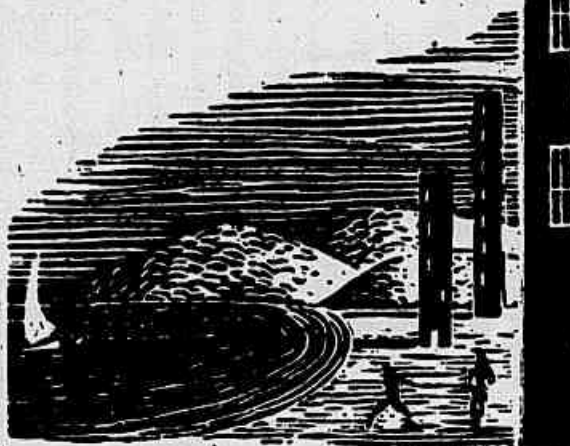
SÃO PAULO

Rua Tabatinguera, 37
(esquina Praça João Mendes)
Fone 33-3326 e demais Agências.

SANTOS

Praça Mauá, 11 - Fone 2-2299
(cidade)

e nas praias J. Menino - Gonzaga
São Vicente e Ponta da Praia



EXPRESSO
BRASILEIRO

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

5 de novembro de 1905

ESCOLA DE BELAS-ARTES

O Salão de 1905 — A Exposição de pintura da Escola de Bellas Artes foi, este anno uma das melhores revelações que temos tido. A nosso ver, cabem as palmas a Elyseu Visconti, pelo esplendido retrato de Dona Nicolina de Assis. Quem conhece o genero difficilimo de retrato, ficará de certo extasiado diante da firmeza do desenho, da fidelidade completa do colorido e, sobretudo, da grande vida que possui esta imagem na tela. Foi este o trabalho que mais nos impressionou. Latour, discipulo da Escola, actualmente na Europa, dá-nos a «Praga Social», concepção apreciada, mas defeituosa, em perspectiva especialmente: há pouco espaço entre a parede do fundo e o ebrio cahido sobre a mesa. Luiz de Freitas, dá-nos uma «Cascatinha» muito escurrida, com graves defeitos de tecnica, notando-se o mesmo nos «Ultimos Feixes», que parecem ser os primeiros que o autor pintou. «Recitator Acerbus» é uma tela de Weingartner, que tinha e tem obrigação de fazer cousa melhor; aquillo tanto pode ser recitador como uma scena do Quo Vadis, ou panno de boca de theatro simples. Do sr. Chambelland (Rodolpho) vimos «Bacchantes em Festa», assumpto muitissimo explorado em pintura e por isso mesmo sedico. Desgostou-nos immensamente o «Retrato» de E. Bevilacqua, a pose mal escolhida, colorido muito frouxo, desenho lastimável. Theodoro Braga apresenta-nos os mesmos quadros que trouxe da Europa, entre elles a «Manhã de Anniversario», o melhor, e «S. Lucas», com seus pinceis anachronicos. Os trabalhos do sr. Henrique Bernardelli, são de uma monotonia polar, tonalidades eguaes em todos os tres retratos, predominando em todos o tom bistreviolet, bistro nos rostos, bistro nos moveis, bistro nos pannos; tudo isso dá-nos uma fúnebre impressão de manchas tristes feitas por um pincel desiludido. Esperemos melhores dias para a arte nacional, livre de peias e de officialismos.

S. R. JUNIOR

POR AQUI E POR ALLI

— Eis que novamente o telegrapho nos transmite a noticia da renovação dos tumultos internos do grande imperio moscovita. Os elementos de revolta que se espalham dia a dia no seio do povo russo se infiltram cada vez mais com uma intensidade apavorante, tomam um incremento assustador e fazem receiar a queda de um regimen que tem abastardado o animo e o caracter daquelle povo. O servilismo que a autocracia tem implantado no seio das camadas populares é hoje em dia impotente para garantir a continuação da tyrannia. A mocidade das escolas num movimento de repulsa faz de longa data uma propaganda tenaz contra os detentores do governo e já a força do Tzar é insufficiente para conter a massa dos descontentes e evitar o choque fatal entre os que escravizam a alma moscovita, enlutando a estatua da Liberdade e os escravizados. O pendão da Patria tremulava até bem pouco sumptuoso nas mais longinquas regiões da Asia e hoje a sorte das armas fel-o baquear das muralhas de Port-Arthur para ser substituido pelo o do inimigo vencedor. De nada serviu á Russia o sacrificio immenso da guerra, como de nada lhe valeu o tratado de paz. A Russia já estava cansada de tanto soffrer e comprehendeu que a reivindicação dos direitos do homem, seria a sua unica salvação. Como a França em 89, ella atravessa neste momento o periodo agudo da crise evolutiva, e nada poderá sustar este phenomeno social. Pode ser, na apparencia, sustado este

SARAH BERNAHARDT DRAMATURGA — A grande actriz franceza representou ultimamente em Londres uma «Adriande Lecouvreur», versão sua, que diverge essencialmente da peça de Legouvé e Scribe. O drama agradou bastante ao publico, mas mediotremente aos criticos. Alguns acharam-no palavroso, pesado e incompreensivel, ainda mesmo em confronto com o melodrama que a actriz pretendeu melhorar. Um jornalista inglez suspeita que a verdadeira explicação da tentativa renovadora é a introdução de uma nova personagem, que é nada menos que Voltaire. Na opinião d'elle, madame Bernhardt quiz reparar a omissão de seus antecessores, «Dando a Voltaire, constantemente, o seu sorriso irónico e matando Adrienne na sua presença, afim de lhe purgar de ironia esse sorriso». Mas a nossa é que ella não consegue purgar da mesma forma. Por mais lamentavel que seja acolher com sorriso irónico uma obra que evidentemente custou á artista muita somma de trabalho e de tincta — tincta demais até! — nós podemos furtar-nos a tal sorriso. Cruéis palavras, as do critico, apenas attenuadas com elogiosas referencias ao desempenho.

primeiro grito de liberdade ao ribombar poderoso dos canhões, mas a victoria penderá fatalmente para o campo dos sacrificados de hoje, que serão os dominantes de amanhã. Nisto tudo haverá um grande, infeliz, martyr do seu próprio dever, e este será Nicolau II, Imperador das Russias.

A DACTILÓGRAFA

As crises de apêndice eram fataes, foi o que lhe dissera o médico. Marilda não queria morrer. Não morreria.

Mesmo vagarosamente já se aproximara da estação Pedro II. Atravessaria a Av. Presidente Vargas, tomaria o trem, descansaria quando chegasse à casa. Sua mãe faria um chá e a dor desapareceria.

O mais rápido possível desceu da calçada, andou alguns passos atrapalhou-se com dezenas de pedestres apressados, espavoridos. O sinal para veículos, abriu. Marilda procurou correr, alcançar a faixa no meio da rua, salvar-se. A perna quase totalmente paralizada não podia mover-se com ligeireza, estava perra, dormente. Os carros

(Continuação da página 30)

se aproximaram, Marilda gritou por socorro. As dores cessaram. O mundo deixou de existir, caiu num abismo, desapareceu. Marilda ficara sôzinha. Ela e os carros.

Um automóvel que seria o primeiro a atingi-la parou de súbito mas foi violentamente abalroado por outros e atirado para a frente. O trânsito ficou congestionado durante um quarto de hora e numerosas pessoas correram ao encontro da desconhecida. Suas pernas estavam esmagadas, mas o rosto, sereno como se estivesse repousando.

Marilda não voltaria mais ao serviço, não se venderia pelos 500 cruzeiros de aumento no ordenado, não sentiria mais fome, estava morta.

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 55,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

O Chefe de Polícia sôbre o caso do "Clube da Lanterna":

— MENTIRAM, MENTIRAM DESCARADAMENTE!

DOIS OBSTACULOS (DIFICEIS) SURGEM NO FIM DA ADMINISTRAÇÃO MENEZES CÔRTEZ: GREVES (BARCAS E ÔNIBUS) E O INQUERITO SOBRE A ENTIDADE UDENISTA ★ DEFENDENDO-SE DOS ATAQUES: SÃO ORIGINADOS POR INTERESSES INCONFESSÁVEIS ★ "DEBABAFO" AO JORNALISTA: — QUERO VOLTAR AO EXERCÍCIO! ★ MANIFESTO AO POVO: — TENHO A CONSCIÊNCIA TRANQUILA DE QUE JAMAIS AGI SOB O INFLUXO DE INTERESSES ESTRANHOS AOS DA COLETIVIDADE.



Reportagem de MENEZES JÚNIOR

Fotos de ALBERTO FERREIRA

MANIFESTO DO CHEFE DE POLÍCIA AO POVO:

— «Como chefe de Polícia, não estou a serviço de paixões políticas, sirvo ao govêrno e enquanto merecer sua confiança estarei neste pòsto de sacrifício, permitam que o diga, cumprindo meu dever para, dentro das limitações legais, e face às circunstâncias, por mais intrincadas e desagradáveis que sejam, procurar proporcionar ao povo segurança e tranqüilidade, concorrendo para um clima de confiança em que todos possam desenvolver suas atividades numa vida digna e feliz. Não é com agitações e intrigas que se obtém clima de confiança e sim com atitudes claras, serenas e enérgicas.

Tenho procurado evitar, na medida de minhas forças e inteligência, tôdas as possíveis agitações e, dentro da esfera de minhas atribuições funcionais, sempre procurarei, pelo menos, contê-las nos mais restritos limites possíveis, principalmente porque sempre se sabe como podem começar, mas nunca como e quando acabam. Tenho a consciência tranqüila que, em todos os episódios dêste

ano e dois meses de gestão a testa do DFSP jamais agi sob o influxo de qualquer influência estranha ao interesse da coletividade a cujo serviço estou.

Nenhuma entidade ou associação teve seu funcionamento embargado senão dentro das mais absolutas formalidades legais. Satisfeitas estas, agirei como sempre tenho agido, graças a Deus, sem qualquer temor ou timidez, mas procurarei sempre não me precipitar, diante dos acontecimentos. Este o dever do chefe de Polícia, e dêle não me afastarei. Jamais fui filiado a êste ou àquele partido político, o que não significa alheamento aos destinos da pátria e, portanto, a evolução dos acontecimentos políticos, em seu mais elevado sentido e significação.

As críticas servem sempre para lembrar providências e por isto as analiso e respeito, tanto mais quanto vierem reforçadas por crédito de sinceridade. ass.) Geraldo de Menezes Côrtes, chefe de Polícia.

● Poucas vèzes, nos últimos anos, um Chefe de Polícia terá se defrontado com problemas como os que agora se acumulam sobre o "bureau" do coronel Geraldo de Menezes Côrtes. No charivari em que interesses políticos se confundem com problemas policiais ou de alçada judiciária, a par da energia indispensável, necessário torna-se um tino altamente político e, porque não dizermos, grande senso diplomático, no melhor

estilo itamaratiano... Juntamente com os problemas que se pode considerar normais, de repressão ao crime e aos costumes, de trânsito (bastante descuidados, reconheçamos, na hora que corre), bem como o trabalho preventivo da polícia, vê-se agora o subordinado direto do ministro Prado Kelly à frente de outros, mais graves e, na sua essência, de fundo político. Conseguirá levar a bom porto o seu barco?

OS DOIS PECADOS DE CÔRTEZ



ALÉM DOS PROBLEMAS NORMAIS decorrentes do cargo executivo que ocupa, outros mais surgiram ao coronel Menezes Côrtes. Segundo os que no momento o atacam, dois são os seus maiores pecados, ambos mortais.

Dois, principalmente, são os pecados atribuídos ao coronel chefe de Polícia pelos seus detratores: chamam-no de **contraditório** em virtude das razões que este teria apresentado contrariamente aos interesses dos que desejam o fechamento do «Clube da Lanterna», quando tal lhe foi exigido — a não transgressão dos dispositivos das leis nº 1.802 e 9.085 e mais, considerando que a entidade estaria exercendo um direito legítimo de crítica e debate doutrinário. Entretanto Côrtes — segundo os que o acusam — baixou a portaria de número 1.064, pela qual mandou instaurar inquérito policial «tendo em vista que o manifesto da Comissão Executiva Nacional e do Conselho Central do Clube da Lanterna, assinado em 12 de outubro, contém implicitamente um apêlo à resistência de ato ou decisão da Justiça Eleitoral». Por isso, o chefe de polícia estaria «agindo de má fé».

O outro erro imperdoável ao coronel Côrtes diz respeito a paralisação do serviço de barcas que une esta capital a Niterói. Há quem afirme ser de sua alçada evitar um dissídio e fazer retornar a normalidade as embarcações paralisadas pela própria empresa concessionária, interessada em majorar os preços que, por decisão judiciária, deverão permanecer como estão. Não havendo aumento de tarifas não há aumento de salários e os empregados (alguns) cruzam os braços. Da mesma forma, esboça-se uma greve dos trabalhadores em transportes coletivos, também desejosos de melhoria em seus salários. Esperam alguns que o coronel Côrtes proíba ou impeça por qualquer outra forma os movimentos grevistas. Então, o militar na berlinda sai a público para esclarecer sua posição: — os que estiverem dispostos a trabalhar serão garantidos pelas armas da Polícia Militar. Em último caso, os mesmos soldados conduzirão os barcos e os ônibus...

OFENDE-SE O CHEFE DE POLÍCIA

— Estou sofrendo ataques gratuitos de elementos que desconhecem tudo o que diz respeito a administração pública, movidos por interesses inconfessáveis.

Cita um exemplo:

— Acusam-me no caso das barcas Rio-Niterói. No entanto trata-se de contrato de concessão da alçada do Departamento de Concessões do Ministério da Viação. Nada tem que ver a polícia com isso, com possíveis violações desses contratos, pois não lhe cabe fiscalizar e nem sequer conhece seus termos.

Visivelmente contrariado com os ataques que vem sofrendo diariamente o coronel Côrtes refere-se as greves e aos meios de que dispõe para coibir as perturbações na vida pública das ruas:

— Sempre a polícia esteve preparada para enfrentar situações idênticas, e desta vez, está mais do que sempre.

Incisivo:

— Manteremos a ordem e, se necessário fôr, nossos homens conduzirão os ônibus e as lanchas!

«SÃO MENTIROSO!»

Prossegue o entrevistado ao repórter da REVISTA DA SEMANA, agora sobre o caso criado em torno do famoso «Clube da Lanterna»:

— Jamais afirmei que a polícia nada tinha contra o «Clube da Lanterna». Os que divulgaram essa suposta declaração mentiram, mentiram descaradamente. Tanto tínhamos — acrescenta — que o assunto estava sendo estudado e agora estamos procedendo a um inquérito para apurar os fatos que transgridem a ordem político-social. E um dos que mais mentiram foi o jornalista Danton Jobim...!

ÚNICO DESEJO: RETORNAR AS ARMAS

Encontramos um Menezes Côrtes diferente daquele entusiasta que sucedeu ao general Âncora. Abatido, cansado e, até certo ponto desiludido, confessou ao repórter no final da entrevista:

— Só tenho um desejo, que é voltar às fileiras do Exército em 31 de janeiro!

GREGOS OU TROIANOS?

● Geraldo de Menezes Côrtes foi investido no cargo de Chefe de Polícia em agosto do ano findo, escolhido por Café Filho e contando com o apoio, inclusive, da oposição. Todos reconheceram-lhe o inegável valor e capacidade para tão espinhosa tarefa.

Lembramo-nos que antes substituiu Estrela na direção do Serviço de Trânsito, tendo feito conferências brilhantes sobre o nosso eterno problema, baseado em observações colhidas nos EE. UU. Uma destas, durante um almoço no Rotary Club, constituiu-se num verdadeiro sucesso. As demonstrações grá-

ficas impressionaram a todos. Entretanto, a prática de tais idéias, se houve, não foi sentida. Com a Chefia de Polícia, até certo ponto, sucedeu o mesmo.

Este não é um caso virgem. Não. É regra quase geral os que ocupam cargos públicos executivos decepçarem. A prática, parece, oculta segredos que a teoria não ensina. Capacidade, reconheça-se, não falta ao atual Chefe de Polícia. Queremos crer que boas intenções também não. Afinal, o que é que há? Será que nós, o povo, somos gregos e os senhores dos postos executivos, no Brasil, só atendam aos troianos?



O HOMEM, O SÍMBOLO E O EXEMPLO... —
Nenhuma entidade ou associação teve seu fun-
cionamento embargado senão dentro das mais
absolutas formalidades legais!

TRÊS "LÂMPIÕES" DE UMA VEZ

● Um só Capitão Virgulino já deu trabalho a valer, às forças policiais («macacos») do interior do país. Imaginemos se alguma vez, por artes diabólicas, dois Lampiões absolutamente idênticos se defrontassem nas caatingas... Seria confusão na certa.

E se na hora do barulho aparecesse um terceiro? Era Lampião demais, até em tempo de racionamento de energia elétrica.

Pois foi o que sucedeu no palco do Municipal quando a Associação Brasileira de Teatro ali realizou a memorável «Poeira de Estrélas» com quase todos os elementos destacados do nosso teatro. Em dado momento, invadiu o palco, de carabina em punho, o Lampião n° 1, a provocar terrível susto nos artistas que ali já se encontravam. Era Sérgio Cardoso, o protagonista lendário, tal como aparece na peça de Raquel de Queiroz, representada por esse artista em São Paulo. Mas quando a situação parecia acomodada, apruma-se no tampo da cena, o Lampião n° 2, a reclamar os seus direitos de primazia... Era o ator Elísio de Albuquerque, intérprete do mesmo papel, na extinta Companhia Dramática Nacional, quando a peça de Raquel foi levada ali mesmo no Municipal. Houve um bate-bôca violento entre ambos, e já o Lampião paulista conversava em tom macio com o carioca, quando apareceu o terceiro capitão Virgulino — o jovem ator Paulo Goulart, criador do papel ao ser a peça estreada no Teatrinho Duse, antes de as anteriores encenações...

Houve um sussurro na platéia. E no palco, homens e mulheres preparavam-se para gritar educadamente, quando Alda Garrido (nas roupas masculinas da «Mulher de Brita») apareceu, gritou, gesticulou, falou grosso e terminou por «avacalhar» bonito os três Lampiões...

Não fôsse a Alda, o Municipal seria lotado de Virgulinos, aos quais ela «barrou» a entrada, inclusive ao Lampião do filme «O Cangaceiro». Esse só não entrou para evitar que também Lima Barreto fizesse ato de presença e açambarcasse, êle sozinho, o «cartaz» dos 40 grandes intérpretes de «Poeira de Estrélas»...

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 45 — Rio de Janeiro — 5-11-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-9647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00. Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**A FIGURA
EM FOCO**

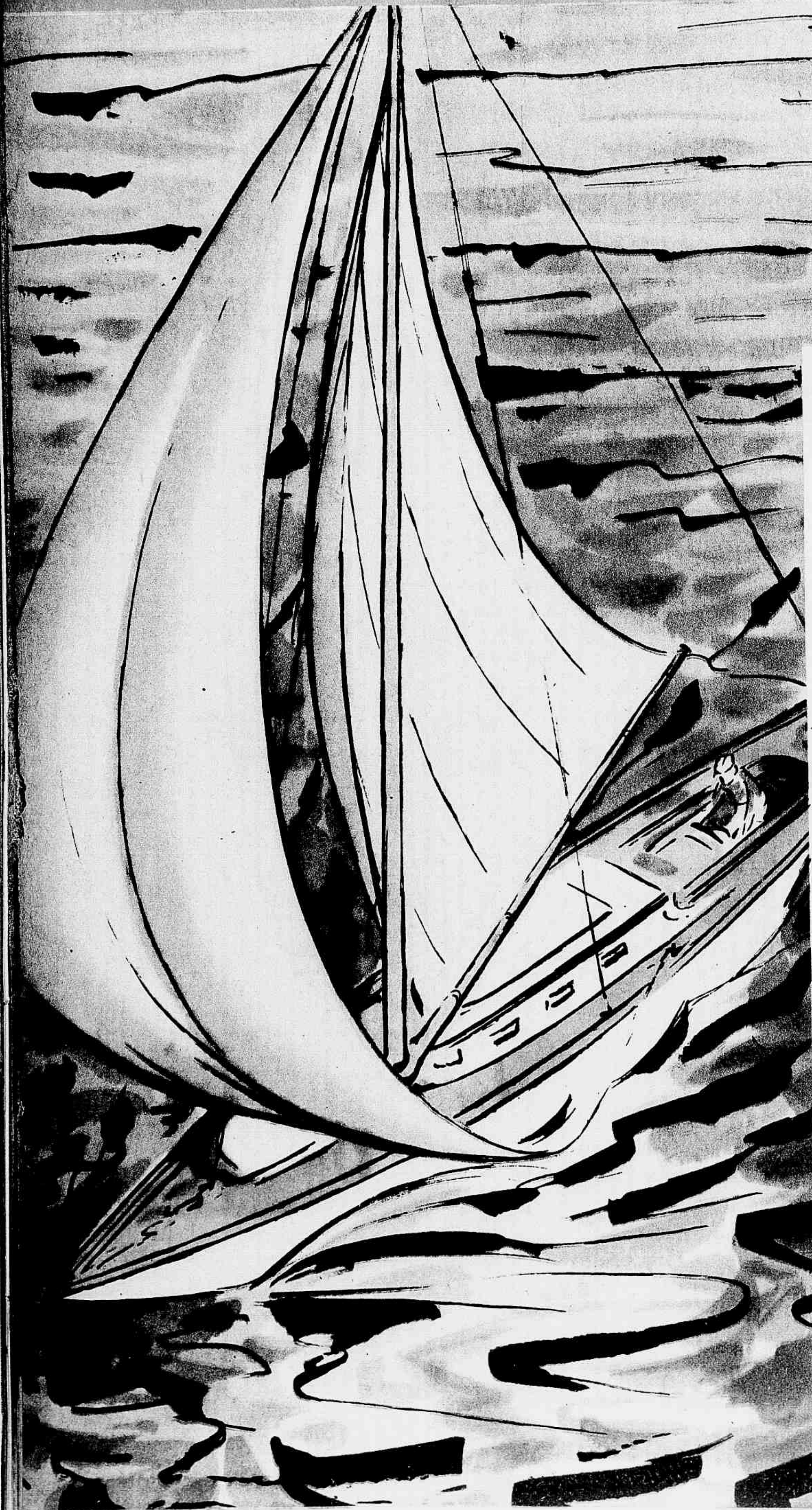


G. M. C.

Este é um Cheie valente
Com ele não tem bandeira:
Põe os carros sempre em frente
E os filmes na prateleira...

O BEIJO DE "EL DIABLO"

(Copyright Keystone)



ENTREMENTES, Skye e Juan conduziam El Diablo para longe da refrega. Uma pequena charrete, conduzida por uma criança, apontou ao longe, numa esquina. Ali estaria a salvação. Skye resolutamente avançou para ela; e pediu, incisiva:

— Leve-nos até ao cais, por favor!

— Pois não, señorita.

Embarcaram em silêncio na pequenina viatura. Skye buscava em vão estancar o sangue da ferida de El Diablo. Finalmente chegaram, após por duas vezes evitar os policiais de Alejo.

— Traga El Cabeza para cá também, gritou Skye para Juan, enquanto enchia as mãos do atônito garoto que os havia conduzido até ao iate com um punhado de notas.

Então, quando erguiam o corpo de El Diablo para o interior do «Liberty», o belo iate de Skye, plácidamente ancorado numa baía tranqüila, Skye reparou o semblante pálido de seu raptor, e pensou que Juan talvez se tivesse enganado há poucos instantes, ao dizer que El Diablo não estava morto. E nesse momento, com uma angústia nascida de um repentino desespero, Skye sentiu que amava o bandido.

Skye achou que coisa alguma a alegraria tanto, em toda a sua vida, quanto a pachorra eminentemente escocesa do velho capitão Maclean, ao dirigir-se para ela, assim que a avistou assomar ao iate. O capitão, olhando para El Diablo, exclamou:

— Vamos trazê-lo para dentro.

Depois de tudo feito, Skye pouco ou quase nada se lembrava de como conseguiram arrancar o paletó e as roupas empapadas de sangue de El Diablo para cuidar de seu ombro ferido. Soube, indistintamente, que de uma maneira quase inconsciente deveria tê-lo amado por muito tempo — aquela noite, quando empunhara o revólver, sem coragem de detoná-lo, o momento de horror ao encontrar-se com Pedro na caverna e ao ouvir o nome de El Diablo eram disso prova. Quão tãla e indelicada fôra durante todo êsse tempo! A moça ergueu-se um pouco da beirada da cama onde estava sentada, a fim de descansar o corpo adormecido naquela posição. Ao levantar-se, El Diablo abriu os olhos. Por momentos, ela se espantou com o olhar distante daquele homem que a pouco e pouco voltava de um outro mundo, da inconsciência para a consciência. Foi quando o ferido perguntou com voz débil:

— Onde estou?

— A bordo de meu iate, respondeu Skye. Você foi ferido, e estamos indo para Montevidéu, onde conseguiremos um médico que o possa curar.

— Estou ferido? Sim, lembro-me de tudo agora. Os miseráveis atiraram em Marcos, que nos vinha avisar de uma cilada. Preciso voltar imediatamente!



Por BARBARA CARTLAND

CAPÍTULO VII

Desenho de RAMÓN

— Não seja ridículo. Como pode você voltar nesse estado? Precisa de um bom médico, e esse, só o encontraremos em Montevideu.

Com efeito, ao chegarem à bela enseada de Montevideu, um cirurgião já os aguardava. Skye o conduziu até ao beliche onde jazia El Diablo, sem dizer qualquer palavra.

— Uma ferida dolorosa e profunda.

— Mas ele conseguirá escapar, doutor?

— Claro, conseguirá. Hoje em dia, com os últimos medicamentos, conseguimos triunfar sobre as moléstias que há alguns anos atrás somente nos roubavam inúmeros pacientes.

A competência do cirurgião e os cuidados de Skye pareciam não agradar muito a El Diablo, que não cansava de se queixar:

— Vocês pensam que posso ficar aqui indefinidamente? Acho que estou em condições de levantar-me, e vou levantar-me, a despeito de tudo o que diz esse médico.

— Se você é capaz de fazer coisa tão tola, Evans, hei de amarrá-lo na cama.

— Ao diabo com Evans! Dê-me um beijo, e talvez essa noite eu não vá ter pesadelos com Alejo, como na passada.

Tremendo tanto que chegava a recear que ele o notasse, e esboçasse qualquer reação Skye aproximou seus lábios dos de El Diablo, e depositou-lhes um beijo. Foi um beijo ligeiro, o toque de uma borboleta; e El Diablo sorriu da timidez da moça.

REVOLUÇÃO

— Ainda é o máximo que você consegue fazer? Tenho de confessar que você é o meu pior aluno.

As palavras de El Diablo eram uma suave recriminação. Skye, porém, o sentia embarçado cada vez mais com o sentido das palavras, seus olhos começavam a cerrar-se, enquanto o sono pouco a pouco tomava conta de todo o seu ser. A moça subiu até ao convés. Uma cadeira confortável estava ali armada especialmente para ela descansar. Ali deixou-se ficar, tão absorta em pensamentos, que não percebeu o vulto que dela se aproximava lentamente, só saindo da espécie de letargia em que tombara quando uma voz familiar lhe segredou quase ao ouvido:

— Eis então a heroína!

Descerrou então os olhos, e com um gritinho de alegria, estendeu a mão para o homem que falara, e que era nada mais nem menos que Jimmy Donaldson, em pé, sorridente, diante da prima.

— O rádio ontem anunciou a noite inteira que uma revolução se desenvolvia em Mariposa. Pensei que podia estar em apuro, e resolvi ir até Jacara a fim de vê-la. Mas lá chegando, já

encontrei a revolução vitoriosa, com os rebeldes no poder, celebrando a morte de Alejo, o ditador odiado.

— Alejo foi morto? Mas, se tal for de fato verdade, El Diablo deverá voltar imediatamente para a capital. Só ele poderá controlar a situação, pois sem a sua presença ninguém sabe o que pode acontecer.

— Pelo nome de Deus, você falou em El Diablo?

A voz de Jimmy era trêmula e nervosa.

— Claro que sim. Não compreende, Jimmy? El Diablo está bem perto de nós, aqui mesmo nesse iate!

— Meu Deus! exclamou o diplomata.

— Ele é inglês, Jimmy, tão inglês quanto você. Seu verdadeiro nome é Guy Tremayne.

— Guy Tremayne! Não acredito, não posso acreditar! Você está levando muito longe sua brincadeira!

— Mas acredite-me! É a pura verdade!

— Então, é o lugar em que El Diablo se escondeu! O iate de minha querida prima! Fiz todas as investigações possíveis, mas não poderia nunca descobrir um esconderijo tão perfeito.

— Então, fez investigações? Porque, como e quando? Não, não me responda: preciso dar ordens ao comandante para dirigir-se imediatamente a Jacara. Não vê a importância da presença de El Diablo lá, agora que Alejo está morto?

— Pelo menos, deixe-me ver aonde está esse homem, Skye.

A moça conduziu-o até ao interior do iate, onde, num beliche, jazia a figura robusta de El Diablo.

— Alô, donzela de gelo!... Eu acaso cheguei a causar-lhe muitos transtornos?

A voz de El Diablo era irônica. Mas foi então que ele reparou que Skye não estava só.

— Apresento-lhe meu primo, Jimmy Donaldson, disse Skye, timidamente.

— Eu já o conheço sobejamente, atalhou Jimmy, sério e glacial. Tenho acompanhado por muitos anos suas aventuras, e — permita que lhe diga — não as aprovo de maneira alguma.

— Você não deve tratá-lo assim, Jimmy. Não permito que o ofendas dentro de meu iate.

— Esse homem é um criminoso, Skye. É verdade que Alejo era um facínora, mas os crimes de um não justificam os de outro. E eu bem sei o que El Diablo realizou durante tantos anos. Não sabe acaso minha ilustre prima que não se deve agasalhar uma víbora? Ela terminará sempre por nos inocular o seu veneno mortal.

El Diablo a tudo escutava sem dizer palavra. Por vezes, apesar de muito fraco, percebia-se que estava a ponto de levantar-se para discutir com Jimmy, para dizer-lhe algo que, tinha a

certeza, seria um ponto final na conversa. Mas o respeito que lhe incutia aquele homem, primo de Skye, era mais forte, e El Diablo continuava calado. Skye, porém, já muito próxima da indignação, acabara de exclamar, em altos brados, para Jimmy:

— Não admito que fale assim com meu mo-

O rosto do diplomata ficou pálido como cera. E suas mãos agarraram-se a uma cadeira, evitando uma queda que, ao que tudo indicava, iria acontecer naquele mesmo instante. Quando recuperou um pouco da calma anterior, balbuciou, frouxamente:

— Seu... seu marido? Você disse seu marido?

— Sim, casamo-nos há muitas semanas, perante um sacerdote. Porque? Desde quando deseja controlar minhas ações?

Jimmy Donaldson retirou-se lentamente.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE PUBLICADA

A LOURA, rica e bela herdeira Skye Standish, que está de visita à republiquetinha de Mariposa, em viagem de turismo, a bordo de seu iate, o «Liberty», é raptada por El Diablo, um aventureiro sem entranhas, quando passeava pelos arredores de Jacara, a pequena capital do país. El Diablo a conduz, através das montanhas, para o esconderijo onde ele e seu bando se asilam, e de onde saem, na calada da noite, para guerrear os homens de Alejo, o terrível ditador de Mariposa. Skye Standish é forçada a casar-se com o bandido, e por mais que tente fugir, uma força superior à sua a obriga a permanecer junto ao odiado marido. Dois emissários chegam um dia à caverna de El Diablo: são agentes de Alejo, e convidam o rebelde a comparecer, com seus homens, a Palácio, a fim de discutir com o ditador as cláusulas de um armistício; Mariposa, segundo eles, não aguentará por mais tempo aquela luta fratricida. El Diablo acede, pois o que deseja é a pacificação do país, e não a sua perda. Mas quando, acompanhado de seus melhores combatentes, entra nas ruas centrais de Jacara, é recebido sob uma chuva de projéteis, que dizimam sua escolta e terminam por lançá-lo por terra, mortalmente ferido. Era a traição de Alejo, que muito tarde fora descoberta. Enquanto trava-se furiosa luta pela posse da capital — luta que terminará pela vitória dos revoltosos com a consequente morte de Alejo — El Diablo, perdendo muito sangue, é conduzido ao «Liberty» por Skye, e tomam todos o rumo de Montevideu, onde um cirurgião é consultado. Um homem aproxima-se de Skye, no convés do iate: é Jimmy, seu primo, que se espanta ao saber que a jovem traz El Diablo escondido a bordo. Em face dos últimos acontecimentos, que lhe são transmitidos pelo parente, Skye determina ao comandante do «Liberty» o regresso urgente de todos a Jacara. Só El Diablo será capaz de dominar a situação, evitando um derramamento inútil de sangue.

DE PAPEL"

— Seu idiota! Você pregou uma estampilha de cabeça para baixo!

— Claro! É a do Instituto de Plantadores de Bananeira.

— Chefe, é a respeito daquele macaco do circo, que fuma, usa óculos, dança, joga bilhar, anda de bicicleta, toca violino, etc., etc. Pode embarcar com talão de bagagem ou só com passaporte?

— Meus pêsames, querida. Soube que você perdeu o marido... Já requereu segunda via?

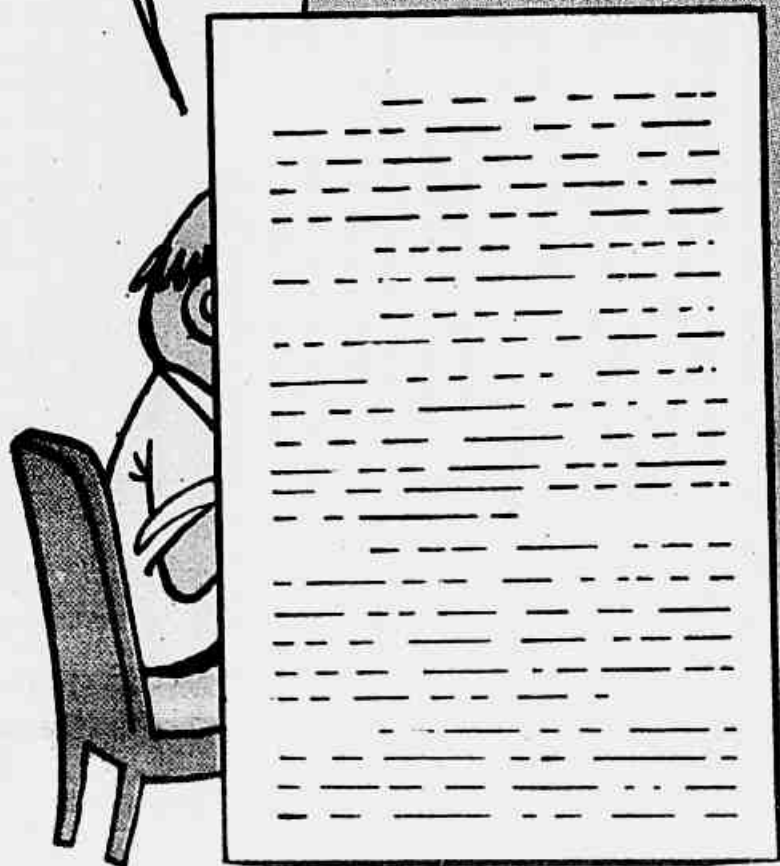


— Já que o senhor deseja processar os caluniadores que o acusam de plágio, basta trazer a denúncia por escrito.

— Aceitam cópia a carbonô?

— Puxa! Vinte multas por estacionamento proibido! Afinal, o senhor tirou Carteira de Motorista ou Alvará de Localização?

Nesta semana, como viram, não foi possível apresentar nossos bonecos. Ficaram todos atrás da «Cortina de Papel».





Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gosto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

